

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS – PPGMEL

CAMILA TORRES



**ENTRE ENEIDAS E CAMILAS:**  
afinidades e construções *lócusbicríticas*

CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO/ 2016

**CAMILA TORRES**

**ENTRE ENEIDAS E CAMILAS:**  
afinidades e construções *lócusbiocríticas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Edgar  
César Nolasco.

Área de concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados

CAMPO GRANDE – MS  
AGOSTO/ 2016

**CAMILA TORRES**

**ENTRE ENEIDAS E CAMILAS:**  
afinidades e construções *lócusbicríticas*

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador/ Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Profa. Dra. Angela Maria Guida  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

---

Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

---

Profa. Dra. Natália Fontes de Oliveira (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

---

Profa. Dra. Márcia Gomes Marques  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de  
Linguagens – UFMS

À Eneida, sempre.

## AGRADECIMENTOS

Porque gratidão é a memória do coração.  
Muito obrigado é tudo que eu tenho a dizer  
Muito obrigado  
Muito obrigado a você

LEONI. Muito obrigado. s.p.

Agradecer representa um estado de felicidade para os ocidentais. A mim, parece um pouco contraditória esta visão, porque escrever é difícil. É um trabalho que exige muito mais equilíbrio emocional, do que dedicação. É um fardo pesado, mas se não carregado, não pode consolidar a existência do ser. Torna-se insustentável.

Esta dissertação representa o fechamento de mais um ciclo da minha vida profissional. Dessa forma preciso agradecer àqueles que foram fundamentais na edificação, desenvolvimento e finalização deste projeto. Primeiramente, eu não poderia deixar de agradecer a Deus por esta etapa. A força espiritual é o que me move. A fé transcende meu ser e me manteve firme nos momentos de fraqueza e da vontade de desistir. Assim não poderia deixar de agradecer aos seres celestes que possibilitaram findar este trabalho.

Agradeço em segundo lugar ao meu orientador. Professor Edgar César Nolasco dos Santos. Professor, ao longo de todos esses anos de convivência, ainda me lembro da imponência de sua primeira aula e do dia em que bati na sua porta pedindo orientação. Obrigada por tudo. Pelos conselhos, pela amizade, pelo companheirismo, pela fidelidade, puxões de orelha.

Eu queria saber escrever palavras bonitas para o senhor, mas eu não sei, porque a admiração que sinto passa pelo lado da emoção e quando estou emocionada, eu choro. É impossível não chorar. Faz mais ou menos seis anos que eu venho ao NECC todos os dias, passamos mais tempo juntos do que eu passo com minha família e amigos. No NECC criei valores; aprendi/o com o senhor; tenho uma vida profissional boa e próspera, porque se hoje eu como sou, profissionalmente, agradeço a sua paciência e dedicação. Você pega, a gente que é neccense, pela mão e ensina. Ensina porque ama e transfere esta amância a nós que te acompanhamos, que entramos na sabatina, ou melhor, no tronco.

O NECC é um projeto seu que aprendi a amar observando o senhor amar. No NECC, te vi chorar, brigar, lutar pelos nossos direitos. No NECC chorei, briguei, aprendi a lutar pelos meus direitos. Tinha dias que tudo era cansaço, mas é ali que meu sonho se renova todos os dias e ganho forças para continuar a minha trajetória intelectual e profissional. Assistir à suas aulas, me motiva para dar as minhas. Saiba que eu me espelho e sempre serei muito grata ao senhor por cada palavra. Sem o senhor esta dissertação jamais seria escrita.

A CAPES/CNPQ que contribuiu financeiramente com a minha pesquisa. Investindo uma bolsa de estudos em meu projeto e acreditando que o mesmo ainda tem muito a contribuir com a crítica literária acadêmica, dentro e fora do Brasil. Bem como à UFMS que tem sido a minha casa. E aos professores queridos que compõem este lugar. Muito obrigada!

A minha família que nunca esteve alheia a minha vida. Desde criança fui criada como uma princesa, mas não como aquelas mocinhas. Não. Meus pais me ensinaram a ser guerreira. Falar alto, brigar. (Como eu brigo, meu Deus!) A minha mãe, Maria de Fátima da Silva Torres, agradeço o apoio, dedicação, zelo, paciência, amor. Esta dissertação foi um processo de cura da nossa relação. Digo mais, depois de ler Ortega, Derrida, Calvino, Paz, dentre outros, hoje me sinto sua amiga. Cada momento pelo qual passamos compõe parte de uma bricolagem que jamais poderá ser alterada, mas que pode ficar cada vez mais bonita. Obrigada por me esperar e por saber que ainda existe algo de bom em mim. Por não ter desistido de tudo isso.

Ao meu pai, Ermelindo Torres, agradeço cada dia em que levantou cedo e me trouxe ao NECC. Pelos livros comprados, mesmo sem ter condições. Pelas manhãs de conselhos calmos e sorrisos sinceros, por toda demonstração de afeto e carinho desde que nasci. Por me colocar em primeiro lugar na sua vida e fazer todas as minhas vontades. Pelo distanciamento muitas vezes necessário em qualquer relação. Pela sua desatenção que até hoje me pergunta “como vai a escola?”... Você é um super pai.

Agradeço a tia Marly e a avó Alzira, você duas acompanharam o processo de estudo, de aprovação, de ingresso no mestrado. Durante dois anos vocês foram suporte incondicional, aguentaram os dias de estresse, aguentaram meus discursos teóricos durante as conversas sobre novelas. Foram mais que teto, passaram de família a conselheiras, confidentes, amigas, psicólogas. Sou grata a vocês. Muito grata. Agradeço aos meus irmãos Gabriel e Mariana. Mesmo sem entender, vocês estavam ali. Tirando sarro, brincando, levando com leveza o fardo pesado que a minha escrita deixou na casa toda. Agradeço ao tio Ronaldo Mazoni, pelos materiais e pela amizade e confiança.

Quanto aos amigos, ah os amigos! Talvez seja injustiça citar, mas alguns foram essenciais, seja pela contribuição intelectual, ou pelos cafezinhos nos corredores, ou pelas bebedeiras de sábado à noite. Assim sem importar a ordem citada, agradeço a Francine e ao Eduavison pelo coleguismo diário e pelos momentos de tortura juntos. À Fran, por me ensinar a amar as letras, comer as letras, observar mais que falar. Ao Edu, por me fazer acreditar nas pessoas, mesmo que eu ainda na tenha aprendido.

À Natê, Glaecy e Beto que foram companheiros durante essa trajetória. Que me deram força e expressaram toda a admiração por mim durante os dois anos em que escrevi. Obrigada pelas risadas e companheirismo. À Tatyane e ao Elias que mesmo de longe nunca deixaram de se fazer presentes.

Agradeço a amiga de alma Débora Oliveira que aprendi a amar e que me deu muita força para não desistir.

Agradeço às amigas de infância e adolescência Deborah Mussi e Larissa Ávila. Pela promessa que fizemos de nunca nos decepcionar.

Agradeço a minha amiga Thaíssa Moreira Prado. O seu abraço foi um dos mais importantes de todos. Sua paciência foi meu ombro amigo. Eu não tenho palavras para te agradecer. Eu nem consigo te escrever, porque me sinto tocada.

Agradeço ao meu amigo, veterano Rony. Eu já te mandei muitas mensagens de agradecimento desde que você me puxou pela mão e me apresentou o NECC. Criei por você um carinho muito grande e sei que, mesmo distantes, o carinho não deixa de existir. Obrigada pelo suporte intelectual e pelos desabafos no caminho de casa. Você me inspira a querer continuar.

Não só você, o professor e amigo Marcos Bessa foi/é ímpar na escrita da minha dissertação. Marcos, eu poderia assistir suas aulas para o resto da vida. Eu acho tão bonito como você fala. Agradeço-te pelos textos publicados e por compartilhar e dar ideias para minha escrita.

Agradeço à Luiza e ao William pelas risadas e cafezinhos de corredor. Bem como aos demais neccenses: Fernando, Pedro, Milena. À professora Angela Guida por toda a poesia que carrega consigo. Obrigada.

Agradeço ao amigo Rudson Valentim Correia que acompanhou o processo de mestrado em todas as suas fases, mas que hoje foi ganhar voo em terras mineiras para fazer jus a minha predileção intelectual. Obrigada pelo apoio nos momentos difíceis e pelas cervejadas do fim de semana, festas, pela Valley nossa de cada dia.

Dentre os amigos, há aquele que salta ao coração. Jefferson Akamine, pelo companheirismo e fidelidade; pelos sábados de correção e formatação, pelas tardes de conversas alongadas; pelos abraços afetuosos quando quis desistir; por todo o amor que sentimos um pelo outro. Obrigada!

Às escolas em que trabalho e seus dirigentes que compreendem a dificuldade que é estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Agradeço aos meus alunos, que me motivam a querer ser cada vez melhor.

Finalmente, agradeço a Eneida. Sem esta vida nada disso teria sentido.

Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente.

LISPECTOR. *Felicidade clandestina*, p. 43 – 44.

**RESUMO:** Esta dissertação tem como objetivo realizar uma biografia crítica de parte da vida da intelectual mineira Eneida Maria de Souza. A vida tem sido objeto de estudos de muitos pesquisadores e escrever uma biografia não é um trabalho inédito. No entanto, ao me propor realizar uma biografia crítica, não visio meramente reproduzir a vida da autora, ao falar de Eneida acabo por falar de mim. Desta forma, o trabalho se encontra estruturado em três capítulos. O primeiro intitula-se “ENEIDA MARIA DE SOUZA: para um debate *locusbiocrítico*” em que traço o caminho epistemológico que norteará a dissertação; O segundo chama-se “DOS (MEUS) PLURIARQUIVOS: a memória fronteiriça em Eneida Maria de Souza”, no qual abro o arquivo da intelectual revirando meus documentos e os dela; já o terceiro, “O FASCÍNIO PELO EXERCÍCIO DA CRÍTICA”, nele esboço o caminho percorrido por Eneida na academia, enquanto crítica. Dessa forma, nesta dissertação, trago vida/obra da autora no mesmo plano. Para isso, busco articular meu lugar de enunciação como referente para erigir o meu pensamento, ao qual chamo descolonial. Ou seja, ao considerar tal premissa, considero que a fronteira em que estou radicada, além de ser o meu lugar, também é a única condição para que eu possa falar sobre a autora. Além dos estudos fronteiriços, a perspectiva da crítica biográfica é uma constante nesta dissertação, posto que a mesma me abre portas para que eu pense fora do âmbito exclusivo da Literatura. Outros conceitos como o de arquivo e amizade também se configuram importantes, aqui, pois me ajudam a pensar melhor a relação de Eneida com o outro e de Eneida comigo. Desta forma, ao longo da escrita de toda a dissertação tomo como aporte teórico os postulados de Walter Mignolo; Jacques Derrida; Francisco Ortega, Edgar César Nolasco e a própria Eneida Maria de Souza.

**Palavras-chave:** Eneida Maria de Souza; Estudos fronteiriços; Crítica biográfica pós-ocidental.

**RESUMEN:** Esta tesis tiene como objetivo llevar a cabo una parte de la biografía crítica de la vida intelectual de Eneida Maria de Souza. La vida ha sido objeto de muchos estudios de investigación por los investigadores y escribir una biografía no es un trabajo inédito. Sin embargo, cuando me propongo realizar una biografía crítica, tengo como objetivo no solamente reproducir la vida de la autora, porque al hablar de Eneida termino por hablar de mi vida. Así, el trabajo se divide en tres secciones. El primero se titula "ENEIDA MARIA DE SOUZA: para un debate lócusbiocrítico" que traza el camino epistemológico que guiará la disertación; El segundo se llama "DE (MIS) PLURIARQUIVOS: la memoria fronteriza en Eneida Maria de Souza," en que abro el archivo de la intelectual rebuscando mis documentos y los de ella; ya la tercera, "LA FASCINACIÓN POR EL EJERCICIO DE LA CRÍTICA," que delinea el camino tomado por Eneida en la universidad, como crítica. Por lo tanto, en esta tesis, traigo vida / obra del autor en el mismo plano. Así, intento hablar de mi lugar de enunciación como una referencia para erigir mis pensamientos, que llamo decolonial. Es decir, al considerar esta premisa, creo que la frontera donde yo estoy arraigada, además de ser mi lugar, es también la única condición para que yo pueda hablar sobre la autora. Además de los estudios fronterizos, la perspectiva de la crítica biográfica es una constante en este trabajo, ya que abre las puertas para que yo pueda pensar fuera del contexto exclusivo de la literatura. Otros conceptos tales como archivo y la amistad constituyen también importantes aquí, porque me ayudan a pensar mejor relación Eneida con el otro y Eneida conmigo. Por lo tanto, durante la redacción de toda la tesis tomo como postulados teóricos los pensamientos de Walter Mignolo; Jacques Derrida; Francisco Ortega, Edgar Cezar Nolasco y Eneida Maria de Souza.

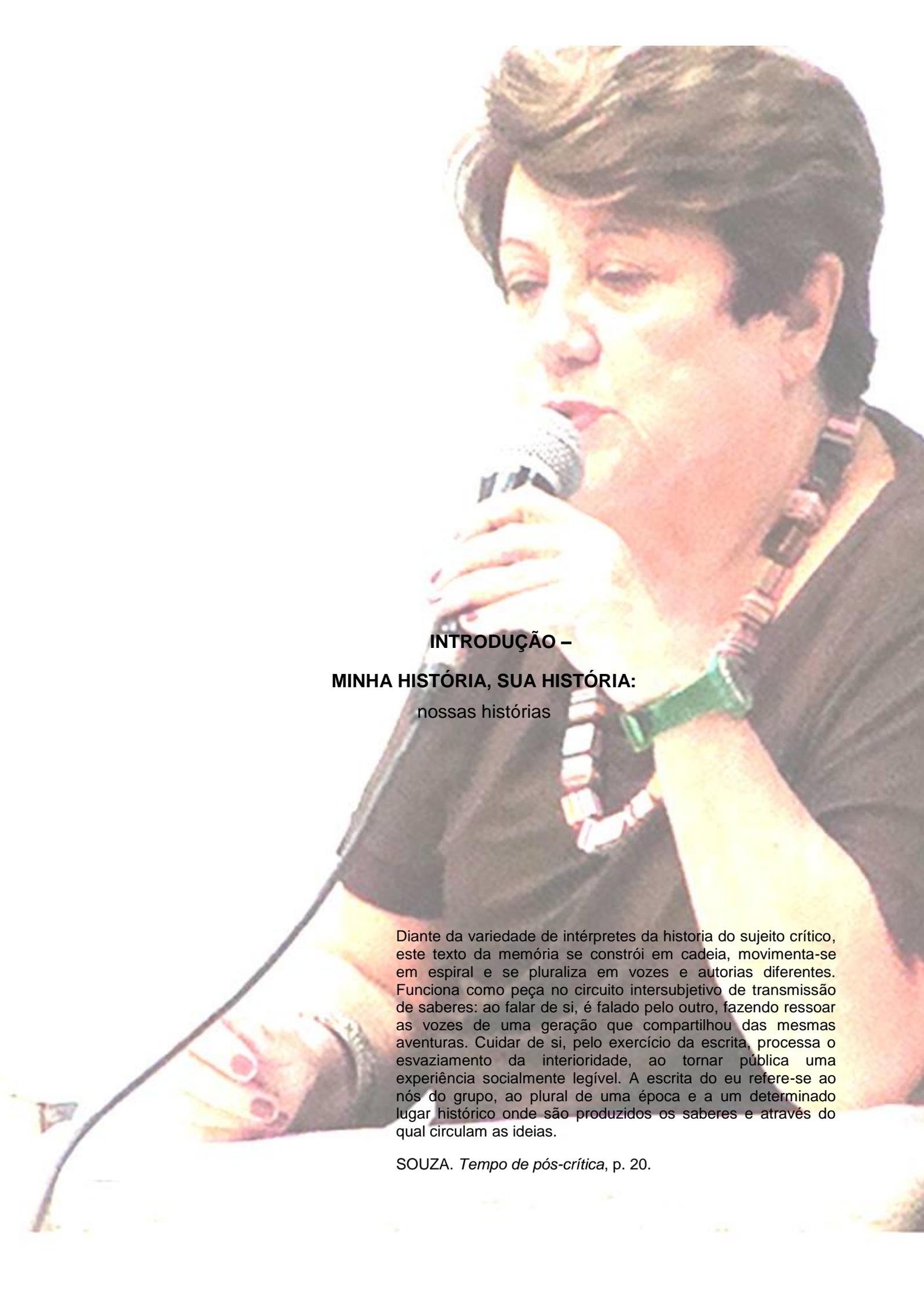
**Palabras-clave:** Eneida Maria de Souza; Estudios fronterizos; crítica biográfica pós-occidental

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Eneida Maria de Souza.....	29
Figura 02 – Foto Eneida Maria de Souza (editada).....	39
Figura 03 – Autógrafo de Eneida Maria de Souza.....	107
Figura 04 – Cartaz de divulgação .....	108
Figura 05 – Eneida em momento de autógrafo.....	109
Figura 06 – Autógrafo de Eneida Maria de Souza.....	110
Figura 07 - Ilza Campos Sad, Lilita e Eneida, 1998.....	111
Figura 08 - Página de agradecimento do livro.....	163
Figura 09 – Capa do livro.....	169
Figura 10 – Foto da capa do livro .....	173
Figura 11 – Capa do livro .....	177
Figura 12 – Capa do livro .....	182
Figura 13 – Capa do livro.....	186
Figura 14 – Folha de rosto do livro .....	187
Figura 15 – Folha de rosto do livro .....	194
Figura 16 – Capa do livro .....	195
Figura 17 – Capa do livro .....	203
Figura 18 – Cartaz do filme .....	204

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – MINHA HISTÓRIA, SUA HISTÓRIA:nossas histórias</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I – ENEIDA MARIA DE SOUZA: para um debate <i>lócusbiocrítico</i></b> .....	23
1.1. Minhas razões do coração.....	27
1.2. A Eneida que inventei.....	35
1.3. <i>Lócusbiocrítico</i> : epistemologia lindeira.....	43
1.3.1. Pensamento de fronteira: a intelectual Eneida.....	50
1.4. Sensibilidade <i>fronteriza</i> .....	59
1.5. Descolonial por opção.....	62
1.6. A crítica biográfica.....	71
<b>CAPÍTULO II – DOS (MEUS) PLURIARQUIVOS:a memória fronteiriça em Eneida Maria de Souza</b> .....	79
2.1. O abrir do arquivo.....	82
2.2. Memórias fronteiriças, ainda: arquivar é arriscar.....	91
2.2.1. Nas memórias da fronteira, sou tomada pelas sensibilidades.....	99
2.3. Da crítica biográfica à biografia: os pluriarquivos de Eneida.....	103
2.3.1. Das memórias pluriarquivísticas.....	105
2.4. Exercício biográfico: as memórias nas linhas.....	113
2.5. Paisagens amistosas.....	127
2.6. Entre bibliotecas e mentes: da biografia ao coração.....	132
2.7. “Ao mais sábio dos <i>cults</i> ”: Silviano e Eneida.....	139
<b>CAPÍTULO III –O FASCÍNIO PELO EXERCÍCIO DA CRÍTICA</b> .....	143
3.1. A crise latina.....	150
3.1.1. Um exercício crítico: a (pós-)crítica como sensibilidade biogeográfica.....	154
3.2. Das pesquisas às dedicatórias: <i>Traço crítico</i> .....	163
3.3. Das minas da ficção ao coração: <i>Autran Dourado</i> .....	171
3.4. <i>A pedra mágica do discurso</i> : Eneida e suas saias.....	176
3.5. Projetos intelectuais: o século de Borges e Eneida.....	181
3.6. A crítica <i>cult</i> latina.....	185
3.7. Mineirismos: <i>Pedro Nava</i> .....	191
3.8. Memória e lucidez crítica: <i>Tempo de pós-crítica</i> .....	194
3.9. Leituras pós e afinidades indiscretas.....	202
<b>CONCLUSÃO – GRATIDÃO DA REESCRITURA</b> .....	208
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	217



**INTRODUÇÃO –**  
**MINHA HISTÓRIA, SUA HISTÓRIA:**  
nossas histórias

Diante da variedade de intérpretes da história do sujeito crítico, este texto da memória se constrói em cadeia, movimenta-se em espiral e se pluraliza em vozes e autorias diferentes. Funciona como peça no circuito intersubjetivo de transmissão de saberes: ao falar de si, é falado pelo outro, fazendo ressoar as vozes de uma geração que compartilhou das mesmas aventuras. Cuidar de si, pelo exercício da escrita, processa o esvaziamento da interioridade, ao tornar pública uma experiência socialmente legível. A escrita do eu refere-se ao nós do grupo, ao plural de uma época e a um determinado lugar histórico onde são produzidos os saberes e através do qual circulam as ideias.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 20.

Sem a obsessão do guarda florestal, este texto terá igualmente como objetivo cortar fragmentos de obras, selecionar as afinidades e reconhecer as dívidas contraídas com vários autores. Constitui-se também como biblioteca pessoal e expõe as provas de amizades livrescas, de fantasias teóricas e literárias, ao lado dos retratos da época, volumes manuseados e rabiscados, ou de outros, esquecidos no fundo da estante. Adquirem nova feição os autores que são relidos pelo olhar de hoje, motivado por novo interesse teórico ou pela própria modificação que impuseram à sua obra.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 38.

Cada vez que leio ou releio Emmanuel Lévinas, eu me deslumbro (*ébloui*) de gratidão e de admiração, fascinado por esta necessidade que não é um constrangimento mas uma força que mais doce que obriga, mas não a curvar diferentemente o espaço do pensamento em seu respeito pelo outro, mas a se render a esta outra curvatura heterônima que nos reporta a todo outro.

DERRIDA. “Adieu a Emmanuel Lévinas”, p.216.

A epígrafe acima retirada do texto “Adieu a Emmanuel Lévinas”, de Jacques Derrida, traduz de forma sintomática as palavras que busco para expressar neste momento de minha pesquisa. A gratidão e admiração citadas por Derrida se deslocam para meu texto como elementos que compõem a minha escrita e as minhas sensibilidades ao falar de Eneida Maria de Souza.

A necessidade em falar do outro é uma constante e, como aponta Derrida, não se traduz em constrangimento porque tal admiração nos leva a pensar em transferência<sup>1</sup>. Transferência de vidas, a minha e a de Eneida, que se suplementam em minhas palavras, em meus textos, nos quais falo da/ sobre a minha admirada, falo de mim.

Como não falar da vida do outro se é pela vida deste outro que posso falar sobre mim? Ou seria a partir de mim? Ou ainda de mim? Ao longo desta dissertação, você leitor acompanhará o percurso que fiz para escrever a biografia crítica da intelectual Eneida Maria de Souza ao longo de sua carreira acadêmica,

---

<sup>1</sup> Valho-me do conceito de transferência trabalhado por Rosemary Arrojo que discuto no Capítulo I – Eneida Maria de Souza: para um debate *Iocusbiocrítico*.

que ainda está em plena produção e ao longo da minha vida. *Entre Eneidas e Camilas*: afinidades e construções lócusbiocríticas significa falar de uma *persona* que teve a capacidade de transformar o meu *bios* e aguçar as minhas sensibilidades. Falar em Eneida é pensar no intelectual *cult* e ser *cult* é ter capacidade de revirar a Academia, de repensar e rearticular saberes incrustados nela.

Assim, trato esta dissertação como uma extensão de mim. Quero aqui articular e rearticular, explorar os conceitos. A mesma corrobora a opção que fiz desde o segundo ano de graduação. Estudar o *bios* de Eneida Maria de Souza significa pensar, conseqüentemente, o meu *bios*. Tal como o objetivo da epígrafe de Eneida, aqui recortei, coleí, inventei pedaços para falar da vida da intelectual mineira, para contar a todos sobre a nossa amizade. E que amizade linda! Encontrei Eneida na graduação, fazendo os trabalhos de Teoria da Literatura e até hoje não nos desgradamos, ou melhor, não me desgrudei dela. Eu a escolhi e ela me escolheu, a escolha virou herança. E só me restou tomar tal herança e levar adiante.

Se, por um lado, o desejo é a vontade de falar sobre; por outro, e ainda pensando em Derrida, tal desejo se configura como uma pulsão na qual a minha vida e a de Eneida Maria de Souza estão consignadas. Não posso pensar no meu objeto de amor, sem lembrar a você, prezado leitor, do mal que sofro e que me permite estar viva. É tal desejo que me move. Não me canso de falar de Eneida. É mais que uma necessidade em falar do outro, ou admirar, é um mal que me acomete e que não é de todo tão mal assim, já que é sobre tal vida que parte da minha se configura hoje. Vivo para falar de outrem. Vivo para falar de mim, ainda que nas entrelinhas.

Ao pensar em Eneida, realizo um exercício crítico, visto que, ao escrever sobre a autora, não faço um endeusamento da mesma. Crio, sim, uma personagem e acabo por falar de mim, *grosso modo*, pode se pensar no Eu como Outro (ou vice-versa)<sup>2</sup>. A leitura que proponho aqui é tomar o outro como espelho. No sentido de falar de mim quando falo sobre o outro. Posso dizer que nas entrelinhas na qual me inscrevo está presente a consciência de si. Nas palavras de Benedito Nunes:

A consciência de si é também consciência do outro; e aí ela se contradiz ou se desdobra por força do desejo de outrem que a exterioriza. Possessiva é a consciência que a acompanha, e desse ponto de vista o outro é meu antagonista. Cada consciência, portanto, converte-se para a outra num objeto estranho; e entre elas se estabelece uma desigual relação de senhorio e servidão, o que quer dizer a dependência de uma e a independência de outra.<sup>3</sup>

Ter essa consciência só contribui com meu trabalho enquanto pensadora e articuladora da crítica biográfica de maneira que torna o amor sentido por essa pessoa um reconhecimento de mim mesma. Isto não significa de maneira alguma que falo como se fosse Eneida, obviamente, mas não há como pensar em mim, sem pensar em Eneida, já que me dedico hoje a escrever sobre esta vida, pela qual a minha se encontra *atravessada*<sup>4</sup>. Quando digo *atravessada*, penso não só no fato supracitado, em que Eneida compõe parte de minha vida, como reflito no lugar de onde erijo a minha discussão e que necessita estar marcado.

A leitura que faço de Eneida não é meramente literária, nem meramente filosófica, a mesma esta assentada numa discussão epistemológica que parte da fronteira em que me situo: Campo Grande, Mato Grosso do Sul, lugar em que o sol se põe. Tomo como ponto de partida o meu lugar, porque ao pensar na biografia crítica de Eneida Maria de Souza, estou condicionada a não realizar uma leitura

---

<sup>2</sup> NUNES. A questão do outro em Heidegger, p. 51 – 59. (Texto lido na disciplina Poéticas contemporâneas, ministrada pela professora Angela Maria Guida. A professora trabalha mais especificamente com questões de alteridade e me ajudará a construir as amizades propostas por mim no segundo capítulo, que ainda serão desenvolvidas.)

<sup>3</sup> NUNES. A questão do outro em Heidegger. p. 52.

<sup>4</sup> Tomo emprestado o conceito de sujeito atravessado de Edgar Nolasco. Ver: NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica* fronteriza.

moderna, ou totalizante, ou ainda exclusivamente analítica da intelectual. A escolha por assim realizar esta leitura não se dá ao acaso. Além das teorias fronteiriças que me fizeram repensar o meu papel, o autor argentino Walter D. Mignolo, me ensinou a olhar Eneida na diferença.

Como assinala Mignolo, no livro *Histórias locais/ Projetos globais*, cada conceito evocado se dá a partir de um lócus enunciativo do sujeito que está consignado então por um *pensamento liminar*.

[...] intenção de transcender a hermenêutica e a epistemologia [...] O objetivo é apagar a distinção entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, entre um objeto “híbrido” (o limite como aquilo que é conhecido) e um “puro” sujeito disciplinar ou interdisciplinar (o conhecedor) não contaminado pelas questões que descreve. Para mudar os termos do diálogo, é necessário ultrapassar, por um lado, a distinção entre sujeito e objeto, e, por outro, entre epistemologia e hermenêutica.<sup>5</sup>

O que quero dizer é que ao realizar uma leitura do meu lócus fronteiriço, pensando liminarmente, estou me permitindo realizar conexões com diversas áreas do conhecimento. Digo isto não por mero acaso, mas porque ao falar de *bios* a crítica biográfica me permite mergulhar na vida do outro. Faço da crítica biográfica minha condição para marcar o pensamento ao qual estou condicionada.

Como se vê, o trabalho com a crítica biográfica, os estudos de fronteira, o pensamento pós-ocidental, o arquivo e a amizade, conceitos trabalhados nesta dissertação, ilustram teorias *sem disciplina*. O termo faz referencia ao livro de *Teorias sin disciplina* que contém ensaios de pesquisadores pós-coloniais. Falar em teorias sem disciplina significa pensar que as mesmas extravasam a literatura e estão no campo da articulação epistemológica. Ou seja, operacionalizar uma teoria sem disciplina é tratar de questões da ordem do sujeito, enquanto pensador. Dessa forma, lidar com o *bios* é considerar que a literatura é um misto, que pode traduzir em palavras lugares, sentimentos, vidas.

---

<sup>5</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 44.

Para nortear a leitura, dividirei esta dissertação em três capítulos. No primeiro deles, ENEIDA MARIA DE SOUZA: para um debate *locusbiocrítico*, faço uma leitura conceitual acerca do meu objeto. Este capítulo é importante, leitor, porque nele se encontra alicerçado o viés da leitura que proponho para este texto, no caso, uma leitura embasada na crítica biográfica pós-colonial e de fronteira, como já explanei, brevemente, acima. Neste capítulo, me deterei em conceitos fundamentais para a compreensão do meu pensamento.

Logo, na primeira parte, pontuarei as razões que me levam a estudar o *bios* de Eneida Maria de Souza; desta forma, discutirei o conceito de razão subalterna e, por sua vez, o de diferença colonial. Quero que o leitor compreenda que a vida da intelectual mineira me foi dada como herança e, para tanto, trabalho o conceito à luz de Derrida e Mignolo. Em seguida traçarei uma trajetória histórica da vida de Eneida, me valendo das fotos, do Memorial da autora e de outros materiais que tive acesso para escrever esta biografia. Estes materiais percorrem durante toda a dissertação, mas neste momento aparecem de forma a ilustrar a figura crítica Eneida Maria de Souza.

Neste capítulo também discuto o termo que o intitula; *locusbiocrítico*. O termo que não parece comum aos leitores surgiu durante a escrita desta dissertação. Discorrerei como surgiu a ideia da palavra, bem como o que ela compreende e onde quero chegar com tal termo. Por isso me valerei das teorias fronteiriças, na questão do *locus* que, diretamente, implica no pensar *a partir de*. Como não poderia deixar de ser, retomo os conceitos articulados por Mignolo, Hugo Achugar, Santiago Castro-Gómez, dentre outros autores latinos e busco dialogar com o pensamento de Eneida e o meu. Problematizarei questionamentos e, mais uma vez, destaco que a fronteira é muito importante para pensar na minha discussão. Aliás, aproveito o

momento para dizer que a fronteira está na dissertação do início ao fim, isso porque é a partir deste conceito que posso falar. Ele é a minha condição.

Pensar nestas questões me faz entender que faço uma opção. Assim é no primeiro capítulo também que discutirei a minha opção descolonial que se dá pelas minhas sensibilidades. Bem como retomo a crítica biográfica, articulando-a com o pensamento pós-ocidental. Em suma, na primeira parte tentei estabelecer teoricamente por onde percorre o meu pensamento.

No segundo capítulo, DOS (MEUS) PLURIARQUIVOS: a memória fronteira em Eneida Maria de Souza, realizarei uma discussão sobre o biografar, amarrando com a abertura do arquivo de Eneida. O abrir do arquivo significa me valer de todos os documentos que tenho para contar a vida daquela que amo. Tomo como arquivo as memórias da intelectual que corroboram uma produção de destaque no cenário acadêmico brasileiro. Neste capítulo, os pensamentos de Derrida dialogam muito com aquilo que me propus a realizar, visto que a noção de arquivo que tomo é de tal autor. Falar de arquivo é obrigatoriamente pensar em vida e tudo aquilo que compõe tal vida.

Trabalhar a noção de arquivo nesta dissertação tem como propósito aliar o estudo biográfico aos estudos fronteiriços, haja vista que entendo que as questões biogeográficas compõem o imaginário colonial da crítica literária brasileira e latino-americana; e que são por tais questões que o pensamento crítico biográfico pós-ocidental se articula nos documentos encontrados, na escrita de Eneida, bem como em minha vida.

Neste sentido, acabo por realizar um exercício de resgate das memórias de Eneida. Para tanto me debruçarei em construir uma ideia sobre o que é o arquivo, mais uma vez me valendo de Jacques Derrida. Como o arquivo que abro não é de

qualquer lugar, retomo as discussões fronteiriças e das sensibilidades locais às quais estou condicionada. No mencionado capítulo também realizo um exercício biográfico trazendo mais uma vez as considerações da crítica biográfica e sobre o espaço biográfico. Aqui me valerei das considerações de Leonor Arfuch. Ainda considerando o espaço biográfico e meu local, tratarei sobre a questão da hospitalidade.

Em seguida, falarei da minha amizade com Souza e as relações de amizade dela construídas com outros autores. Silvano Santiago e Jorge Luis Borges são as figuras que esboçarão este momento da dissertação e, por conseguinte, construir a biografia crítica de Eneida.

No terceiro capítulo, intitulado O FASCÍNIO PELO EXERCÍCIO DA CRÍTICA, quero propor uma abordagem da figura crítica de Eneida Maria de Souza na América Latina. A ideia aqui é traçar um panorama de como a autora mineira conseguiu consolidar sua crítica no Brasil. Assim, o que farei é realizar uma leitura crítica das obras da autora, pontuando as que mais contribuíram significativamente com o pensamento crítico biográfico pós-ocidental e de fronteira.

Para tanto, num primeiro momento quis trazer o cenário crítico brasileiro, comentários de outros críticos, relações estabelecidas, etc. Tudo isto para mostrar a importância da contribuição de Eneida que por meio do diálogo entre as disciplinas humanas e de outras áreas, permitiu que a literatura ganhasse estofamento e que a teoria da literatura, através de tal abertura, saísse do hall excludente em que ainda a colocam. Neste momento, olhar para outras leituras feitas na academia é a única condição para identificar alguns retrocessos em nossa cultura.

Em seguida, trarei cada uma das obras de Eneida. Em ordem cronológica e realizando uma leitura crítica a partir do coração, a intenção em elencar cada obra é

mostrar a evolução crítica da autora, bem como trazer os elementos biográficos que ajudaram a consolidar o papel crítico de Eneida no cenário acadêmico brasileiro.

Neste momento, as leituras fronteiriças e pós-coloniais contribuem significativamente, pois ao articular os pensamentos desenvolvidos por Souza em cada uma de suas obras e partilhar a crítica por ela desenvolvida, possibilitaram olhar Eneida por um viés que a crítica brasileira num todo ainda não enxergou. Hoje enxergo que a transdisciplinaridade é a melhor saída, que não há como se isolar o conhecimento e que a literatura não pode ser universal, porque seus pesadores não são mais só europeus. Literatura é esse misto de gente, de leituras, de heranças e culturas e fechar a leitura desta disciplina é limitar os horizontes. Logo, o terceiro capítulo vem reafirmar que permitir o diálogo ainda é a melhor saída, bem como sinaliza a importância da intelectual e crítica de Eneida.

Por fim, encerro esta dissertação pontuando as minhas (in)CONCLUSÕES obtidas a partir das leituras realizadas desta vida. Das invenções que tive de realizar, restaram os amores que cultivarei ao longo da minha trajetória intelectual. Falar de Eneida, ainda é falar de mim e falar de literatura ainda é falar daquilo que tem me dado motivos para repensar o meu lugar.

Boa leitura.

22.06.15

Escrevo sobre as minhas afinidades  
elitistas. A Enxada de que falei é a  
Enxada que inventei. "Como estar mentindo,  
para estar falando a verdade". Não  
tenho a pretensão de usar estas palavras!  
Melhor usar aquelas que me foram  
concedidas (as xúas, corcubidas?!?) nestes certos  
anos de sutura. O que disse, está dito!



**CAPÍTULO I –**  
**ENEIDA MARIA DE SOUZA:**  
para um debate *lócusbiocrítico*

Embora a escrita funcione como artifício e resquíio da oralidade, do aparato didático e do fulgor do discurso pedagógico, ela funciona como uma espécie de sobrevida da imagem e do pensamento do autor.

SOUZA, *Tempo de pós-crítica*, p 126.

Não se trata de um interesse pelas anedotas biográficas, de deixar-se levar pela curiosidade grosseira por este ou aquele detalhe de vida do escritor, mas de interpretá-lo na condição de personagem, muitas vezes representando na sua natureza dispersa, contraditória e variável, oculto aqui, visível em outro lugar. Esses jogos com as identidades e os subterfúgios do texto reintegram a literatura na sua dimensão antropológica, pela corporificação do sujeito no ato da escrita e o compromisso com a sua condição histórica.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 129 – 130.

Eneida Maria de Souza pra lá, Eneida pra cá. Mas quem é Eneida Maria de Souza?

Acostumar-me com os textos, os amigos próximos falando, a oportunidade de conhecer e ter a escrita ensaística como uma constante me fizeram conquistar uma relação de intimidade com a crítica mineira. A leitura que faço objetiva construir parte de uma biografia crítica. Digo parte, pois tal leitura é uma dentre tantas outras que poderiam ser feitas. Isso corrobora a eleição que fiz para compor a escrita desta dissertação.

O fascínio pela escrita de Eneida Maria de Souza, que antes era mais uma autora de leitura obrigatória, rendeu um estudo PIBIC e hoje compõe parte da minha admiração por Eneida. Assim, neste primeiro momento, faço uma breve apresentação de Eneida, sobre a qual desenvolvo a escrita ao longo de todo o trabalho. Além disso, na primeira parte deste trabalho, busco conceituar mais abaladamente as noções teóricas que nortearão a leitura que me propus a realizar de Eneida Maria de Souza.

É neste sentido que a palavra *lócusbiocrítico*,<sup>6</sup> que intitula este primeiro capítulo, me ajuda, pois me permite traçar o viés epistemológico no qual quero me deter. Já que tenho como suporte a crítica biográfica e a crítica pós-ocidental que me auxiliam a traçar este perfil intelectual de Souza.<sup>7</sup> A palavra *lócusbiocrítico* me ajuda a pensar principalmente a biografia crítica de Eneida Maria de Souza, no sentido de não fazer desta pesquisa um mero estudo biográfico. Aqui tomo o termo biografia, tal como me permite a crítica biográfica, metaforizando o real, que discutirei mais profundamente no segundo capítulo.

Pensar *a partir de* é ampliar a leitura literária a fim de compreender epistemologicamente aquilo que tem me afetado nos últimos anos. Pensar em *lócus* é me permitir ir além, pois não basta somente metaforizar, é necessário estar lúcido daquilo que se quer dizer. Desta forma, ter a minha leitura atravessada pelo meu *lócus* é optar conscientemente por uma teoria descolonial, como uma maneira de olhar para o discurso fronteiriço de Eneida Maria de Souza de um lugar de fronteira. O *lócus* me permite compreender que não basta falar sobre os lugares, mas a partir destes lugares.

Já ao pensar em *biocrítico* estou me referindo à crítica biográfica que me leva refletir nesse *bios* vivo que é Eneida Maria de Souza, esta *persona* acadêmica, forte, crítica, contemporânea, *cult*, por assim dizer, que me levou a erguer a cabeça e me colocou a pensar. Tomo a crítica biográfica como referencial epistemológico, pois por se tratar de um campo interdisciplinar, permite que eu articule tal vida com as teorias que aqui julgo necessário de me deter, como a pós-ocidental. Então neste

---

<sup>6</sup> A palavra *lócusbiocrítico* veio de uma ideia “lançada” pelo professor Marcos Bessa-Oliveira no II colóquio do NECC e foi melhor desenvolvida na disciplina de Memória e narrativa, pois contribui diretamente com aquilo que tenho pensado durante esses anos de pesquisa.

<sup>7</sup> Muito embora a palavra perfil não faça parte do meu *hall* preferido para falar em Eneida Maria de Souza, em alguns momentos ela será necessária para exprimir em parte aquilo que tento realizar neste trabalho.

primeiro capítulo contemplei as leituras teóricas que embasam o meu pensamento crítico estarão que alicerçadas na epistemologia crítico biográfica pós-ocidental, fronteira e contemporânea.

Vale destacar que me interesse tanto pela vida material, enquanto produção intelectual da autora mineira, bem como por aquilo que é da ordem do subjetivo, como as relações de amizade, o convívio familiar, acadêmico, a infância, uma construção que por vezes é edificada por mim. Logo, realizo uma leitura metafórica, nem por isso menor. Entenda por metafórica, leitor, a impressão do meu olhar sobre a vida em destaque, eu como leitora, como arconte, como herdeira que se vale de tal liberdade para inserir os fatos reais ao âmbito ficcional. Por tal motivo, ao falar metaforicamente de Eneida, penso numa abordagem transferencial. Ou seja, falar de Eneida é por extensão falar de mim. Aqui se dá, intrinsecamente, a construção do perfil biográfico metafórico de duas vidas. Sabendo disto, passo à leitura das mesmas.

## 1.1. Minhas razões do coração

A leitura sempre foi para mim um gesto solitário. Conviver com os livros é uma forma deliberada de encontrar prazer no mundo imaginário trazido pela linguagem escrita. [...] Os livros e a noite guardam o mistério da ficção, do ato solitário de deslocar em direção à experiência do outro, ao espaço que ultrapassa nosso tão prosaico cotidiano.

SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 257.

Para mim, a leitura, além de um ato solitário, configurava também uma espécie de liberdade que permitia transpor as grades do portão de casa. Lá no bairro Tijuca, que ainda estava em desenvolvimento, o cuidado com as crianças precisava ser redobrado. Brincar, só se fosse na casa do amigo, o que não era sempre. Restava-me então passar horas a fio grudada nos pés da máquina de costura da minha avó e me agarrar aos amigos imaginários, tão reais que pareciam atravessar as páginas dos meus livros de historinha. Assim, adquiri o amor pela leitura e conseqüentemente pela literatura.

Mas são essas práticas solitárias que me interessam em particular. A leitura, a escrita, as anotações, o café, a descoberta desses segredos configuram um exercício mais atento, o meu trabalho e, por conseguinte revelam o testemunho da subjetividade que é o ponto principal da minha pesquisa. A obsessão pela vida do outro configura aqui o meu exercício enquanto crítica biográfica que se dá por algumas escolhas.

As nossas escolhas são feitas a partir de *razões*<sup>8</sup> *de princípio* e de *razões do coração*. Segundo Edgar Cézár Nolasco (2010), considera-se *razões de princípio* a

---

<sup>8</sup> Aqui faço menção ao conceito de *Razão de subalterna*, discutido por Walter Mignolo. Segundo o autor argentino, sugere-se que a “a razão subalterna seja entendida como um conjunto diverso de práticas teóricas emergindo dos e respondendo aos legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna”. (MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 139 – grifos do autor) Vou me

literatura, o ensaio crítico, etc.; já as *razões de coração* são as escolhas afetivas que fazemos. No que diz respeito às razões de princípio, encontrei na teoria pós-ocidental uma nova perspectiva de enxergar a América Latina, as leituras que fiz dos ensaios do livro *Crítica cult* (2007) de Eneida me fizeram abrir os olhos para interpretações maiores; ler Walter Mignolo me tirou da zona da tranquilidade da repetição, germinou em mim o desconforto que é estar no lugar de fronteira e ao mesmo tempo me coloca a responsabilidade de ver o meu lugar *na diferença*. Falo aqui do conceito de *diferença colonial* trabalhado por Mignolo, que se refere justamente ao espaço onde se emerge a colonialidade do poder, que reforça os projetos globais enquanto complemento do universalismo.<sup>9</sup>

A fim de não deixar o leitor sem uma orientação, entenda, *grosso modo*, que a diferença colonial é um termo desenvolvido por Mignolo e pode ser pensada da seguinte maneira:

A modernidade, repito, leva nos ombros o pesado fardo e a responsabilidade da colonialidade. A crítica moderna da modernidade (pós-modernidade) é uma prática necessária, mas que termina onde começam as diferenças coloniais. as diferenças coloniais do planeta são a morada onde habita a epistemologia liminar.<sup>10</sup>

De modo geral, podemos compreender a diferença colonial como o ponto de partida para se pensar nas teorias propostas pelo pós-ocidentalismo, mas mais que isso, como pontapé para se pensar a partir da fronteira, liminarmente.

Já as *razões de coração* são óbvias, Eneida Maria de Souza é meu objeto de estudo, pois como diria Derrida: “nunca falo daquilo que não admiro”<sup>11</sup>, dessa forma, estabeleci/ estabeleço uma amizade, ainda que metafórica que passa pela ordem da

---

deter nesses conceitos mais à frente. Aqui este conceito de razão foi “revisto” por Edgar Nolasco, no texto “A razão pós-subalternas da crítica latina”, tal como pontuamos acima.

<sup>9</sup> Trabalharei melhor o conceito de Diferença Colonial nas próximas páginas, visto que a diferença colonial não tem uma definição, mas é um construto de ideias que geram uma perspectiva de pensamento.

<sup>10</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 66.

<sup>11</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 14..

admiração, da relação transferencial que adquiri com Eneida Maria de Souza ao longo do tempo.

Impossível falar de Eneida Maria de Souza, sem antes trazer à baila o espectro que me habita há pelo menos cinco anos, quando li pela primeira vez na graduação o ensaio “A teoria em crise” do livro *Crítica cult*, para realizar um trabalho na disciplina de Teoria da Literatura. Lembro-me que cada palavra que lia, apesar de duras, me soavam como música, pois jamais imaginei que a academia pudesse ser contestada, chacoalhada daquela forma e ainda assim estar cometendo as mesmas gafes.

Naquele momento, eu tinha a necessidade de visualizar quem era Eneida (Figura 01) e esta foi uma das primeiras fotos que encontrei.



Figura 01: Foto Eneida Maria de Souza

Fonte:

<http://www.casadapalavra.com.br/noticia/510/Recordacoes+e+influencias+da+semana+modernista+d+e+22>

Foi engraçado perceber, isso depois de uns anos, que o mesmo sorriso desconfiado desta foto era o mesmo que configurava a ironia dos textos, que o olhar desconfiado era o que está impresso em cada linha e onde se inscreve a intelectual, na desconfiança. Há uma relação de desconfiança sempre entre Eneida e as teorias. A desconfiança do olhar de Eneida é como um código que leva o leitor a vários caminhos. Foi essa tal desconfiada que também me encantou e me tocou a ponto de querer estudar a *persona* Eneida.

Confesso, também, que entendia muito pouco daquilo que estava escrito, mas hoje percebo que esse primeiro contato foi fundamental para guiar meus caminhos de graduação e agora de mestrado. Posso dizer que o que mais me chamava atenção, nas primeiras leituras era a facilidade com a qual a crítica literária mineira se inseria em seus textos e transgredia as paredes da academia já afogada no ranço colonial moderno da repetição sem ser simplória.

Ninguém nunca tinha “conversado” daquele jeito comigo. Na fala dela deixava claro que os professores, enquanto intelectuais precisavam se abrir ao debate ao invés de “preferirem continuar apáticos em seu gabinete, reservando-se ao direito de expressão ao ambiente da sala de aula”<sup>12</sup>. Eu que desde sempre quis ser professora passei a ver a sala de aula com outros olhos e a questionar meus professores.

Rompendo com os legados modernos e pós-modernos, Eneida abre uma nova fase ao cenário acadêmico cultural: primeiramente por ter a coragem de citar a crise da Teoria da Literatura brasileira, depois por propor a teoria crítico biográfica e por dar seriedade ao discurso latino-americano. A leitura do ensaio “A teoria em

---

<sup>12</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 63.

crise” desembocou na leitura dos livros, de outros textos e autores que agora compõem não só as tramas da minha dissertação, como também o *hall* intelectual que me encontro agora.

Usando as palavras de Jacques Derrida, o *Crítica cult* me serviu de herança. Uma herança que recebi sem querer. A palavra herança parece dissonante pelo fato de Eneida estar viva, contudo aproximo nossa relação ao conceito de herança pelo fato de que *herança* implica uma eleição, uma decisão que se dá numa via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que me senti tocada pela leitura e a elegi como objeto de discussão, tal objeto também me elegeu e me escolheu como herdeira. Nas palavras de Derrida

Um herdeiro não é apenas alguém que recebe, é alguém que escolhe e que se empenha em decidir.[...] Todo texto é heterogêneo. A herança também, no sentido amplo mais preciso que dou a essa palavra, é um “texto”. A afirmação do herdeiro consiste naturalmente na sua interpretação, em escolher. Ele discerne de maneira crítica, ele diferencia, e é isso o que explica a mobilidade das alianças. Em certas situações, sou aliado de Lacan contra outros, outras situações, me oponho a Lacan. Não vejo nenhum oportunismo, nenhum relativismo nisso.<sup>13</sup>

Aqui Derrida se refere a Lacan. No meu caso preservo viva a memória de Eneida por esta biografia. Mas mais que isso, me valho daquilo que pontua a autora para revitalizar o que ela direta ou indiretamente me deixou como legado. Penso não só nas teorias, mas nos ensinamentos de valor pessoal, a leitura que faço de Eneida me ajuda a erguer a cabeça e me convida a pensar nas experiências. Por isso penso na vida de Eneida a partir da herança recebida, pois

[...] é *preciso* (e este é *preciso* está inscrito diretamente na herança recebida), é preciso fazer de tudo para se apropriar de um passado que sabemos no fundo permanecer inapropriável, quer se trate aliás de memória filosófica, da precedência de uma língua, de uma cultura ou da filiação em geral. Reafirmar, o que significa isso? Não apenas aceitar essa herança, mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva. Não escolhê-la (pois o que

---

<sup>13</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 17.

caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva.<sup>14</sup>

Por mais contraditório que seja, pensar na vida a partir da herança significa recebê-la e em seguida ler, repensar, reconceitualizar, alocar (porque não dizer traduzir?), “não deixar salvo aquilo mesmo que se diz respeitar antes de tudo. E depois de tudo. Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final.”<sup>15</sup>

Assim, compreendo herdar não para fazer daquilo que me foi dado como herança mera reprodução, deixando a mesma num lugar salvífico. Veja bem, é necessário ter bom senso para articular os pensamentos deixados como legado, articular esse pensamento é falar *na diferença colonial*, a fim de melhor ler a partir do lugar ao qual me encontro. Neste sentido, meu papel se encontra em uma dualidade, pois para ser herdeiro, é preciso ser fiel sendo infiel. É a dupla injunção que discorre Jacques Derrida que ao passo em que é desconfortável e contraditória, também se dá na admiração visto que o herdeiro tem a obrigação de manter viva a memória daquele que se foi, ou aquilo que foi deixado. Sobre a dupla injunção Derrida pontua que:

É sempre reafirmando a herança que se pode evitar essa condenação à morte. Inclusive no momento em que – e é a outra vertente da dupla injunção – essa mesma herança ordena, para salvar a vida (em seu tempo finito), que se reinterprete, critique, desloque, isto é, que se intervenha ativamente para que tenha lugar uma transformação digna desse nome: para que alguma coisa aconteça, um acontecimento, da história, do imprevisível por-vir.<sup>16</sup>

A palavra herança, aqui também, é sintomática porque dialogando com o pensamento de Mignolo penso nas heranças coloniais que ficam no lugar ao qual habito. Eu não sou subalterna, mas meu discurso é, pois parte de um lugar visto como tal, logo, nas palavras do autor:

<sup>14</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 12.

<sup>15</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 13.

<sup>16</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 13.

Pensar a partir de experiências subalternas deve contribuir tanto para a autocompreensão quanto para as políticas públicas, que criam condições para transformar (e estigmatizar) as relações de subalternidade. Assim, parece que as possibilidades de teorização das heranças coloniais poderiam ser exploradas em direções diferentes: a partir de uma posição estritamente disciplinar, do ponto de vista de alguém para quem as heranças coloniais são tema histórico, mas não uma questão pessoal, e, finalmente, da posição de alguém cujas heranças coloniais estão entranhadas em sua própria história e sensibilidade [...]<sup>17</sup>

Mignolo continua a discussão pontuando que as heranças coloniais são importantes, pois são por elas que posso pensar nas teorias pós-ocidentais, visto que os lugares dos quais erijo meu posicionamento crítico são importantes para pensarmos em minhas histórias, memórias e sensibilidades.

Dessa forma, como herdeira, devo, para que haja a transformação, pensar no por-vir e nele debruçar o meu papel. É no por-vir também que ocorre a relação transferencial, na qual o herdeiro encontra-se “apaixonado”, com a ressalva de que deve sempre manter uma distância daquilo que ama, para não cair na repetição. Apaixonar-se é também enlouquecer e por aí dizer cegar. Numa relação de transferência à medida que amo, também me permito distanciar. Distância necessária para estabelecer a desconfiança, sem no entanto, deixar de amar.

Como diz Rosemary Arrojo, ao ter um objeto de estudos cria-se uma relação transferencial que só podemos denominar amor, de acordo com ela é o gesto transferencial que nos permite encontrar no outro aquilo que temos em nós mesmos. Segundo Arrojo, “A transferência seria aqui um outro nome para esse ‘enamoramento’, essa ‘loucura’ que prende um sujeito a um objeto-texto. Como tão bem ilustram Menard e o Quixote, ler é sempre uma forma de se estar apaixonado”.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 160 – 161.

<sup>18</sup> ARROJO. *Tradução, desconstrução e psicanálise*, p.158.

Essa passagem me toca, pois foi a partir dela que entendi o meu desejo por estudar a vida de Eneida Maria de Souza, uma amizade distante e tão próxima que me leva a biografar a história de sua vida. Se biografar é metaforizar o real <sup>19</sup> tal como propõe Eneida, farei das leituras feitas por mim parte dessa metáfora que constitui a figura da professora, da intelectual e crítica literária brasileira. Nas palavras da autora: “Metaforizar o real significa considerar tanto os fatos quanto as ações praticadas pela pessoa biografada como possibilidade de inserção na esfera ficcional. Ao espectador o direito de construir também sua história e interpretação do enredo” <sup>20</sup>.

Como já mencionado nas páginas acima, nesta biografia crítica, tomo como ponto axial o meu olhar enquanto herdeira de Eneida, como admiradora para construir nessas linhas a Eneida que invento, como uma liberdade compromissada em falar do outro e por extensão falar de mim. Desta liberdade compromissada da qual me valho busco traçar um percurso biográfico através do arquivo<sup>21</sup> vivo de Eneida, mas também daquilo que me é permitido construir pelas memórias/arquivo. Pode ser que algumas coisas eu tenha inventado no meio do caminho, o leitor também é inventar, cada um pode construir a sua Eneida. Nas páginas que seguem tem um pouco das minhas memórias inventadas.

---

<sup>19</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.

<sup>20</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 54.

<sup>21</sup> Falo da ideia de arquivo proposta por Jacques Derrida. Tratarei melhor a noção de arquivo no segundo capítulo, “Dos (meus) pluriarquivos: a memória fronteira em Eneida Maria de Souza”.

## 1.2. A Eneida que inventei

O desejo de personificar um corpo num rosto único, de dar ao rosto um nome próprio singular, não está em contradição com o estatuto de viver-em-linguagem, do ler e do escrever na pós-modernidade? Não foi para perder a identidade e ser plural que me distanciei do torrão natal para estudar e me aperfeiçoar, não foi para perder o rosto e ser multidão que leio e escrevo?

SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*, p. 244.

O desejo de transpor para o papel a vida em questão me coloca sob o fio da navalha, já que o ato de escrever significa também dar finitude ao *viver-em-linguagem*. Falo de mim. Invento verdades. A passagem de Silviano me insere, ao mesmo tempo em que me exclui, no ato de biografar a vida de Eneida. Talvez eu escreva para dar identidade, talvez para perder (a minha). Aproximo e distancio à medida que se faz conveniente o fazer. Lido com algo que me foi presenteado, ou melhor, herdado.

Pensando na noção de herança da qual trato por direito, me foram dadas duas possibilidades. Uma delas seria agradecer, ler, entender e seguir meu caminho. Já a outra consiste em agradecer e transformar a gratidão em algo produtivo, dar frutos, questionar, tomar como ponto axial dos meus questionamentos ingressando na trajetória acadêmica. Não tive dúvida. A herança que me foi confiada, tal como explana Derrida deve ser revitalizada.

Para tanto, quero evocar a memória<sup>22</sup> de Eneida e contar um pouco de sua vida por meio desta biografia crítica. Tomo como um dos objetos documentais o texto “Com açúcar e com afeto”, do livro *Janelas indiscretas*, no qual Souza elege alguns momentos importantes da sua vida, bem como o livro *Tempo de pós-crítica*, no qual Eneida publicou seu memorial; além de fotos, cartas e outros documentos.

---

<sup>22</sup> Trabalharei melhor o conceito de memória no segundo capítulo, “Dos (meus) pluriarquivos: a memória fronteira em Eneida Maria de Souza”, na esteira de Jacques Derrida.

Eneida Maria de Souza nasceu em Manhuaçu, cidade do interior de Minas Gerais, filha de professora, Eneida Maria de Souza seguiu os passos da mãe, dona Lilita Carvalho, e também ingressou na carreira docente. Segundo ela, a escola sempre fora uma extensão do ambiente familiar. O gosto pela leitura, a familiaridade com a escola, a prontidão para o exercício da escrita já eram pistas que estavam sendo lançadas ao longo do caminho para revelar quem seria Eneida hoje.

A cena reconstituída imaginariamente recupera simbólica e sintomaticamente a memória da menina tímida e desconfiada. Na seleção subjetiva da memória, como ela mesma faz questão de destacar, eterniza-se momentos de uma vida, no papel inventada, e que compõem o imaginário da autora, por extensão o meu, e constituem a minha biografia. Em suas lembranças:

Pela seleção subjetiva da memória, que conserva alguns momentos ou mentaliza passagens que mais tenham marcado a criança, fica difícil separar o que de fato se passou entre quatro paredes de uma sala de aula da década de 1950. No frígido dos ovos, essa seleção rememorativa tende reforçar o gosto da criança pela literatura, ao compor, de forma ingênua, poemas e dramatizações sobre temas patrióticos, já na quarta série primária. Ou ainda ter sido escolhida a oradora da turma, discurso redigido numa sentada, embora contendo uma página e meia, mas lido diante de um auditório repleto.<sup>23</sup>

Da seleção rememorativa, passo também à consolidação da cumplicidade. Neste sentimento, além de preservar a admiração, adquire a afinidade por tal eleição afetiva da memória. Se o que até então se dava como dívida, agora já me permito dizer que passa por uma relação de amizade<sup>24</sup>, no sentido de que as realidades em alguns momentos se parecem.

Pelo destino, eu também sou filha de professora e a literatura sempre foi uma constante. Ainda na infância, lembro-me de ser sempre a primeira da turma a me

---

<sup>23</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 256.

<sup>24</sup> Trabalho melhor a ideia de amizade pensada para esta dissertação no segundo capítulo Dos (meus) pluriarquivos: a memória fronteiriça em Eneida Maria de Souza, dialogando com Derrida, Francisco Ortega, dentre outros autores.

oferecer para recitar os poemas, me perder na escrita das inventadas narrativas “minhas férias”. Quando achei que podia fazer do teatro meu palco, me vi trabalhando na produção, escrevendo esquetes para a trupe. Não por acaso, também fui eleita a oradora da turma, por duas vezes. Tal como Eneida, a escola em minha vida foi muito presente, o carinho para com os funcionários e amigos fazia parte do cotidiano. Detalhes que marcam e revelam uma transferência com Eneida e que talvez justifiquem a minha herança. Da infância Eneida se recorda das

[...] primeiras letras no Curso Primário da Escola Estadual Normal Oficial de Manhuaçu – hoje Escola Estadual Maria de Lucca Pinto Coelho – foram marcadas pelo entusiasmo e pela alegria da descoberta, pelo contato, visto hoje como transparente e cordial com os colegas, funcionários e professores.<sup>25</sup>

Descrevendo os detalhes de uma infância marcada pela descoberta, Eneida narra conta sua história como se pudesse reviver cada momento. Os livros lidos, a forma como foi ensinada o bê-á-bá, a personalidade, a influência da família de professores, a escrita dos textos da infância, tudo se encaminha para posterior escolha da profissão da mesma. A autora descreve o cenário dos anos 50 recordando das personagens que marcaram sua infância, os episódios mais memoráveis que a fazem sentir orgulho de sua vivência neste período.

A morte de Getúlio Vargas, de Evita Perón, a ascensão a presidência de Juscelino Kubitschek, a morte de Carmen Miranda. Todos estes eventos políticos, além de marcarem a vida de Eneida Maria de Souza, tal como ela conta no ensaio, fazem parte do livro supracitado. Explico-me: o livro *Janelas indiscretas* da autora é composto por vários ensaios e cada um contempla um personagem, na verdade, uma personalidade dos anos 50. Ao escolher falar de cada um deles antes de narrar “sua” história leva o leitor a ambientar-se com a situação de tal período histórico no

---

<sup>25</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 255.

Brasil e na América Latina e me permite perceber como tais eventos influenciaram a vida da autora, tal como tais textos marcaram a minha leitura. De fato, na infância os fatos citados eram sem importância naquela época, porque, como ela mesma diz, importavam mais os feriados e não precisar ir à escola. Mas servem de mote para narrar sua vivência

A morte de Getúlio, lembrada de modo anedótico, não nos impressionou como devia. Aos olhos da infância, o que contava era a suspensão das aulas. Voltamos alegres para casa com a notícia e fomos jogar peteca na rua. O mesmo se deu com Evita Perón em 1952, e a de Carmen Miranda, em 1955.<sup>26</sup>

E apesar de na infância esses fatos não terem tido a “importância necessária” hoje se revelam essenciais, já que a vivência desta fase contribui para com a principal característica de Eneida Maria de Souza: a crítica. Da experiência com a escrita, desde pequena, Souza teve a ousadia como marca registrada, misturada a timidez, esse elemento foi determinante para levar a autora a caminhos tão produtivos. Ainda pela seleção subjetiva da memória, e agora, da minha memória imbricada a de Eneida reproduzo a foto da menina que se interessava mais por jogar peteca na rua. (Figura 02)

---

<sup>26</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 260.



Figura 02: Foto de Eneida Maria de Souza (editada)  
Fonte: SOUZA. *Vocação da palavra*, p. 46

O rosto sério que estampa a foto, tão centrado, tão tímido, não se parece muito com a Eneida descrita na memória da autora. Mas em minhas memórias reflete exatamente aquilo que essas linhas memorialísticas traduzem. O jogo de duplicidade entre a vida íntima e a vida profissional, ou melhor, entre o privado e o público me permitem reconstituir ficcionalmente este momento pelo meu olhar. Eneida, no livro *A pedra mágica do discurso* (1999), também explora o auto-retrato de Mario de Andrade e explana que “Ao expor a subjetividade por intermédio da imagem que o outro compõe de si, o sujeito percebe ser também co-autor no ato de elaboração do seu retrato. Comporta-se como o eu que se afasta e se aproxima da própria imagem.”<sup>27</sup>

Logo, na elaboração desta biografia metafórica, me torno co-autora desta vida que me foi dada como herança, ao passo que também sou autora, pois o meu *bios*

---

<sup>27</sup> SOUZA. *A pedra mágica do discurso*, p. 204.

se mistura ao *bios* a mim concedido de forma que não se sabe o que é de quem. Permaneço no limiar do eu e do outro, contudo tento focar em minha herança. Por isso trago a foto de Eneida, na infância, visto que a foto me permite expor a autora na subjetividade que ela revela nas linhas memorialísticas de seu livro, mas também me insere na leitura, como co-autora, aliás, como autora/herdeira/arconte desta vida que me proponho a biografar. Nas palavras de Eneida:

A reescrita do passado resgata no presente essa dimensão, ao recompor, refazer tramas, sem qualquer intenção de reconstituição de verdades ou da ilusória autenticidade de um relato de vida. O sujeito, enquanto efeito de dispositivo representativo, desaparece também na representação, vendo-se impossibilitado de ser recuperado ou restaurado como memória e identidades uniformes.<sup>28</sup>

Na reprodução permito reforçar também a relação de amizade que tenho com a intelectual, visto que estou atravessada por este espaço íntimo ao qual me foi condicionada saber. A imagem ao passo que distancia, por me levar aos anos 50, no traço da memória, também me aproxima no ato da escrita e ao exercício da experiência. De modo que essa imagem não só compõe o perfil aqui descrito por mim, mas também me leva a uma identificação comigo mesma, levando-me a lembrar da minha infância.

Os estudos continuaram e pela década supracitada, bem como o perfil acadêmico da época, se embasavam nos estudos de tradição, entretanto a formação tradicional não permitiu que Eneida se tornasse uma mera reprodutora de saberes acadêmicos, fato que a tornou uma das maiores intelectuais contemporâneas da América Latina. É por esta Eneida que me apaixonei, que me conquistou. A escrita firme, marcada, posicionada, desconfiada me levou a enxergar no meio acadêmico um espaço do qual não tenho vontade de sair. Uma das passagens que expressam esse sentimento de amância é a seguinte:

---

<sup>28</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 29.

A oportunidade de universalização desse saber pela mediação da palavra impulsiona o diálogo com o pensamento teórico exercido nas instituições de Letras – e fora delas – ao mesmo tempo que diminui a distância física e aproxima interesses comuns. Entre o cargo de professora e a profissão de escritora, o que se perde em convivência e troca simultânea de experiências, ganha-se em promessa de um vínculo sempre atualizado com os avanços da vida acadêmica. Nessa condição privilegiada, consegue-se desconstruir, mesmo que de forma ainda incipiente, o discurso oficial, sem dele se afastar, pela prática constante do deslocamento e do estranhamento criativos.<sup>29</sup>

Por ser representante de uma geração de críticos literários, debatendo sobre os estudos de Literatura Comparada, Crítica Biográfica, bem como os postulados dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, Eneida fez da sua geração motivo de discussão e revitalização das teorias, foi além ao se valer da sua geração para por em discussão o debate acadêmico-sócio-cultural brasileiro. Nas palavras da autora:

Curiosamente, a década de 1950 iria ser objeto de minhas atuais pesquisas acadêmicas, ao reunir os estudos de literatura e crítica cultural à política, às artes e à própria biografia. Compor fragmentariamente este período continua sendo para mim uma forma de discorrer sobre minha geração, de esclarecer pontos obscuros da história individual e de contribuir para a transmissão de um recado aos futuros leitores do país.<sup>30</sup>

A busca em sanar suas inquietações rendeu boas discussões no âmbito acadêmico e é parte daquilo que me tocou para iniciar os estudos sobre a intelectual. Sem dúvida, a leitura que ela propõe da década de 50 mexe muito com leitores e o recado também se torna mais um artigo desta herança que me foi concedida. Da mesma forma que a década de 50 pode ser uma das heranças concedidas a Eneida, Eneida se torna meu legado. E

Portanto, nisso há uma tarefa de desconstrução sem fim: é preciso haurir na memória da herança utensílios conceituais que permitam contestar os limites impostos até aqui por essa herança. No cerne do direito internacional, há lugares onde é preciso atravessar e deslocar o limite.<sup>31</sup>

As palavras de Derrida me ajudam a perceber que o trabalho que tenho é tal qual o de Eneida, em busca de atravessar os limites. No sentido derridiano da

<sup>29</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 126.

<sup>30</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 261.

<sup>31</sup> DERRIDA; ROUDINESCO. *De que amanhã... diálogos*, p. 31.

palavra: desconstruir, como forma de revisitar este legado a mim imposto, escrevo nestas linhas a biografia de Eneida.

A biografia crítica que me propus a escrever aqui parte desta admiração pelo trabalho da autora e se dá na busca em compreender as minhas inquietudes. Neste sentido entendo que escrever uma biografia crítica é uma amálgama do subjetivo e da vida. Para tanto, as paginas que seguem, mais teóricas, ajudarão a pensar melhor neste trabalho. A começar pelo conceito de *lócusbiocrítico* que me ajuda e pensar melhor em tais questões, isso porque o termo que desenvolvo aqui abarca direta ou indiretamente algumas noções fundamentais para pensar o meu papel de herdeira, tais como o conceito de local e o de crítica biográfica que traduzem uma perspectiva de estudo em torno da pós-ocidentalidade, bem como em torno das minhas sensibilidades.

### 1.3. *Lócusbiocrítico*: epistemologia lindeira

A trílice fronteira seca que ilustra a minha discussão, situada entre o pântano e o cerrado, marcada pelo abandono e a expansão territorial, lugar sangrento na história local que se contrapõe à cor sanguinolenta do crepúsculo, onde sujeitos transitam numa aparente liberdade, se, por um lado assemelha-se ao “porongo” ou ao “balaio cultural” (Serejo) enquanto receptáculos condenados a receber passivamente o saber, a cultura e a civilização dos grandes centros desenvolvidos, por outro lado, escavou para si o direito da escolha de poder pensar nas e a partir das margens, como forma de barrar os discursos acadêmicos e disciplinares que ainda tentam se impor por meio do saber escolástico.

NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica* fronteriza, p. 73– 74.

[...] é preciso lembrar que o autor não confundiu bio e escrita, pois a transfiguração de fatos cotidianos e do factual pela escrita impede considerar a obra como espelho da vida. O grau de distanciamento entre bio e grafia reside na configuração do sujeito como personagem, seja ele escritor ou crítico.

SOUZA. *Clarice Lispector pintora*, p. 33.

As epígrafes acima traduzem muito bem aquilo que proponho discutir neste tópico. Voltada para a discussão do termo em questão, *lócusbiocrítico*, minha intenção não se dá no sentido de me valer de mais um conceito, por simplesmente o fazer. O que quero é poder dialogar com algumas teorias que me ajudam a debater em torno desta biografia crítica e mostrar ao leitor como busco arrolá-las ao longo do meu texto.

A leitura crítico biográfica que proponho de Eneida Maria de Souza não se baseia no simples fato de contar a vida da intelectual. O exercício a que me propus é de cunho *lócusbiocrítico*. Desenvolvo este termo porque nele consigo transmitir o reflexo das minhas leituras. Tal conceito traduz a minha busca e abarca aquilo que tenho pensado a partir de Eneida Maria de Souza. Por isso estou apoiada no mesmo e neste tópico, bem como ao longo da dissertação irei pontuá-lo.

Para começar, quero explicar como se deu a formação deste termo. A palavra *lócusbiocrítico* surge da fusão das palavras

**lócus + bios + crítica biográfica**

e é importante porque ao passo que delimita minhas reflexões nesta dissertação, consolida a minha argumentação teórica que está assentada na crítica biográfica pós-ocidental e nas teorias de fronteira.

Quando falo em crítica biográfica pós-ocidental, valho-me do conceito trabalhado por Edgar César Nolasco no livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2013) por me ajudar a melhor pensar a crítica brasileira contemporânea, que busca consolidar o seu lugar. Desta forma, tomando como recorte epistemológico a crítica biográfica, pensada por Eneida Maria de Souza e vendo a necessidade de marcar o lugar de onde erigimos a nossa discussão, o conceito foi amarrado ao da teoria pós-colonial. Essa necessidade foi uma das lições que aprendo com Nolasco e por extensão com Eneida, pois dar

essa prioridade em torno de um lócus territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como caminho por vezes solitário, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com a sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora.<sup>32</sup>

Pensando nas teorias de fronteira, que por sua vez são subalternistas essa discussão me fez perceber que o debate que proponho aqui gira em torno do *bios* de Eneida, mas também do meu, porque enquanto herdeira e enquanto pesquisadora não ocupo um lugar no eixo crítico brasileiro. As querelas críticas com as quais sempre me indispus, adquirem peso maior a cada leitura realizada. O fato de ser herdeira de Eneida estando no lugar ao qual me encontro tem sentido diferente, pois a subalternidade aqui é latente.

---

<sup>32</sup> NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 16.

A minha cultura é um misto de gente, cores, sabores. O lugar é de passagens, paragens, margem que não se define, a não ser que se considere o todo. Aliás, há que se considerar o todo. Não há como me esquecer de que estou fincada aqui, é uma condição fronteira. Como diria Hugo Achugar, não é possível “refletir sobre o imaginário de nosso tempo sem descrever o lugar a partir de onde se fala ou se reflete e sem deixar de inscrever o lugar a partir de onde se fala naquilo que se fala.”<sup>33</sup>

Mignolo complementa a fala de Achugar desenvolvendo a ideia de falar *a partir de*, evidenciando que o lugar de onde se erige um pensamento é importante para realizar as discussões teóricas de determinado lugar. Em suma é contraditório pensar na América Latina, se valendo da mesma realidade vivida na Europa. Nas palavras dele

Enquanto as ciências sociais nos Estados Unidos e nas universidades europeias são *sobre* a América Latina (i.e., como campo de estudo), a literatura e a filosofia *na* América Latina não são *sobre* a América Latina mas, arrisco-me dizer, *a partir da* América Latina. Essa *reflexão a partir da* literatura e da filosofia encontra-se profundamente arraigada nas línguas espanhola e portuguesa, bem como nas heranças coloniais.<sup>34</sup>

Dessa forma, o lócus vem ao encontro de pensar a minha condição fronteira bem como o lugar de enunciação de Eneida Maria de Souza. No que diz respeito à minha condição, ela se dá duplamente. A primeira geográfica, pois me encontro na fronteira onde o sol se põe, em Campo Grande, MS. Estado que já faz fronteira com outros dois países marcados pela subalternidade: Paraguai e Bolívia. E depois epistemologicamente, já que tenho a crítica pós-ocidental como viés crítico de pensamento e aqui justifico, com uma fala do professor Nolasco, o porquê tal viés é tão pertinente em minha discussão:

---

<sup>33</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 90.

<sup>34</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*. p. 266. (grifos do autor)

É nesse sentido, crítico por excelência, que vejo que os estudos pós-ocidentais podem nos ajudar a pensar melhor as questões internas da cultura e das produções culturais por fora de uma visada “estética” moderna que, apesar de tudo, ainda prepondera, *grosso modo*, nas leituras críticas feitas no Brasil.<sup>35</sup>

Não só as leituras críticas são receptivas, como também a interferência das outras culturas são constantes. Principalmente pensando no meu lócus, que é tão peculiar: a tríplice fronteira. Nesse lugar, não só encenado nessas páginas, como vivido por mim, reflito sobre o outro, ao passo que reflito sobre mim, sobre a minha gente. Já não olho para minha terra com tanta distância. Precisei calar a minha voz interna e escutar as vozes da fronteira que me fizeram ir buscar esse “eu” que se identifica, que é tocado a cada leitura que faz de Souza, de Mignolo, de Nolasco e tantos outros escritores subalternistas.

No que diz respeito ao *bios* do sujeito, o artigo tendo em vista que o trabalho que me propus escrever é uma biografia crítica. Encontro no gênero biografia um suporte para desenvolver a minha proposta. Para compreender melhor o gênero precisei ler sobre e pela indicação de um amigo, descobri o livro *A mulher calada* de Janet Malcolm e encontrei uma passagem que me tocou, e que parecia em muito com o que eu estava fazendo. De acordo com Janet:

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tornados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter joias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto autores quanto os leitores das biografias são encobertos por aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes às de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor.<sup>36</sup>

Eu nunca quis ser uma benfeitora. E tal como Eneida não cultuo as formalidades da academia, sou uma bisbilhoteira mesmo. Admiradora (às vezes, incondicional, mesmo sabendo que preciso desconfiar da Eneida). Contudo, ao falar

<sup>35</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 17.

<sup>36</sup> MALCOLM. *A mulher calada*, p. 15 – 16.

em biografia não tenho como referência o simples narrar da vida. Há algum tempo atrás a biografia era destinada apenas a um grupo seletivo de pessoas que pertenciam a altas classes sociais, eram figuras públicas, nas palavras do professor Marcos Antônio Bessa-Oliveira:

O biografado para esses estudos de biografias, até o período em questão, esboçava-se nos retratos de parede, em *preto e branco*, emoldurados com aparatos de ares clássicos, que toda família tradicionalmente importante tinha em casa, sobretudo de seus filhos quando pequenos. Ou seja, filhos de políticos importantes, fazendeiros abastados e coronéis, filhas desses importantes políticos fazendeiros que se entregaram aos conventos, estrangeiros de reconhecimento industrial um pouco mais tarde, entre tantos outros, foram retratados nas várias biografias brasileiras que temos nas prateleiras das livrarias. Importava, apenas, que tivessem uma história documentalmente comprovada para se tornarem personalidades biográficas. Ou melhor, personalidades “biografáveis” daqueles estudos de biografias, ou estudos biográficos, os quais, aliás, são possíveis de ser encontrados ainda hoje em dia.<sup>37</sup>

A vida que possuo em mãos metaforicamente me serve autoreflexão, de aprendizagem, de questionamento e de trabalho. Por isso penso sempre em biografia crítica. Pois, para mim a biografia “só faz sentido se for entendida como uma espécie de cumplicidade entre ele (leitor) e o biógrafo numa atividade excitante e proibida: atravessar o corredor na ponta dos pés, parar diante da porta e espiar pelo buraco da fechadura.”<sup>38</sup> E depois disso narrar da minha forma aquilo que vi, espiei e senti.

Vejo na biografia crítica a possibilidade de buscar em elementos extraliterários para embasar a minha discussão. Busco nesses “paratextos”, nos documentos dos quais disponho, não uma fonte documental, mas uma possibilidade de metaforizar a vida de Souza. Aliás, a escrita na primeira pessoa do singular já é uma forma de exercitar o meu trabalho biográfico, porque de acordo com a própria Eneida, quando se escreve sobre outra pessoa, fala-se de si mesmo.

---

<sup>37</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora*, p. 60 – 61.

<sup>38</sup> MALCOLM. *A mulher calada*, p. 16

A identidade da minha primeira pessoa – ao dar autonomia cidadã ao produto criado, ao bater-lhe na cara a porta da rua, ao dar-lhe o estatuto de público, – é semelhante a uma flecha que, impulsionada pela corda do arco subitamente distendido, avança pelo espaço e tempo, avança sem se deter porque não tem como destino de único alvo, predeterminado.<sup>39</sup>

A fala de Silviano Santiago me ajuda a melhor explicar o fascínio pela escrita na primeira pessoa. Às vezes me surpreendo usando a primeira pessoa do plural, o vício acadêmico me leva a cometer tal ato. Ora, escrevo em terceira pessoa, mas falo de outra vida e então me perco, confesso. No limiar das vidas, há momentos que nem sei se falo de mim ou de Eneida. E isso, caro leitor, juro que não é invenção! É como se houvesse dúvida a quem devo convocar em determinados momentos, assim, me questiono na esteira de Silviano:

Sem identidade, sem rosto e sem nome próprio estável, qual é a *minha primeira pessoa* que, para exprimir neste preciso momento, devo invocar e convocar? Seria a primeira pessoa que, como querem Jacques Lacan e os psicanalistas, é a primeira na ordem cronológica, ou seja, a primeira pessoa que *reconhece* a si no “estágio de espelho”? Aquela que me colocou de cara no jogo da vida pela imagem do duplo de mim mesmo, isto é, pelo reconhecimento meu de mim no outro especular. Isso a que chamo de “minha experiência de vida” e isso a que chamo de “meus escritos”, não seriam uma sucessiva e sempre interrompida e sempre retomada *cadeia de escolhas narcísticas de objeto*, de manufatura de *manequins* que, pela leitura e pela identificação *a posteriori* e, agora, neste meu corpo, são eu não sendo eu?<sup>40</sup>

Não consigo responder. Por isso, reafirmo: trabalho no limiar das duas vidas. Por isso esta biografia é dupla. Por isso, já alertei você desde o início que o que eu escrevo, eu invento. E lá de vez em quando, falo a verdade. Pensando nessa duplicidade, aqui amarro o conceito de biografia ao de crítica biográfica, que me permite discutir vida e obra, num viés metafórico amalgamando aquilo que é da ordem do real e do ficcional.

A crítica biográfica não permite que se estabeleça a noção de dualidade presente nas teorias modernizantes com as quais tenho buscado romper, pois expande os feixes em que se dão as relações culturais. A literatura passa a ser lida

<sup>39</sup> SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*, p. 249.

<sup>40</sup> SANTIAGO. *O cosmopolitismo do pobre*, p. 245.

de maneira mais abrangente. Pensar na crítica biográfica, enquanto suporte para realizar a leitura desta biografia crítica, significa pensar em tal vertente como uma maneira de articular não só com a vida que me foi consignada, como também revitalizar os conceitos teóricos que a esta vida estão imbricados.

Desse modo, a leitura de Eneida Maria de Souza se amplia no sentido de que me dá suporte para buscar em outras áreas do saber uma crítica consistente para assinalar a minha condição descolonial. Visto que, uma das particularidades da crítica biográfica é justamente poder construir sob o meu olhar a vida daquela que admiro. Pois ao trabalhar nesta articulação teórica não é possível reconstruir a vida do escritor, do admirado. Construo uma *persona* crítica.

É nesse sentido que se dá a leitura proposta, me valho dos postulados da crítica biográfica como um pensamento que liberta e aliado aos da pós-ocidentalidade, já assinalados, consigo desenvolver o conceito de *lócusbiocrítico* como melhor forma de diluir as fronteiras disciplinares impostas pela academia, bem como pelos estudos universalizantes que tendem a homogeneizar as fronteiras.

Pensando nessas questões, tomo a biografia crítica, da qual tenho me referido desde o início de minha escrita como uma soma desses elementos supracitados articulados a partir da vida de Eneida Maria de Souza. A questão fronteiriça é importante, por isso no próximo subtópico me deterei nela.

### 1.3.1. Pensamento de fronteira: a intelectual Eneida

A consciência latino-americana tem sido, há séculos, um espaço heterogêneo onde os diferentes sujeitos sociais, étnicos e culturais vêm batalhando para construir seus respectivos projetos sociais e culturais.

ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 58.

Já mencionei que o lugar do qual falo é específico. Quando penso Eneida é indissociável o fato de a mesma ser uma intelectual da América Latina. Tomar esta visão como ponto de partida é me voltar para o conceito de *lócusbiocrítico* como uma extensão dos estudos pós-ocidentais, porque leio na academia respeitando a minha condição fronteira, bem como compreender que a América Latina, e por conseguinte a minha fronteira, ainda estão na condição de subalterno.

Hugo Achugar, no livro *Planetas sem boca* (2006), ao citar Fernandez Retamar, comenta que o discurso latino-americano não é visto de forma rigorosa, pois para ele tal discurso não possui um método sistemático. Dessa forma propõe o “balbucio teórico” como perspectiva de análise. Mas como sistematizar um lugar tão heterogêneo? A própria sistematização seria uma maneira de universalização de um *lócus* ímpar e iria contra o próprio pensamento pós-ocidental. Se aqui nos referimos a uma intelectual há que se dizer que especificamente a condição dela que altera o olhar que existe sobre a América Latina, porque, como diria Achugar “não deveríamos nos esquecer que uma coisa é ser pós-colonial em inglês e outra em espanhol, português, baiano, quéchua, aimara, guarani, papua e equivalentes”.<sup>41</sup>

Parto da premissa de que o intelectual pós-ocidental pensa *a partir da* fronteira. É ele quem estabelece a seriedade do discurso. Não basta ser reconhecido e nem esperar que isso aconteça, dessa forma o intelectual, tal como propõe Achugar, deve ser revolucionário, no sentido de não só teorizar, mas se

---

<sup>41</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 58.

preocupar com a realidade prática. Por tal motivo é que o autor uruguaio assinala a importância da posicionalidade, da localização e da memória, visto que são tais elementos que fornecem subsídio para compor o discurso do intelectual.

Esses elementos estarão diluídos ao longo da minha dissertação, nem sempre com a mesma nomenclatura, mas são imprescindíveis, pois determinam aquilo que estou pensando e desembocam numa *leitura outra* que me proponho a realizar de Eneida Maria de Souza. Nas palavras dela:

Ressalte-se, ainda, a condição fronteira de todo intelectual – embora em alguns esse traço seja mais forte – o que confirma a indeterminação dos saberes atuais, considerando-se que fazer crítica, hoje, implica permutar, transitar ou viajar por espaços incertos e, muitas vezes, efêmeros.<sup>42</sup>

A fala de Eneida que está citada no livro de Achugar, é a epígrafe que abre o livro do autor uruguaio, se dá maneira sintomática, já que coloca em destaque a condição dos dois intelectuais que falam da América Latina e que ao olharem para os discursos sobrepujantes do imaginário colonial/ moderno, não o tomam como verdade. Nesse sentido, viajam e transitam por estes espaços colonizadores sem se esquecerem do espaço pelo qual estão atravessados.

Ao dialogar com Eneida e discorrer sobre a problemática da posicionalidade do intelectual, Achugar vai dizer que não é uma discussão essencialmente nova, mas ao logo dos anos foi se aprimorando. Num primeiro momento, o escritor uruguaio cita John Beverley (1998) que traz ao escopo de sua discussão a questão da língua.<sup>43</sup> Para ele, as instituições apagam as diferenças locais, porque tudo é trazido num grande pacote, por exemplo, as línguas românicas, as línguas eslavicas, neste sentido Beverley critica o enfoque humanístico das academias, onde o

---

<sup>42</sup> SOUZA *apud* ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 09. Achugar usa o texto “Nem samba, nem rumba” de Eneida, como epígrafe do primeiro capítulo do *Planetas sem boca*. O autor usa a primeira publicação do artigo que está no *Caderno CHR* Volume 13, nº33 (2000), porém o artigo foi republicado no livro *Crítica cult*

<sup>43</sup> Retomo a discussão da língua no capítulo II, quando falo sobre bilinguajamento me valendo dos postulados de Gloria Anzaldúa.

intelectual aparece como uma autoconsciência da América Latina (ou outro lugar subalternizado) e o discurso como a identidade desse lugar. Essa discussão é pertinente, mas não acaba aí.

Achugar vai dizer que o que se percebe é que em níveis de América Latina é necessário desconstruir os legados coloniais, pois não basta simplesmente apontar o lugar de onde se fala, mas ver que este lugar é o do passado colonial. Essa discussão proposta pelo escritor uruguaio é pertinente, mas não suficiente, no sentido de que a discussão do autor contempla a América Latina, geograficamente de língua espanhola.

É por tal motivo que olhar para Eneida Maria Souza nos ajuda a compreender que o lugar de onde a intelectual erige seu discurso faz a diferença, mas não só pelo fato de a autora estar na América Latina, a problematização vai além pois se está pensando em lócus dos saberes e fala em língua portuguesa. Me valho aqui dos postulados de Walter D. Mignolo para me ajudar a pensar melhor esta questão. O grande questionamento proposto por ele é:

Qual função ou papel representou a teoria X no lugar onde apareceu, e qual função ou papel que tal teoria representou no lugar para onde viajou ou foi exportada? O problema é, em resumo: qual a relação entre o local geohistórico e a produção do saber? <sup>44</sup>

O debate aqui proposto por Mignolo nos ajuda a compreender que é importante olhar com cuidado o lugar de onde se pensa a América Latina, porque não basta falar sobre. A fim de repensar essas questões os estudos pós-coloniais surgem como uma *possibilidade outra* de leitura desses lugares fadados ao fracasso. Para que fique claro, uma possibilidade outra, faz referência ao conceito *pensamento outro*<sup>45</sup> de W. D. Mignolo:

---

<sup>44</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 241.

<sup>45</sup> Na tradução do livro, o tradutor usa “outro pensamento”, porém por uma questão de ordem epistemológica nos valeremos do termo *pensamento outro*, pois tal inversão não corrobora em um

Um “outro pensamento” implica a redistribuição do conhecimento da forma como foi organizada tanto pelo ocidentalismo (enquanto imaginário dominante e autodefinição do sistema mundial moderno) como pelo orientalismo (um exemplo particular em que se localizava a diferença do mesmo), juntamente como estudos de área e o triunfo das ciências sociais na geopolítica do conhecimento. Também envolve um esforço para escapar ao domínio da metafísica ocidental e de seu equivalente, o campo teológico do pensamento islâmico. Um “outro pensamento” situa-se e todos esses, e em nenhum deles, em sua fronteira (como Gloria Anzaldúa coloca em questão).

[...] Assim, uma descrição consequente de “um outro pensamento” é a seguinte: uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal, fragmentária e aberta; e, como tal, uma maneira de pensar que, por ser universalmente marginal e fragmentária, não é etnocida.<sup>46</sup>

O avanço na discussão do teórico argentino se configura em perceber que a América Latina também é produtora de conhecimento, saberes locais que durante muito tempo foram ignorados pelos saberes globais pensados dos grandes centros. Neste sentido, o teórico argentino radicado nos Estados Unidos debate sobre o termo que abre esta discussão: pós-ocidental.

Segundo Mignolo, compreende-se que para a teoria pós-ocidental o lugar de onde se erige o discurso é determinante. Para explicar essa questão o autor argentino pontua que há então três tipos de teorias, provenientes de três lócus de enunciação: são elas: a pós-modernidade, o pós-colonialismo e o pós-ocidentalismo. Quero problematizar essa diferença voltando na leitura que fiz de Santiago Castro-Gómez (1998), quando o mesmo discute sobre o conceito de latinoamericanismo. Nas palavras de Castro-Gómez,

Enquanto as teorias pós-modernas expressam a crise do projeto moderno no coração da Europa (Foucault, Lyotard, Derrida) e dos Estados Unidos (Jameson), as teorias pós-coloniais fazem o mesmo, mas a partir de uma perspectiva das colônias que recém conseguiram sua independência depois da segunda guerra mundial, como no caso da Índia (Guha, Bhabha, Spivak) e o Oriente Médio (Said). Por sua parte, as teorias pós-ocidentais têm seu

---

pensamento binarista, tal como se articulava na modernidade. Ou seja, não se trata de mais um pensamento, mas de uma ótica outra, que não exclui as existentes, mas que pensa na *diferença colonial*.

<sup>46</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*. p. 104.

lugar natural na América Latina, com a sua larga tradição de fracassados projetos modernizadores.<sup>47</sup>

Sabendo isso, Mignolo vai discorrer sobre a América Latina e o pós-ocidentalismo pontuando que os saberes advindos desse lugar conseguem enredar uma resposta crítica ao projeto da modernidade em sua nova forma de globalização imperialista. Segundo Mignolo, “a produção de discursos teóricos para a América Latina, sobre a América Latina e a partir da América Latina”<sup>48</sup> quebram o eurocentrismo epistemológico.

Mignolo complementa ao discorrer sobre a diferença entre as duas Américas e a importância de falar a partir de cada uma delas dizendo que:

Afirmo, sim, que as diferenças entre as duas Américas [...] são muito importantes para a reflexão sobre o *local* das áreas a serem estudadas e para as culturas de pesquisa a partir das quais estudá-las; são também importantes para a reflexão sobre o *local* da agência e o lócus de enunciação a partir dos quais se produzem as construções imaginárias (...) ou para a reflexão sobre as implicações e consequências de *ser de* e *estar em* (...) nos investimentos acadêmicos, epistemológicos e políticos das agências de conhecimento.<sup>49</sup>

Considera-se importante o lugar de onde o intelectual erige seu discurso, por Mignolo enxergar, como uma perspectiva moderna, o intelectual que se propõe a falar sobre determinada cultura. Além disso, Mignolo assinala que muito antes de se falar em pós-modernidade e pós-colonialidade a América Latina já vinha produzindo teorias que buscavam deslegitimar os discursos imperialistas. Contudo, pelo caráter subsenvolvimentista, a América Latina, bem como outros lugares subalternizados,

---

<sup>47</sup> “Mientras las teorías posmodernas expresan la crisis del proyecto moderno en el corazón mismo de Europa (Foucault, Lyotard, Derrida) y de los Estados Unidos (Jameson), las teorías poscoloniales hacen lo mismo, pero desde la perspectiva de las colonias que recién lograron su independencia después de la segunda guerra mundial, como es el caso de la India (Guha, Bhabha, Spivak) y el medio oriente (Said). Por su parte, las teorías posoccidentales tienen su lugar “natural” en América Latina, con su ya larga tradición de fracasados proyectos modernizadores”. CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA. *Teorías sin disciplina*, p. 131. (tradução minha)

<sup>48</sup> Según Mignolo, la producción de discursos teóricos para América Latina, sobre América Latina y desde América Latina consigue romper con el eurocentrismo epistemológico que coadyuvó a legitimar el proyecto colonialista de la occidentalización (Mignolo 1996b). CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA. *Teorías sin disciplina*, p. 132. (tradução minha)

<sup>49</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*. p. 267. (grifos do autor)

nunca conseguiu legitimar seus discursos porque nunca tiveram o poder tal qual a Europa ou os Estados Unidos da América.

Lembro-me agora de Beatriz Sarlo, no livro *Cenas da vida pós-moderna*, que ao travar o debate sobre o intelectual, a escritora elabora uma série de indagações a respeito da importância dessa figura na sociedade, uma delas é sobre a relação dessa figura com a posicionalidade:

Será melhor que só falem de Cuba os cubanos; dos campos de concentração, os judeus; e das mulheres, somente as mulheres? Esses discursos específicos então teriam maior propriedade, maior força ou maior autenticidade? O que é melhor: os guetos, onde cada um fala de si, ou os grandes espaços abertos, onde cada um fala, a partir de seu saber e a partir de seu interesse, mas considerando outros saberes ou outros interesses?<sup>50</sup>

Problematizo o questionamento de Sarlo, destacando o exemplo do próprio Mignolo. Para o autor trata-se de uma incoerência não falar *a partir* da realidade que se vive. Talvez por tal motivo o próprio autor faça sua “mea culpa” no início do livro *Histórias locais/ Projetos globais*, já que sendo um argentino radicado nos EUA, estaria deslegitimando seu próprio discurso. Nas palavras do autor argentino:

Não estou sugerindo que seja “ruim” ser um pesquisador indiano ou latino-americano nos Estados Unidos, ou que seja “ruim” ser um pesquisador do Terceiro Mundo, inventando teoria pós-colonial nos Estados Unidos, ou que seja “bom” permanecer na Índia ou na Bolívia e escrever em hindí ou espanhol ou aimará. Só estou dizendo que a produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geohistórico e que os locais históricos, no mundo colonial/moderno, foram moldados pela colonialidade do poder.<sup>51</sup>

Nessa esteira, Mignolo vai dizer que é necessário encenar os lugares de onde se fala. Tomo esta metáfora da encenação emprestada para poder realizar a leitura de Eneida. A autora mineira não está numa condição de fronteira como eu, mas ao encenar tal condição, como Mignolo, a autora estabelece um discurso fronteiriço.

Ao insistir nas ligações entre o lugar da teorização (*ser de, vir de e estar em*) e o lócus de enunciação, estou insistindo em que os loci de enunciação não são dados, mas encenados. Não estou supondo que só pessoas originárias de tal ou qual lugar poderiam fazer X. Permitam-me insistir em que não estou vazando o argumento em termos deterministas, mas no

<sup>50</sup> SARLO. *Cenas da vida pós-moderna*, p. 171.

<sup>51</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*. p. 256.

campo aberto das possibilidades lógicas, das circunstâncias históricas e das sensibilidades individuais.<sup>52</sup>

Quando se tem uma consciência fronteiriça o autor consegue se inscrever ainda que parcialmente naquela realidade, de modo a não olhar para ela com piedade, ao realizar tal trabalho de encenação, o intelectual também não se coloca “como se fosse” daquele lugar, mas estabelece uma relação de proximidade crítica com aqueles sujeitos envolvidos e permite olhar as situações *a partir* dos saberes locais. É por tal motivo que destaco o pensamento pós-ocidental. Por ver nele a possibilidade de articular a partir da América Latina.

Ademais, quando penso em pós, é impossível não me lembrar de Eneida Maria de Souza já que nas palavras dela *pós* não significa “depois de”, mas “além de”. Em entrevista a revista IHU On-line, a crítica afirma:

O tempo de pós-crítica não significa o seu término, mas um tempo de releitura, de reflexão e de reelaboração do que foi realizado até aqui. O prefixo pós não significa “estar depois de”, mas ao lado de, como a pós-modernidade é a leitura do que não foi realizado na modernidade, funcionando como reflexão e não negação do que vem antes.<sup>53</sup>

Aqui Eneida faz referencia ao livro *Tempo de pós-crítica* (2007) e nele, além de publicar o seu memorial de professora emérita, também discorre sobre a noção que se tem de pós. O pós se configura como um tempo de maturação das ideias e depois de reelaboração, tal como ela assinala, visto que não buscamos continuar com os legados coloniais e sim romper com os mesmos, sem no entanto, deixar de lembrar que um dia eles existiram. Neste sentido, de olhar para *além de*, a teoria me leva a questionar os saberes instituídos pelos colonizadores – saberes globais – e a encarar os saberes locais como uma nova opção, uma *opção descolonial*.

É preciso falar *a partir de*, para transformar os monólogos instaurados nas academias em debates democráticos, tal como propusera Hugo Achugar e não

<sup>52</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 165 – 166. (grifos do autor)

<sup>53</sup> SOUZA. *IHU On-Line*, s.p.

enxergar mais o discurso latino-americano como um discurso menor. Isso não significa que apagaremos os legados coloniais do nosso presente, pois tal como assinala Gayatri Spivak, na discussão de Mignolo, quando se nega que escrevemos como povos, que teve a consciência formada como sujeitos coloniais, negamos a nossa própria história. Ou como aponta Mignolo:

[...] a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria: pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivem em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas. Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria *sobre* um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa *a partir das* e *sobre* as fronteiras.<sup>54</sup>

É bom que se diga também que pensar *a partir do local* não se trata de um pensamento provinciano, nacionalista ou egocêntrico. Por tal maneira, o posicionamento crítico do intelectual deve proporcionar um apoio e “a atenção dos saberes locais descontínuos, desqualificados, ilegítimos, contra as pretensões de um corpo unitário”.<sup>55</sup> Daí a necessidade da busca por romper com a ideia de que o discurso do intelectual tem caráter “salvífico”; é preciso buscar avançar as formas pós-humanistas de teorização, porque, voltando meu olhar para Eneida, as críticas literária e cultural não são um mero reflexo superestrutural do econômico, pelo contrário, a crítica literária pode cumprir uma importante função política em lutas de poder ao interior da sociedade.<sup>56</sup>

Contudo é preciso ter em mente que ao realizar a escolha de falar do lugar em que se encontra, necessita o intelectual fazer uma *opção descolonial* que, por conseguinte desemboca em uma *desobediência epistêmica*. Os dois conceitos aqui citados são importantes e me ajudaram a compreender o porquê falar *a partir de*

<sup>54</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 159.

<sup>55</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 45.

<sup>56</sup> C.f. CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA. *Teorías sin disciplina*, p. 129.

pode diferenciar o papel desenvolvido pelo intelectual. Quero me deter neles, porque ambos são importantes quando se assume falar *a partir da* fronteira, tal como agora me proponho a fazer.

#### 1.4. Sensibilidade *fronteriza*

[...] a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: 'Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte *reúne* enquanto passagem que atravessa.

BHABHA. *O local da cultura*, p.24.

Ao falar de sensibilidades locais é impossível não pensar na minha história. A epígrafe acima, escrita por Bhabha, sempre me impressiona porque quando a leio é como se de fato pudesse enxergar a tríplice fronteira na qual me encontro. Na terra onde a discriminação é velada e a briga pelo poder dessas fronteiras é constante, me sinto na obrigação de falar aquilo que incomoda.

Encontrei em Eneida uma forma de pensar no meu lugar de enunciação, Eneida Maria de Souza representa hoje uma chave para articular a minha discussão sobre esse lugar marginal em que eu vivo. É na tentativa de transpor as barreiras coloniais que enxergo Souza, como uma alternativa de pensar na/da academia *fora do lugar* escolástico, marcado por uma colonialidade do saber que se instaurou e ainda hoje define aquilo que é ou não cultura, o que é ou não literatura.

Quando me propus a escrever tendo Eneida Maria de Souza como meu objeto de pesquisa (há três anos) tinha em mente uma pesquisa fluida que voltasse o olhar para um perfil intelectual da autora mineira, mas com o tempo percebi que o delinear algo perde força, a vontade de estabelecer um perfil se esfacelou porque esse perfil não existe.

Agora, ao olhar para Souza como uma intelectual latino-americana, busco também motivar a reflexão contemporânea a partir desses *lóci* marginalizados para repensar a concepção moderna de cultura e de literatura. Porque Souza, como disse

acima, ao questionar esses valores feudais da academia, foge à regra. Veja bem, encontro neste objeto de estudo, não respostas, mas algumas formas de aprender a perguntar e articular inquietações da minha fronteira.

O pensamento pós-ocidental não busca privilegiar um conceito em detrimento de outro. A tentativa aqui é destacar que o *lócus* tem seu lugar de discussão, ou melhor, que uma discussão crítica deve passar pelo crivo da posicionalidade. Não por acaso, os estudos em Eneida Maria de Souza também fazem referência ao lugar de enunciação da crítica literária, política e cultural, visto que os mesmos devem partir de onde o sujeito suposto a falar esteja de dentro desses *lóci*. Trago mais uma vez a citação de Nolasco para reiterar o que quero dizer neste momento:

A fronteira-sul, de onde enrijo meu discurso, tem de fazer toda a diferença na articulação epistemológica defendida. (...) Ressalvadas as diferenças, essa prioridade em torno do *lócus* territorial e epistemológico ilustra o lugar que o Brasil ocupa dentro das discussões pós-coloniais feitas na América Latina, assim como o caminho, às vezes solitário, que a crítica brasileira tem de trilhar, mesmo com sua capacidade crítica ímpar de dialogar com as críticas vindas de fora.<sup>57</sup>

É por tal recorte que penso a abordagem da crítica brasileira traçada por Souza. As sensibilidades locais se transmutam com as sensibilidades biográficas e tornam o trabalho compósito da autora, bem como meu trabalho uma relação *lócusbiocrítica*.

O fato de a autora ter uma formação estrutural não a impediu de avançar em suas discussões e privilegiar em suas leituras o que condiz com o *lócus* de enunciação dela. É certo que Eneida não está em uma condição marginal, nem fala de uma fronteira, tal como Mignolo que está nos EUA, contudo o lugar ao qual nos encontramos é o mesmo, a América Latina a permite indagar quais valores temos carregado e levado para a sociedade.

---

<sup>57</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 16.

Como diria Silvano Santiago “Nada se perde e tudo se distrai no andar da carruagem teórica de Eneida Maria de Souza. Tudo se distrai para que, paradoxalmente, as coisas reencontrem o eixo da vida intelectual bem sucedida.”<sup>58</sup> O discurso político, social da mesma me fez abrir meus horizontes de expectativas para falar deste lugar subalterno. Abrir a minha mente para outras fronteiras faz parte do aprendizado que venho adquirindo com Eneida Maria de Souza ao longo desses anos de pesquisa.

---

<sup>58</sup> SANTIAGO. *Tempo de pós-crítica*. p. 09.

## 1.5. Descolonial por opção

[...] o imaginário do sistema mundial colonial/ moderno é o discurso sobrepujante do ocidentalismo, com sua transformação geoistórica, em tensão e conflito com as forças de subalternidade geradas pelas reações iniciais dos escravos ameríndios e africanos e agora pelo ataque intelectual ao Ocidentalismo e pelos movimentos sociais e, busca de novos caminhos para um imaginário democrático.

MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 49 – 50.

No entender de Walter Mignolo a descolonização só ocorre quando os lugares subalternos, a partir de sua consciência, conseguem “impor” sua cultura ao imaginário colonial/moderno. Sabendo isso e buscando articular com o lugar ao qual me encontro, vejo em Eneida Maria de Souza uma intelectual que rompe com os legados coloniais. Digo isto, pois ao trazer à baila a América Latina, não só como lugar para falar a partir, mas como “paisagem pós-utópica”<sup>59</sup>, Eneida consegue se valer do espaço heterogêneo para articular as particularidades desse lugar e enquanto crítica consegue pensar descolonialmente. Ou seja, faz do seu discurso, uma resposta ao imaginário colonial/moderno, contribuindo com a descolonização.

Os livros autorais *Traço crítico*, *Crítica cult*, *Tempo de pós-crítica*, *Janelas indiscretas*; bem como os em co-autoria *Crítica e coleção*, *Futuro do presente* e tantos outros, endossam a visão crítica da intelectual mineira e traduzem a *opção descolonial* que Eneida assume ao longo dos anos nas pesquisas acadêmicas. Nesses textos, aos poucos Eneida vai rompendo com o discurso acadêmico, sem ser radicalista e exerce o fazer descolonial ao articular os conceitos propostos por ela, revitalizando estes saberes engessados. Autores como Luiz Costa Lima, Antoine Compagnon, Leyla Perrone-Moisés são alguns dos autores que Eneida busca repensar, para assumir a *opção descolonial* da qual venho falando.

---

<sup>59</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.129.

Tomo emprestado também o conceito de opção descolonial de Mignolo, pois encontro nele a possibilidade de ler a intelectual Eneida *na diferença*. Vou desenvolver a questão em seguida, mas preciso deixar clara essa posição porque ao pensar em opção descolonial necessito convocar os conceitos de razão subalterna e teorização bárbara. Trata-se aqui de uma articulação epistemológica que desemboca naquilo que tenho pensado para a escrita desta biografia crítica, no sentido de que tais teorias me auxiliam na leitura desobediente, transgressora da intelectual biografada.

Primeiramente, devo aclarar o leitor que ao ter em mente as minhas razões citadas acima, carrego comigo o conceito de *razão pós-colonial/ razão subalterna*, cunhado por Mignolo, pois para que o intelectual assuma uma *opção descolonial*, primeiramente, ele deve ter uma razão.

A *razão pós-colonial* vem ao encontro da minha discussão, pois está relacionada à parte prática da crítica. Melhor dizendo, a razão pós-colonial nos permite articular perspectivas enquanto intelectuais latino-americanos que falam da América Latina, de modo que tais intelectuais buscam romper com o pensamento colonial/ moderno. De acordo com Mignolo:

A razão subalterna é aquilo que surge como resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial.<sup>60</sup>

Segundo Mignolo, a diferença colonial é a chave para se articular o pós-ocidentalismo; sem a diferença colonial não poderíamos pensar tais conceitos, a diferença colonial nos permite articular o conceito de pensamento liminar /a gnose liminar (MIGNOLO) que busca libertação em prol da razão subalterna. Vale destacar

---

<sup>60</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 143.

que tais conceitos são assinalados por Mignolo como uma teorização e não como teoria. O que quero dizer é que quando pensamos em teorização, o objeto se torna vivo, não se faz uma leitura analítica, tampouco binarista ou reducionista. A “teorização bárbara” que propõe Mignolo seria

uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando precisamente, a partir da situação na qual foram colocados, sejam eles judeus, ameríndios, africanos ou outros povos do “Terceiro Mundo” como os hispânicos nos Estados Unidos de hoje.<sup>61</sup>

Assim, a teorização é a minha condição para pensar em opção descolonial. Daí a importância de tais estudos na academia, pois nos estudos pós-ocidentais encontro respaldo para articular a discussão crítica do intelectual brevemente traçada aqui. Não consigo pensar em tais conceitos se não como uma rede, em que todos estão de uma forma ou outra conectados. Por isso, de início propus que se olhasse, tal como sugere Mignolo para as *semelhanças-na-diferença*, porque ao me imbuir de pós-ocidentalismo se torna difícil falar sobre, com as leituras aprendi que é preciso falar a partir de e falar a partir de significa assumir a opção descolonial como condição para colocar em diálogo o discurso crítico.

Dessa forma, entendo a razão subalterna como a posição (que “deveria” ser) assumida pelos intelectuais latino-americanos, visto que ao reconceitualizar as ideias impostas a nós, assumimos também uma *opção descolonial*. Nessa linha de raciocínio, a *opção descolonial* legitima a noção de *razão subalterna*.

Assumir uma opção descolonial significa não estar mais relegado a condição de subalterno, imposta pelo outro. O que se pretende é libertar todo aquele que é subjugado. Para tanto, é necessário considerar o lócus geohistórico de cada sujeito, já que é ele quem permite que tal sujeito se inscreva no discurso. Tal opção é feita

---

<sup>61</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 157.

em favor de uma razão subalterna, que segundo Mignolo busca a libertação, ou melhor, para buscar a libertação dos discursos sobrepujantes da academia sobre o subalterno, é preciso dar voz aquele que é marginalizado.

Por tal motivo, encaramos este pensamento como uma desobediência epistêmica, visto que, ao tomar esse posicionamento se vai contra a ordem “natural” imposta aos colonizados ao longo de todos esses séculos, na qual a Europa e, por conseguinte, os norte-americanos se tornaram um “espelho” e nós que nos encontramos neste lugar fora do eixo passamos a importar teorias desses lugares, e sobretudo no Brasil, se alocava os conceitos de forma passiva, acreditando que só o que era/é de fora, teria importância. Nunca houve filtro. Esqueceram-se que os lugares eram diferentes, as culturas diferentes e por estar na condição de colonizados, o nosso se configurou como “menor”.

Pensar em *opção descolonial* significa ter um posicionamento crítico aos legados imperiais europeus e norte-americanos impostos à América Latina, na medida em que esses legados sobrepujaram grande parte da cultura latino-americana e, por conseguinte a identidade desses povos. Explicando melhor:

Felizmente a opção descolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de *damnés*, na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção descolonial que alimenta o pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir.<sup>62</sup>

Logo, ao realizar a opção descolonial não se privilegia *nem um, nem outro*, mas sim de *um e outro*, tal como a crítica biográfica também não é binarista. Tomar este posicionamento não é reduzir, ou negar a cultura europeia ou a norte-

---

<sup>62</sup>MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 296.

americana, pelo contrário. Não se pode apagar o passado. Mas a ideia é não fazer da imposição dos países desenvolvidos a condição para o nosso subdesenvolvimento.

A noção de opção descolonial é justamente acabar com a colonialidade do poder dos países imperialistas e que nos levou ao modelo eurocêntrico de mundo colonial/ moderno, no qual se está dividido em norte x sul, leste x oeste; desenvolvidos x subdesenvolvidos; ou seja, binariamente, universalmente. Trata-se de encarar que a América Latina não é um único lugar. Somos *lugares* e tal como citei acima, *semelhantes-na-diferença*.

Para continuar a discussão, acredito que seja melhor pensar não nas semelhanças e diferenças, mas em semelhanças na diferença. Isso porque, ao assumir tal opção, vou ao encontro do que propõe o teórico argentino Walter Dignolo ao dizer que quando se escolhe falar das *semelhanças-na-diferença* deixa-se de lado os postulados modernizantes, coloniais e binaristas, assumindo assim uma reconfiguração na discussão epistemológica.

Enquanto a noção de semelhanças-e-diferenças constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se constitui a própria ideia da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc.), a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a re colocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.<sup>63</sup>

Pensar a crítica contemporânea se valendo de tal pensamento é ser descolonial. Neste sentido o intelectual ao articular uma reflexão conceitual tomando como premissa a ideia de semelhanças-na-diferença permite que o discurso heterogêneo, subalterno, latino seja restaurado, revisto e praticado. Nas palavras de Eneida

---

<sup>63</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 278.

Os que se mostram mais acessíveis, por enfrentarem um diálogo ousado entre os discursos, estão cientes de estarem correndo o risco da indistinção disciplinar, da quebra de lugares hegemônicos do saber e da possível diluição do objeto de estudo. A prática da diferença, seja ela de várias ordens, alimenta o trânsito das disciplinas, motiva as associações particularizadas e afasta o demônio das semelhanças.<sup>64</sup>

Ora, a prática interdisciplinar, transdisciplinar é também uma maneira de ser descolonial, pois ao imbricar enunciados de diferentes áreas o intelectual permite que haja uma abertura aos dogmatismos acadêmicos, o que por sua vez enfraquece a autonomia dos discursos universais.

Lembro-me agora do livro José Maria Arguedas, *Los ríos profundos*, em que narrador-personagem, Ernesto está em busca do seu lugar no mundo, em busca de uma identidade, pois trata-se de um branco criado por indígenas, e por isso é visto como “outro” já que vive nas “duas esferas sociais que se confrontam silenciosamente no dia a dia das sociedades andinas”.<sup>65</sup>

Nessa perspectiva, Arguedas trata de um tema comum à América Latina que é o sentimento de não pertencimento trabalhado pelo pós-colonialismo. O livro é sintomático porque essa questão do lugar fica bem marcada e para o narrador-personagem indefinida, quando o mesmo não consegue pertencer ao seu lugar de origem, nem ao que o acolhe: “Eu não sabia se amava mais a ponte ou o rio. Mas ambos se despejavam em minha alma, inundavam-na de fortaleza e de heroicos sonhos. Apagavam-se da minha mente todas as imagens chorosas, as dúvidas e as más recordações”<sup>66</sup>. É justamente na tentativa de romper com esse sentimento de dualidade que busco apoio na opção descolonial. Além disso, a questão da identidade levada ao mais alto grau na obra de Arguedas pode ser reforçada, a partir do pensamento liminar.

---

<sup>64</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 23.

<sup>65</sup> BOËCHAT. *A voz do íntimo na literatura latino-americana*, p. 249.

<sup>66</sup> BOËCHAT. *A voz do íntimo na literatura latino-americana*, p. 251.

Assumir a opção descolonial é também assumir a nossa *identidade em política*, para então desembocar-se na *desobediência epistêmica*. Bom, para ter uma posicionalidade, a opção descolonial exige daquele que fala uma *identidade em política* e não uma *política de identidade*. Mignolo distingue os dois termos e assinala como é importante compreender a diferença entre eles:

Não, não estou falando de “política de identidade”, mas de “identidade em política”. Não há, pois, necessidade de argumentar que a política de identidade se baseia na suposição de que as identidades são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar a intolerância, e de que nas políticas identitárias posições fundamentalistas são sempre um perigo.<sup>67</sup>

A fala de Mignolo, que está no artigo “Desobediência epistêmica”, alerta para os fundamentalismos. Há, e é bom que diga, uma sistematização de teorias. No entanto, é necessário cuidar para não fazer da política uma identidade, fundada numa só direção, logo, excludente e então voltar ao pensamento colonial moderno.

Distanciando as noções, o crítico assinala que ao optar por *identidade em política* busca-se desenvolver as teorias políticas e organizar as ações que se deram a partir de identidades que foram subjugadas e relegadas aos discursos colonizadores. Na visão de Mignolo “A identidade **em** política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente (o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização)”.<sup>68</sup>

O que nos permite enxergar que não há fundamentalismo é a própria maneira que o autor argentino considera os princípios pós-coloniais. No livro *Histórias locais/ Projetos Globais*, Mignolo atenta para o fato de que na era em que vivemos não cabe mais falar em teoria pós-colonial, mas sim em teorização pós-colonial.

Falar em teorização é importante aqui pois de acordo com Mignolo um dos objetivos de pensá-la é poder reinscrever na história aquele que foi oprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora. Desta forma, a *teorização*

<sup>67</sup>MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 289.

<sup>68</sup>MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 290.

*pós-colonial* é quando o crítico, bem como os sujeitos inseridos no processo da subalternização desenvolvem a *razão subalterna*. A teorização pós-colonial

[...] enquanto ação específica da razão subalterna, coexiste com o próprio colonialismo como uma caminhada e um esforço contínuos em direção à autonomia e à libertação em todas as esferas da vida, da economia à religião, da língua à educação, das memórias à ordem espacial. Não se restringe à academia, e muito menos à academia norte-americana<sup>69</sup>.

Assim posso pensar aqui na teorização como forma de ler o lugar em que me encontro, a fronteira, bem como ler o discurso crítico fronteiro de Eneida. Melhor, encontro na teorização pós-ocidental a minha única condição para realizar a minha opção descolonial.

Eneida Maria de Souza, sendo latino-americana, brasileira, mulher, a intelectual mineira assume o lugar de onde pensa e fala. Ao elucidar o imaginário da transculturação, Eneida Maria de Souza nos lembra da *metáfora espacial* e traz “a América Latina como produtora de uma epistemologia ligada à sua condição periférica e historicamente localizada”<sup>70</sup>. Para ela,

Ter os olhos voltados para a Europa e aceitar o culto do estrangeiro como atitude de determinada classe social suscitam ainda a questão da dependência cultural dos países periféricos, inseridos no conflitante fogo cruzado da imitação e da cópia de ideias, prática igualmente reduzida a um pequeno número de pessoas.<sup>71</sup>

Essa reprodução da fala da autora me lembra quanto tempo a academia se deixou levar pela discussão do que era cópia ou influência, quando se pensava em Literatura Comparada e que não conseguia evoluir, simplesmente porque essa noção não dava conta da disciplina, muito menos situava o intelectual como alguém capaz de erigir seu posicionamento. Ao travar a sua discussão sobre o posicionamento do intelectual Eneida pontua que o mesmo deve assumir o seu *lócus de enunciação migrante*. De acordo com o pensamento da crítica mineira:

<sup>69</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 146.

<sup>70</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 46.

<sup>71</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 73.

É preciso contar com a formulação de lócus de enunciação migrante, na medida em que a identidade já se reveste como híbrida, ao falar e responder a partir de dois ou mais lugares, não conduzindo, portanto, a sínteses, fusões ou identidades estáveis.<sup>72</sup>

Ou seja, percebe-se na fala da autora mineira que uma pessoa nunca se banha no mesmo rio duas vezes. Mais uma vez me lembro de uma obra literária que é o conto “Pierre Menard, o autor do Quixote” do autor argentino Jorge Luis Borges. ao pensar dessa forma é necessário considerar o lócus daquele que fala. O lugar de Cervantes, jamais fora o lugar de Menard, muito menos de Borges, a reescritura da obra é marcada de novas histórias. Nesse sentido, o conceito trazido pela autora corrobora o de lócus geohistórico de Walter Mignolo e, para mim avança na discussão, porque além de falar *a partir* da América Latina, diferentemente de Mignolo que está nos Estados Unidos, Souza contribui com a crítica literária brasileira ao enredar ao debate proposto por ela a teoria da crítica biográfica, da qual também quero me deter um pouco.

---

<sup>72</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.13.

## 1.6. A crítica biográfica

A crítica biográfica como um *exercício do político* constitui uma nova forma de ler as relações pessoais, sociais e culturais de modo crítico diferente. Sobretudo por estar baseada no cuidado e na preservação da boa-distância que precisa ser mantida. Em vista disso, o crítico biográfico aceita o desafio de pensar as relações de amizade para além das amizades propriamente ditas, do *bios* para além do *bios*, mesmo que esteja condenado a passar, primeiro, por esse *bios*, pouco importando que esse seja seu ou do outro.

NOLASCO. Políticas da crítica biográfica. p. 55.

A crítica biográfica tem sido nos últimos anos minha companheira de trabalho e mais que uma teoria, assim como o pós-ocidentalismo, tem sido uma das razões que alavancam meu pensamento liminar. Assim estabeleço minha amizade<sup>73</sup> com Eneida, apesar de ter corrente na veia a admiração incondicional, sei que há o limite da boa-distância. Tenho a crítica biográfica como uma perspectiva.

De acordo com Eneida Maria de Souza, a crítica biográfica constitui uma nova modalidade no que diz respeito aos estudos de literatura no Brasil. Amante das literaturas, ao longo dos anos tive minha formação tradicional na escola. No final de cada ano lá estava eu respondendo o que o autor quis dizer. A crítica biográfica, bem como os estudos subalternos me fizeram entender que as leituras vão muito mais além.

As *bugras* que debulham feijão, o mercado que cheira a pastel misturado com as ervas, na minha cidade, também são literatura, constituem meu imaginário e me levam a perceber as minhas sensibilidades biográficas. Essa nova modalidade à qual me referia é que me permite hoje realizar todas essas inferências. A crítica biográfica tem por prioridade estabelecer laços metafóricos entre aquilo que pode ser da ordem do real ou da ficção. Nas palavras de Eneida “a crítica biográfica praticada durante esses últimos anos consiste na possibilidade de reunir teoria e

---

<sup>73</sup> Deterei-me melhor na questão da amizade no segundo e terceiro capítulos.

ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida”<sup>74</sup>. *Grosso modo*, o importante é ter como face da mesma moeda real e ficcional. É com essa deixa que Eneida estabelece laços importantes literariamente, pois ao considerar ser a crítica biográfica de natureza compósita abre um leque de possibilidades ao que narra e ao receptor. Nas palavras de Eneida:

Pelo fato de a crítica literária se expandir em várias e múltiplas vertentes, incluindo-se aí a crítica comparada, a cultural, a biográfica, a genética, a textual – sem que os preconceitos e as hierarquias sejam prioritárias no tratamento das mesmas – torna-se às vezes difícil impor limites para sua prática.<sup>75</sup>

Logo, e ainda nas palavras da autora, por natureza compósita entende-se que “englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre fato e ficção”.<sup>76</sup> O que se percebe é que ao amalgamar pensamentos diversos, numa tentativa de amarrar os mais variados conceitos para realizar uma leitura não universalizante de vidas afins, tal leitura me permite ver o objeto de estudos por uma *mirada outra*:

o objeto literário deixa de ser privilégio da crítica literária e se expande para outras áreas, numa demonstração de estar a literatura se libertando das amarras de um espaço que a confinaria para sempre no âmbito das *belles-lettres*.<sup>77</sup>

Ter a crítica biográfica como aliada em minhas pesquisas me permite estabelecer relações extraliterárias, ou seja, como Eneida comenta acima na citação, o objeto de leitura ou de estudos, não está mais condenado a ser lido tradicionalmente passando pelo crivo do que é ou não literatura. De acordo com Eneida:

<sup>74</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 21.

<sup>75</sup> SOUZA. *Crítica biográfica*, ainda, p. 53.

<sup>76</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 105.

<sup>77</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 109.

a crítica biográfica se apropria da metodologia comparativa ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, relações familiares, [...]. A comparação conta, portanto, com a ajuda de critérios biográficos, ao promover encontros [...] e incentivar a criação de diálogos muitas vezes inesperados [...] não se prendendo à palavra do autor, mas indo além dela.<sup>78</sup>

Quando o intelectual se vale da metodologia comparativa a partir de critérios biográficos ele consegue expandir as leituras realizadas até então, por conseguir realizar o processo de desrealização e dessubjetivação do objeto de estudo em questão. Em outras palavras a crítica biográfica ao se apropriar do exercício comparatista consegue dessubjetivar uma vida e assim montar um perfil literário em um lugar deslocado do real. No livro *Clarice Lispector pintora* (2013), Marcos também contribui com o pensamento da crítica biográfica enquanto ideia compósita dizendo que:

A ideia de natureza compósita da crítica biográfica (SOUZA) forçosamente implica a retomada de algumas questões que há algum tempo já vem sendo debatidas no meio crítico-intelectual brasileiro: importação e absorção de novas teorias, relações metafóricas para o estabelecimento de vínculos não hierárquicos – se levarmos em conta uma visada cultural –, aproximações artísticas por amizades reais ou ficcionais etc.; e sempre tendo como ponto de partida a ideia de (re)pensar a figura do produtor artístico-cultural envolvido com a produção.<sup>79</sup>

Ter esta noção de crítica biográfica por natureza compósita nos ajuda a compreender como se dá o trabalho da crítica biográfica proposta por Eneida, como busco realizar a escrita desta dissertação e como penso na vida de Eneida. Todas essas questões corroboram num pensamento de que um conceito de Literatura (até hoje não definido com propriedade, mas que sabe-se existir dentro das academias) rui para que um pensamento outro possa emergir e possa repensar nas teorias de forma mais abrangente sem privilegiar uma em detrimento de outra. No meu ver pensar pelo viés da crítica biográfica pós-colonial significa abrir a janela para a pesquisa de fronteira, para pensadores subalternos e não ter medo de aprender com

<sup>78</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53-54

<sup>79</sup> BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora*, p. 66.

o que é do lugar onde se fala, com pensadores do lugar em que vive seja nos arrabaldes de Mato Grosso do Sul, ou no da Inglaterra, ou da Índia.

Nesse sentido, a crítica biográfica permite que se diluam as fronteiras disciplinares e o olhar do crítico construa a vida sobre a qual se busca articular. Achugar melhor explica esta ideia ao dizer que “A origem da realidade não esta no real, mas na leitura que fazemos. A verdade histórica não tem uma existência empírica e independente de nós, os leitores; existe, porque nós, os leitores, somos seus criadores.”<sup>80</sup> Portanto, é na alegoria em que as relações entre sujeitos ocorrerão, sendo transpostas do plano literário para o plano alegórico.

Um exemplo da transposição alegórica é pensar o jogo que Eneida estabelece com Jorge Luis Borges quando escreve um texto se valendo da data de falecimento de Borges para construir aquele perfil biográfico. Aqui vale destacar que os lugares já não são mais dados, mas encenados<sup>81</sup> pois, nas palavras de Achugar,

Em um universo de ruínas circulares, de infames, de imortais, quem dá vida é quem percebe ou quem lê. Ou dito de outro modo, quem dá existência não é o criador, mas o observador, o leitor, o espectador.

Pouco importa que esse observador, o eu, se disfarce de primeiras ou terceiras pessoas. O eu permanente e unitário, o eu instantâneo, *disjecta membra*, o eu do discurso borgiano tem todas as possibilidades, pois tem todo o poder.<sup>82</sup>

Logo, eu, primeiramente, enquanto leitora de Eneida Maria de Souza, com todo o poder, imprimo meu olhar e a existência desta *persona* só ocorre a partir desta leitura, que podemos chamar de imagem fragmentária do sujeito. Porque estando condicionada ao meu olhar, também se condiciona às lacunas. Lacunas estas que eu leitora/escritora não posso preencher, pois na representação deste real estou fadada a falha.

---

<sup>80</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 136.

<sup>81</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 19-20.

<sup>82</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 135.

É por tal motivo que insisto em lembrar que a leitura da crítica biográfica é metafórica, pois ao amarrar a teoria ficcional aos documentos do biografado consolida-se a produção do saber narrativo. Aqui a metáfora entra como elemento fundamental para delatar a exclusão e justificar a vocação pela vida intelectual. O crítico biográfico

[...] se apropria do mito e da escrita pautada por imagens para teorizar sobre a escrita literária. A força mediadora da metáfora possibilita a produção de conceitos, o que justifica não só o olhar enviesado do sujeito diante do objeto, como o processo de abstração e recorte da teoria frente ao objeto.<sup>83</sup>

Pensando por este lado, da aproximação entre teoria e ficção, e, por conseguinte, diluição entre vida e obra o crítico biográfico se permite vivenciar a leitura, praticando um ato de bovarismo. O termo cunhado por Eneida Maria de Souza é fundamental, por fazer compreender a minha pulsão em biografar da intelectual, bem como pode ajudar no entendimento das metáforas na crítica biográfica.

Bovarismo faz menção ao livro *Madame Bovary* e “representa a metáfora da literatura como criadora de ilusões, ilustra a mesma sedução causada pelo ‘desejo triangular’, processo cognitivo através do qual a relação do sujeito com o objeto é fruto da leitura dos romances românticos.”<sup>84</sup> Logo, os desejos que não são meus, se revestem do desejo existente no outro.

Ou seja, a crítica biográfica não se restringe ao ambiente da literatura e está aberta a *leituras outras*. Vejo a possibilidade de enredar tal discurso os postulados da teorização pós-ocidental, pois por não ter um pensamento binarista, ela tende a não homogeneizar os discursos, encarando que cada sujeito observa, analisa e exerce pontos de vista diferentes. Ou melhor, cada sujeito está livre para realizar *leituras outras*.

---

<sup>83</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 122.

<sup>84</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 120.

Remeto essa interpretação ao conceito de *paradigma outro*. Compreendo o conceito de *paradigma outro* também como uma forma de romper com os legados coloniais. A rubrica, não poderia ser diferente, no entender de Mignolo, usar a nomenclatura *outro paradigma* só reforçaria a ideia binarista, logo seria mais uma teoria a discutir sobre a América Latina. Diferentemente:

O “paradigma outro” é, em última instância, o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares nos quais a expansão imperial/colonial lhe negou a possibilidade de razão, de pensamento e de pensar o futuro. É “paradigma outro” em última instância porque não pode reduzir-se a um ‘paradigma mestre’, a um paradigma novo, que se auto-apresenta como a nova verdade. A hegemonia de um “paradigma outro” será, utopicamente, a hegemonia da diversalidade, isto é, da diversidade como projeto universal e não a um “novo universal abstrato”. A “alteridade” do paradigma de pensamento que aqui esboço é precisamente levar implícita a negação de novidade e de “universalidade abstrata” do projeto moderno que continua ocultando a colonialidade.<sup>85</sup>

Tal como na crítica biográfica, o *paradigma outro* busca dar novas possibilidades. É o coro dos descontentes, cada um com sua perspectiva faz do paradigma outro “a diversidade (e diversalidade) de formas críticas de pensamento analítico e projetos futuros assentados sobre as histórias e experiências marcadas pela colonialidade, ao invés daquelas dominantes até agora”.<sup>86</sup>

Talvez a diversalidade seja um dos fatores que mais me encantam no conceito de *paradigma outro*. Porque sendo uma das descontentes, um *paradigma outro* não foi cunhado pelo autor X, ou pelo autor Y, trata-se de uma conexão entre todos aqueles que foram/são marginalizados e que aprenderam com traumas o que é a falta de respeito. Pode-se dizer também que um *paradigma outro* é a possibilidade de *linkar* as formas críticas de pensamentos emergentes que foi gerada pelo imperialismo colonial/moderno. “E é por esta via que a crítica biográfica

---

<sup>85</sup> MIGNOLO. Un paradigma otro, p. 20.

<sup>86</sup> MIGNOLO. Un paradigma otro, p. 20.

se encontra com a cultural comparada, por ampliar o registro literário e entendê-lo como parte de outras manifestações artísticas.”<sup>87</sup>

Como já mencionado acima, o *locus* de enunciação é muito importante. Estabelecer o lugar de onde se fala vai além de demarcar o território, significa justamente desmascarar o universalismo imposto aos países subdesenvolvidos, inclusive Walter Mignolo ao articular a diversidade de formas críticas de pensamento, reflete sobre o lugar de enunciação do intelectual, dizendo que deve estar entre os saberes locais e globais do pensamento contemporâneo, pois o mesmo traduz as sensibilidades locais.

O lugar em que estou revela quem sou. No que tange às sensibilidades locais, ou biográficas – como Eneida prefere dizer – os estudos advindos da América Latina e de outros lugares subalternos possibilitam articular as relações afetivas, ou mesmo as metáforas literárias com a realidade/razionalidade. Tomar estes estudos como uma perspectiva, tal como sugere Mignolo, nos ajuda a perceber que as sensibilidades dão *corpus* ao pensamento crítico do intelectual que se propõe falar a *partir de*.

Considerar as sensibilidades locais, ou biográficas, exige a inserção do sujeito no discurso. Nas palavras de Eneida, uma das maiores conquistas do discurso crítico contemporâneo é a marca autoral. Para ela, “A marca autoral no texto analítico funciona como uma das conquistas mais relevantes do discurso crítico contemporâneo, entendendo-se que o sujeito volta à cena discursiva de maneira ainda esvaziada e fraturada”.<sup>88</sup> Este discurso crítico é carregado das sensibilidades do sujeito que erige o discurso, não só pela marca autoral, mas porque, além disso, o lugar do qual se fala sinaliza por si próprio a condição daquele que fala. Um dos

---

<sup>87</sup> SOUZA. *Clarice Lispector pintora*, p. 34.

<sup>88</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p 34.

exemplos que podemos citar é o ensaio acadêmico que permite ao autor inserir-se na discussão, de modo que ao se inserir revela suas sensibilidades.

Sobre as sensibilidades locais, Mignolo afirma que os estudos subalternos permitiram uma articulação melhor entre ações afetivas e a racionalidade, fundindo a visão de racionalidade e sensibilidade. Na verdade, sensibilidades e lócus são termos indissociáveis e permitem realizar a leitura de produções do local ou como a crítica de fronteira permite que eu realize a leitura daquilo que erigido do meu lugar de enunciação. Pois é dessa forma que a teorização deseja que o conhecimento seja percebido, já que no momento em se reforça a leitura analítica, por sua vez colonial, reforça-se o silenciamento dos locais subalternos.

Já partindo para o fim deste capítulo, deixo agora que as minhas sensibilidades me guiem. Mergulho agora nas memórias, minhas, de Eneida, para traçar essa amizade que me envolve e que marca meu *bios*. Sensibilidades latentes, afinidade eletiva pelas palavras, arquivos que se abrem, vidas que se transpõem.



**CAPÍTULO II –**  
**DOS (MEUS) PLURIARQUIVOS:**  
a memória fronteiriça em Eneida Maria de Souza

Toda leitura é uma invenção, um erro que embaça a memória.  
ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 132.

Reler o texto do passado consiste na atualização, pela escrita, de uma prática que movimenta o que se acredita estável, fragmentando-se a unidade imaginária que se constrói de si. Esse desconforto justifica a resistência do sujeito em relatar experiências, que, no lugar de recompô-lo, o recortam, como na restauração de um vaso quebrado: a marca dos remendos dos cacos permanece, reforçando a fragmentação.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 24.

A Eneida que invento constitui parte do meu *bios* e da minha memória. Cada leitura que faço estabelece entre nossas vidas um exercício de resgate da memória que somente se dá no limiar destas duas vidas, a minha e a dela. Da herança a que fui confiada, ao resgate físico de nossas memórias, percebo que tal construto só se dá pelo amor.

O amor pela vida do outro é tamanho que me leva a querer escarafunchar ao máximo tal *bios* e, então, não há outra alternativa, que não, abrir o arquivo. Neste capítulo quero me deter na abertura do arquivo de Eneida Maria de Souza. As linhas que agora escrevo são um arremate das memórias de Eneida e das minhas e por tal motivo, configuram um trabalho memorialístico. Mas o que seria abrir o arquivo? De que arquivo estamos falando?

Tomando por base os postulados de Jacques Derrida, ao me referir à uma vida e reinventá-la nestas linhas, ajo como uma arconte que zela por este ser, mas que necessita tudo saber sobre ele. No papel de arconte, como amante de um único *bios*, me encontro emaranhado de recortes, livros, fotografias, autógrafos e outros objetos que me lembram Eneida. Em minha caixa guardo e rememoro aquilo que me pulsiona a amar e a biografar esta vida.

A abertura do arquivo de Eneida Maria de Souza me faz pensar nesta vida e nas inter-relações como possibilidades, porque ao me abrigar em/de seus documentos e memórias acredito naquilo que invento e busco em tal *bios* ampliar a leitura dos estudos literários, culturais e pós-ocidentais. Além disso, acredito que o

narrar da vida seja necessário para os estudos biográficos, pois nos ajuda a colocar em xeque a ideia moderna de trabalhar as categorias autor e obra.

Ou seja, aqui, olhar para a autora, intelectual Eneida Maria de Souza não é encará-la como um elemento do discurso. Nas palavras de Reinaldo Marques:

O nome próprio do autor permite agrupar sob sua rubrica um conjunto de textos, estabelecendo entre eles relações de homogeneidade, filiação, autenticidade; possibilita ainda contrastar tal conjunto com outros conjuntos textuais postos em circulação na sociedade.<sup>89</sup>

Minha busca não se dá na exaltação do nome de Eneida, mas se consolida na amálgama que tal nome constrói ao exercer papel intelectual e articular na contemporaneidade sem exercer uma função autoral, mas um papel social, crítico, acadêmico, *cult*.

Valho-me principalmente dos conceitos de Jacques Derrida, no que diz respeito a arquivo e memória; trago à discussão as contribuições de Leonor Arfuch para pensar no conceito de biografia; e Francisco Ortega, para estabelecer a relação de amizade entre mim e Eneida. Tais conceitos me servem de base para pensar na construção desta biografia crítica e na pulsão a que estou condenada.

---

<sup>89</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 65.

## 2.1. O abrir do arquivo

Recuperar é, portanto, perder-se no outro e abandonar a imagem ilusória de uma intocável subjetividade.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 26.

O trabalho de memória não assume a solenidade das origens nem investe na legitimação do passado como forma de preservar o patrimônio familiar.

SOUZA. *Janelas indiscretas*, p.139.

O que me lembro são das minhas memórias inventadas de criança, e como elas me construíram e me constituem. Algumas delas permaneceram ao longo dos anos. Outras eu deixei irem com o tempo, porque já não acreditava mais que pudessem servir ou sequer merecessem permanecer em minha história. Não é impossível. Como inventora da vida dos outros, também me permito inventar minha vida. Apago os escritos do diário e deixo a história mais bonita (ou não), mais (ou menos) dramática, isso depende do dia.

Cada vez que penso na época da escola, dos colegas de classe, da professora, ao mesmo tempo querida e rígida, refaço na memória os momentos que vivi e que me levaram ao mundo das letras. Quem diria que as intrigas que me causavam as aulas de história e de literatura viriam a ser meus objetos atuais de pesquisa acadêmica. Ora, estudar Eneida Maria de Souza e tê-la como objeto é estar a todo tempo *linkado* à literatura, à teoria, à história, à política, às artes, à biografia da autora e à minha mesma. Isso é transferência. Transferência é amar.

Foi sentindo este amor que entendi o meu relacionamento com Eneida. Amizade distante e tão próxima que me leva a pulsão de querer biografar sua vida. Se “biografar é metaforizar o real”<sup>90</sup> tal como propõe Eneida, farei das leituras, feitas por mim, parte dessa metáfora que constitui a figura da professora intelectual e

---

<sup>90</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 53.

influyente na crítica literária brasileira. Para melhor entender, nas palavras da autora: “Metaforizar o real significa considerar tanto os fatos quanto as ações praticadas pela pessoa biografada como possibilidade de inserção na esfera ficcional. Ao espectador o direito de construir também sua história e interpretação do enredo”<sup>91</sup>. Desta liberdade compromissada da qual me valho busco traçar um percurso biográfico através do arquivo vivo e em constante transformação que é Eneida.

Nesse trabalho herdado e a mim confiado tomo como ponto de partida a epígrafe, retirada do livro *Janelas indiscretas*, é fundamental, pois me ajuda a compreender o sentido da palavra *memória*. Segundo Eneida, o trabalho memorialístico de um autor não busca retomar as origens para preservar no presente o passado daquilo que está sendo rememorado.

Talvez provenha daí a recusa de muitos autores não trabalharem com o arquivo propriamente dito, pensando que ele seria uma leitura muito conservadora da literatura. Quando falamos em *memória*, logo pensamos em tudo o que decorreu no passado e que nos vem a mente num momento presente. Nas palavras de Hugo Achugar “Toda memória, toda recuperação e representação da memória implica uma valorização do passado”.<sup>92</sup> *Memória* está para o sinônimo verbal *lembrar/esquecer*.

Ao problematizar sobre a memória, Achugar faz um percurso cronológico. A palavra memória teve seu destaque na modernidade, momento em que se buscava romper com a tradição na América Latina, como se os relatos daqui estivesse pautados por um processo de construção coletiva que fosse marcado pelo esquecimento. Era como se pensar em memória vinculasse a tradição. Segundo Achugar a modernidade, se por um lado tinha um propósito de trazer o novo, por

---

<sup>91</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 54.

<sup>92</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 59.

outro trouxe também a condenação ao esquecimento das minorias, dos indivíduos que foram silenciados.

Diferentemente, do que tal palavra representa hoje. De acordo com Achugar, “[...] a memória, para um amplo setor da sociedade contemporânea, teria a responsabilidade de resgatar os esquecimentos a que haviam sido submetidos indivíduos, obras e fatos históricos”.<sup>93</sup> O resgate da memória na contemporaneidade contribui com repensar os conceitos esquecidos pela modernidade. Ainda de acordo com ele:

Não se trata simplesmente de, em defesa da permanência dos valores e dos saberes tradicionais, recorrer ao esquecimento, não se trata de ter começado a erigir a memória como um modo de fazer justiça aos postergados, ou às vítimas da barbárie civilizadora. Tudo isso nos levou a construir um relato cultural que corrige os “esquecimentos” dos relatos anteriores.<sup>94</sup>

Neste sentido, ao tomar a vida de Eneida como ponto de partida, minha discussão busca repensar alguns conceitos na contemporaneidade, realizo o exercício de rememoração e construção do relato cultural brasileiro, latino-americano a fim de não mais deixar cair no esquecimento, ou melhor, no silenciamento, o papel do intelectual.

A palavra *memória* também se dá no sentido derridiano, como complemento de *arquivo*. Aqui, ao evocar o trabalho com a memória, o pesquisador (no caso, eu) assume/o “entusiasmo pelo processo da escrita e o interesse pela gênese dos textos ultrapassam a curiosidade do crítico em penetrar nos bastidores da criação e atingem dimensões próprias ao exercício literário e biográfico”.<sup>95</sup>

Ao tomar *memória* como complemento de *arquivo*, me vejo na obrigação de *abrir o arquivo* de Eneida Maria de Souza como única condição para traduzir o amor,

<sup>93</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 141.

<sup>94</sup> ACHUGAR. *Planetas sem boca*, p. 143.

<sup>95</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 42.

a relação de transferência que tenho com meu objeto. Aqui retomo a figura crítica da autora Eneida, não só através de suas obras públicas. Ao construir tal *persona* literária evoco traços, fotografias, objetos, amigos, fatos que me ajudam a tornar viva literariamente Eneida Maria de Souza e a problematizar a questão do bem de arquivo trabalhada pela autora no ensaio “A biografia: um bem de arquivo”.<sup>96</sup>

Tal como Eneida sugere, a minha intenção não visa reunir dados da vida da mesma para a construção de um perfil biográfico, daí a necessidade de metaforizar o real, tal como já mencionamos acima. Me valho das palavras de Maria José Coracini. Pensar na memória:

é justamente no lugar da anamnese<sup>97</sup> impossível em sua experiência espontânea, viva e interior, no lugar da *falta* originária e estrutural da chamada memória que o arquivo tem seu lugar, na tentativa, vã, diga-se de passagem de preenchê-la, de completá-la, de fixá-la.<sup>98</sup>

Cada dado biográfico se torna elemento constitutivo do arquivo de Eneida Maria de Souza porque cada um será carregado de lembranças, impressões, aprendizados que só se dão na ordem do inconsciente. A memória carrega consigo marcas que vão sendo resgatadas pelo crítico para a construção e abertura do (meu) arquivo:

Marcas que provêm do exterior e que marcam a singularidade do sujeito; marcas que se inscrevem no próprio corpo, por vezes de modo explícito, através de um corte, de uma circuncisão, no caso dos judeus, que deixa uma cicatriz – incisão na pele que recobre outras peles, inscrição posta e imposta (já que a criança não decide) numa sociedade, numa cultura, numa religião (conjunto de crenças); marcas que se inscrevem nos hábitos, nas roupas, na alimentação, no corpo. Incisão que é sempre memória.<sup>99</sup>

A memória funciona como mecanismo interpretativo, pois nunca é pura, nunca será intacta, ainda que se saiba o fato na sua originalidade, quando rememoramos já não é o mesmo. Ele se dá *a posteriori*, logo sempre será

<sup>96</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 39.

<sup>97</sup> História de vida, retrospectiva que se pretende ser fiel aos acontecimentos vividos.

<sup>98</sup> CORACINI. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida, p. 130.

<sup>99</sup> CORACINI. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida, p. 131.

interpretado, ficcionalizado às leis do momento em que se vive. É por essa razão que Derrida vai dizer que a memória é faltosa. Ao mesmo tempo em que é real é irreal.

É como no processo de velamento e desvelamento, de Heidegger. Isso porque o desejo do inconsciente se manifesta na interpretação. Ao passo que rememora e traz ao presente, arquiva num processo de esquecimento. Nas palavras de Derrida isso decorre, porque o conceito de arquivo do qual nos valem, abarca em si o conceito de memória que vem do nome *arkhê*.

De certa maneira, o vocábulo remete bastante bem, como temos razões de acreditar, ao *arkhê* no sentido físico, *histórico* ou *ontológico*; isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo em suma, ao começo. Porém, ainda mais, *ou antes* ainda, “arquivo” remete ao *arkhê* no sentido *nomológico*, ao *arkhe* do comando.<sup>100</sup>

Nesta linha de raciocínio, o sentido de arquivo abriga ao mesmo tempo em que esquece. É por esta razão que Derrida vai pontuar que o conceito de arquivo não é fácil de ser arquivado. O lugar do arquivo marca a transição do privado ao público e por tal motivo necessita ter poder arcôntico

Para se abrigar e também para se dissimular. Esta função arcôntica não é somente topo-nomológica. [...] É preciso que o poder arcôntico, que concentra também as funções de unificação, identificação, classificação caminhe junto com o que chamaremos o poder de consignação.<sup>101</sup>

Trago para a discussão o poder arcôntico, porque ao me valer da vida de Eneida atuo como arconte desta vida. Ao tomar o arquivo como base, construo a imagem da minha Eneida, desconstruindo aquilo que já foi dito. A desconstrução se dá de forma pós-ocidental, no sentido de não fazer da vida de Eneida Maria de Souza uma leitura biográfica moderna, nem meramente reproduzindo as falas dela. Em meu poder de arconte, nos transferimos e o arquivo dela acaba constituindo

<sup>100</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 12.

<sup>101</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 13-14.

porte do meu. É por isso que o arquivo de que falo passa pela ordem da consignação. Segundo Derrida

A consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal. Num arquivo, não deve haver dissociação absoluta, heterogeneidade ou segredo que viesse a separar (*secernere*), compartimentar de modo absoluto. O princípio arcôntico do arquivo é também um princípio de consignação, isto é, de reunião.<sup>102</sup>

Dessa forma, ao pensar em consignação, diretamente rememoro a ideia de herança e me encontro como herdeira-arcônte. Ao reunir as minhas memórias às de Eneida, consigno nossas vidas. Deste princípio arcôntico que me foi confiado traço uma construção arquivística literária de tal *bios*.

Para realizar este trabalho de construção arquivística literária de Souza tomo como base epistemológica o eixo memorialístico, fronteiriço e crítico biográfico. Ou seja, me valho da ideia de arquivo de Derrida, atravessada pelo pós-ocidentalismo e pela crítica biográfica<sup>103</sup> para construir as memórias de Eneida Maria de Souza através da abertura de seu arquivo.

A escolha de tal rede epistêmica decorre do fato de que assumir tal posicionamento me permite falar do lugar ao qual me encontro levando em consideração a minha memória (a seleção que eu escolho como leitora) para evocar a memória de Eneida. Pensando no que diz Mignolo:

estou dizendo que a produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geostórico e que os locais históricos, no mundo colonial/moderno, foram moldados pela colonialidade do poder.<sup>104</sup>

Além disso, no que diz respeito a crítica biográfica, “é necessário distinguir e condensar os polos da arte e da vida, através da utilização de um raciocínio substitutivo e metafórico, com vistas a não naturalizar e a reduzir os acontecimentos

<sup>102</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 14.

<sup>103</sup> Já trabalhados no primeiro capítulo.

<sup>104</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 256.

vivenciados pelo escritor”<sup>105</sup>. Ou seja, realizar tal escolha epistemológica desenvolve um trabalho de mão dupla, pois ao reunir o material arquivístico para a construção de tal biografia, preciso transformar tal material em ato literário. Tal ato, marca a transição do arquivo do privado ao público “o que não quer sempre dizer do secreto ao não-secreto”<sup>106</sup>. Esta transição compõe os fragmentos da minha memória enquanto pesquisadora.

E se a impressão que se tem até aqui é a de que este arquivo está bagunçado, engana-se o leitor. De acordo com Derrida sempre há uma ordem no arquivo

os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados em um arquivo senão em virtude de uma *topologia* privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha, onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio.<sup>107</sup>(grifos do autor)

Não se trata de elaborar um “esquema cronológico” da vida de Eneida. Mas também não significa escolher trechos ao léu. Essa ordem de privilégio corresponde à razão de o arquivo ter em si um arconte responsável pela função de transpor o que está na memória para a esfera do público. Ou melhor, o trabalho desenvolvido aqui é um exercício de “recuperação” de memórias: das de Eneida e das minhas, permitindo perder-me nas histórias dela, sem acreditar cegamente em minha subjetividade.

Ah! É bom que se diga, que ao falar da *persona* de Eneida, não quero fazer das memórias de Eneida, as minhas, nem muito menos refazer o trabalho realizado por ela. A biografia reconta uma vida, mas vida é diferente de escrita. A escrita não é e nem pode ser um espelho da vida. Dessa forma, a biografia reconta uma vida pela ótica do outro. Assim, o distanciamento é a forma mais válida de se manter essa

<sup>105</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 42.

<sup>106</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p.13.

<sup>107</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p.13.

relação com o biografado. Não existe uma relação simbiótica entre mim e meu objeto. Há afeto, sim. Amor, também. Mas passa pela ordem da transferência. A transferência me dá o poder de dar uma nova vida ao biografado. É por tal motivo que o exercício da memória e do esquecimento configuram o ato de abrir o arquivo do qual estou falando. Pois:

Exige-se, para tal, a articulação da memória e do esquecimento, da presença e da ausência de dados que configurem o material cinzento do passado. O esquecimento, ao acenar para o lugar da falta, do que escapa à inscrição e à simbolização, impulsiona, no presente, o exercício de reelaboração da experiência. Funciona ainda como meio de driblar a memória dos arquivos, parasitária e a serviço do armazenamento do saber.  
108

Ao reelaborar a memória, imprimi-se outro significado. Quero dizer que a minha subjetividade enquanto crítica parte do esquecimento e, por conseguinte, das minhas impressões. Ora, este arquivo impossível de se conceituar está ligado ao conceito de impressão de Freud, à psicanálise, aos segredos do inconsciente. Direta ou indiretamente está também ligado ao *bios*, o meu *bios* atravessado pela minha condição de pesquisadora da vida de Eneida, a partir do meu lócus fronteiriço.

Minha inserção enquanto pesquisadora se dá no pensamento metafísico de fronteira no que consiste o meu lugar. Logo, ao abrir o arquivo de Eneida, quero atravessar as fronteiras físicas e epistêmicas em que me encontro. O conceito de fronteira que mais me toca é o de Bhabha, porque para ele (e para mim, por extensão) a fronteira permite reunir enquanto passagem que atravessa. Nas palavras dele

a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: 'Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte *reúne* enquanto passagem que atravessa'.<sup>109 110</sup>

<sup>108</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 26.

<sup>109</sup> BHABHA. *O local da cultura*, p.24.

Estar na condição de falar a partir de Campo Grande – MS, não é falar meramente de um lugar. Estar assentada aqui, onde o sol se põe, é uma forma de ir contra a colonialidade do poder, mas é também uma forma de fazer presente a crítica vinda do sul. A escolha pelo objeto Eneida já passa por essa questão, se considerarmos que a mesma é uma mulher falando na/da América Latina. Por outro lado, vale considerar que o lócus da autora em questão faz parte do eixo central brasileiro, a saber, Minas Gerais.

Esta pequena contradição me permite realizar uma reflexão crítica que encampe as diferenças internas do Brasil, e mais, me permite articular o meu olhar a partir daqui da fronteira. Contudo, apesar de ressaltar as questões centro/periferia, não busco promover uma dualidade dos termos, tal como se configurava no sistema moderno.

O pensamento pós-ocidental não busca privilegiar um conceito em detrimento de outro. A tentativa aqui é destacar que o lócus tem seu lugar de discussão, ou melhor, que uma discussão crítica deve passar pelo crivo da posicionalidade já mencionado no Capítulo I <sup>111</sup>. Não por acaso, os estudos em Eneida Maria de Souza também fazem referência ao lugar de enunciação da crítica literária, política e cultural, visto que os mesmos devem partir de onde o sujeito suposto a falar esteja de dentro desses *lóci*.

É por tal recorte que penso a abordagem da crítica brasileira traçada por Souza. As sensibilidades locais se transmutam com as sensibilidades biográficas e tornam o arquivo literário da autora, bem como meu trabalho uma relação *lócusbiocrítica*. Quero me deter um pouco mais nesta questão de fronteira e em seguida sobre as sensibilidades.

---

<sup>110</sup> Faço outra nota de rodapé para lembrar o leitor que já me vali desta passagem como epígrafe

<sup>111</sup> Ver tópico: 1.3.1 Pensamento de fronteira: a intelectual Eneida.

## 2.2. Memórias fronteiriças, ainda: arquivar é arriscar

No exercício de reelaboração, reconhecem-se os ganhos e as perdas que passam a ser avaliados mediante as condições teóricas de sua produção.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p 26.

As vidas na fronteira (De Vos, 1994) são concebidas e experimentadas em e de perspectivas diferentes: como a autenticidade de culturas nativas atormentadas pela globalização, como a autenticidade da cultura do Atlântico Norte (ou Ocidental) em perigo ou ainda em sua triunfal marcha planetária.

MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 340.

Este subtítulo faz referência ao texto de Eneida Maria de Souza, “Crítica biográfica, ainda”, publicado nos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS – Crítica biográfica, no qual Eneida busca aclarar os leitores sobre a teoria da crítica biográfica, objeto de estudo que ela vinha detendo-se há tempos. Aqui me valho desta ideia para continuar falando de fronteira, pois é a partir do discurso da fronteira que compreendo aquilo que sou hoje e a partir dela que fiz a minha opção de pensar liminarmente.

Ainda justifico que pensar em fronteira neste capítulo me ajuda a melhor compreender a noção do arquivo que abro. Na tentativa de entender a noção de arquivo de Derrida, li um artigo de Reinaldo Marques, intitulado “O que resta nos arquivos literários”, que compõe parte do livro *Crítica e coleção* (2011), organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. No presente texto, Reinaldo faz uma aproximação de arquivo e da palavra risco.

Segundo o autor, falar em arquivo é correr risco, pois de acordo com o dicionário a palavra risco ao passo que designa algo ameaçador, também conjuntura uma ideia de futuro, de traçado, daquilo que é escrito. Foi pensando nesta palavra que a noção de arquivo me tocou, mas não pensando no arquivo diretamente.

Enquanto lia as palavras de Marques, pensava na fronteira. Estar na fronteira é viver em risco, ao distanciar para aproximar, compreendi que ao me valer do termo risco para pensar em fronteira, me permitia pensar em arquivo. Nas palavras de Reinaldo:

[...] um arquivo pode remeter talvez a um excesso ou carência documental, vinculados à dimensão do passado; entretanto, enquanto traçado, projeto, pode conter a ideia de futuro, colocando-nos frente a novas possibilidades de tratamento do arquivo, a novas ordens de leitura e interpretação de seus documentos.<sup>112</sup>

Na recuperação das memórias e na construção deste arquivo que escreve e me inscreve, tomo a fronteira como ponto de articulação de teorias e articulação dos bios que compõem esta dissertação: meu *bios* de fronteira e o *bios* de discurso fronteiriço que é Eneida.

A fronteira da qual erijo a minha discussão é física. A fronteira da qual falo nessas linhas é epistemológica. A discussão parte dos limites do saber articulados em torno da crítica literária e cultural. O pensamento liminar do qual falamos no primeiro capítulo é fundamental para entender o conceito de fronteira, porque é a partir do pensamento liminar que se pode pensar na fronteira em que se habita a diferença colonial. Nas palavras de Walter Mignolo,

[...] novas formas de conhecimento que revelam os limites da epistemologia ocidental estão emergindo nas fronteiras da globalización/mundialización, da modernidade/colonialidade, fronteiras habitadas pela diferença colonial. O pensamento liminar exige além de planejamento econômico e organização social, uma epistemologia de bilinguajamento e não de território, como a que sustentava as antigas religiões e a ciência, sua versão leiga e ocidental.<sup>113</sup>

Quando digo que a fronteira da qual erijo a minha discussão está marcada pela diferença colonial, não busco reforçar um pensamento binarista, como já comentei algumas vezes. Falar da fronteira não é ser bairrista, é saber articular a partir dos limites que foram impostos pela colonialidade do poder e do saber. O

<sup>112</sup> MARQUES. "O que resta nos arquivos literários", p. 192.

<sup>113</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 342.

bilinguajamento aqui (fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia) é uma constante. O conceito de bilinguajamento é desenvolvido por Walter Mignolo e diz respeito as línguas faladas nos lugares subalternos. Como exemplos latinos, o pensador argentino traz a língua portuguesa e o espanhol e toma tais línguas como subalternas, pois para ele essas línguas são desprezadas pela modernidade, visto que o inglês, o francês, o alemão, são idiomas de prestígio acadêmico.<sup>114</sup>

Guarani, castelhano, português, portunhol, numa mistura de culturas e línguas, passagens, paragens, a fronteira tem o poder de deixar passar, mas de reunir, congregar, recriar. O bilinguajamento é uma condição para estar na fronteira e para se pensar liminarmente. Quem nos ajuda a melhor compreender esta noção é Gloria Anzaldúa. Mignolo, ao citá-la, comenta que a mesma contribuiu com a noção de linguajamento, que depois faz Mignolo pensar em bilinguajamento, segundo o argentino:

Em outras palavras, enquanto o imaginário do sistema mundial moderno se detinha em fronteiras, estruturas e o estado-nação como espaço dentro de fronteiras com uma língua nacional, linguajamento e bilinguajamento, como condição do pensamento liminar a partir da diferença colonial, abre-se para um imaginário pós-colonial.<sup>115</sup>

O linguajamento é importante para essa discussão à medida que Eneida, enquanto crítica interage na cultura a qual está consignada descrevendo as descrições das interações dos críticos latinos na literatura e, por extensão, na cultura. A questão do bilinguajamento envolve o repensar a partir da herança o próprio alicerce. Se a língua é morada do ser tal como pontua Heidegger, só pode-se pensar que é na língua e a partir da língua que se pode desenvolver o pensamento liminar. Isso porque a língua está associada a território.

---

<sup>114</sup> Ver nota de rodapé *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 265.

<sup>115</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p. 344.

Daí o fato de Mignolo pensar em bilinguajamento como condição para se pensar liminarmente. Por que o bilinguajamento, apesar de ter o prefixo *bi*, não privilegia uma língua em detrimento de outra, pelo contrário, constitui um amálgama.

Anzaldúa escreve em seu livro *Borderlands/ La frontera*:

Tenho sido objeto de acusações por parte de vários latino-americanos e latino-americanas. Pelo purista e para maior parte dos latino-americanos, o espanhol chicano é considerado deficiente, uma mutilação do espanhol...

Mas o espanhol mexicano é uma língua liminar que se desenvolveu naturalmente. Mudança, evolução, enriquecimento de palabras nuevas por invención o adopción vêm criando variantes do espanhol mexicano, um nuevo lenguaje. Um lenguaje que corresponde a um modo de vivir. O espanhol mexicano não é errado, é uma língua viva.<sup>116</sup>

É de línguas vivas que se move a fronteira. São das vidas alocadas na fronteira e o modo como vivem que a fronteira permite se fazer enquanto passagem, enquanto troca. A fala de Anzaldúa corrobora a ideia da crítica biográfica pós-colonial, pois compreendo que aqui a intelectual considera a fronteira como local de reflexão, visto que para ela não existe a distinção entre interior e estrangeiro.

Para Anzaldúa a fronteira é também lugar de “libertação de temores construídos pelos intelectuais nacionais sobre o que possa vir de fora”.<sup>117</sup> A fala de Mignolo me ajuda a pensar em Eneida Maria de Souza. Pois ao ter um discurso fronteiro a intelectual mineira faz um convite ao pensar. Eneida também faz suas considerações sobre o discurso crítico brasileiro corroborando a ideia de linguajamento de Anzaldúa numa visada outra. Eneida pontua que

A relação binária estabelecida entre o Brasil e outras culturas restringia-se basicamente à europeia, ponto central de onde as ideias saíam. Limitados se tornavam, portanto, os intercâmbios internacionais, ocasionando a ocidentalização da cultura, pela estreita dependência existente entre o País e a Europa.

Ao se desvincular o conceito de exterior do que é próprio do estrangeiro, e incorporá-lo aos elementos que representavam o estranho para a cultura

<sup>116</sup> ANZALDÚA *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.348.

<sup>117</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.353.

branca, como o índio e o negro, consegue-se ampliar a relação entre interior/exterior.<sup>118</sup>

Ao congregar arte, cultura e literatura, bem como outras esferas do conhecimento Eneida rearticula pensamentos, conceitos e traz à baila a crítica biográfica como meio de não mais subalternizar a cultura latina, sobretudo a brasileira e revitalizar conceitos até então castrados pelo saber acadêmico. Nas palavras de Eneida a mudança:

Desse discurso crítico com as modificações processadas na análise literária, cabe ressaltar a desvinculação do caráter fechado e auto-suficiente do texto literário, abandonando-se os critérios de literariaidade, pela ampliação do conceito de texto. Os discursos das ciências humanas, como da antropologia, ao descentrar o eixo dos valores etnocêntricos, propiciou uma quebra de hierarquia dos discursos, aguçando o interesse pela valorização de textos marginalizados pela cultura oficial.<sup>119</sup>

O que se percebe é que a proliferação dos saberes outros ajudam a melhor pensar as transformações que ocorrem na fronteira enquanto lugar de discussão epistemológica, enquanto território que abriga moradores, refugiados, assassinos, gente de bem e gente que também pensa e melhor, nos ensina a repensar valores incutidos pela colonialidade do poder.

A fronteira não representa algo para mim. A fronteira é onde estou e de onde saem as minhas impressões. Erigir um discurso fronteiriço é muito mais que demarcar o lugar de onde se fala. A discussão aqui se dá epistemicamente. Falar da fronteira significa repensar tudo aquilo que me foi deixado como legado até aqui: as mesmas teorias, as mesmas interpretações, as mesmas definições. Nas palavras de Derrida “[...] os limites, as fronteiras, as distinções terão sido sacudidos por um

---

<sup>118</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 53.

<sup>119</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 18.

sismo que não poupa nenhum conceito classificatório e nenhuma organização do arquivo. A ordem não está garantida.”<sup>120</sup>

Vale dizer que repensar não é o mesmo que aniquilar o que já foi exposto até os dias de hoje. Repensar pode ser traduzido como pontuar criticamente que o que foi dito no século XVIII ou XIX, na Europa, é insuficiente para pensar no século atual, em Campo Grande. Dessa forma, entendo, pensando em Ramón Grosfoguel, que pensar *a partir da* fronteira é avançar na discussão. Nas palavras do autor:

Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/ subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas para lá das definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica.<sup>121</sup>

É sobre essa resposta que tenho pensado. A fronteira não é e nem pode ser uma mera tendência para se pontuar discursos do “pós”. A fronteira é lugar de repensamento epistemológico da subalternidade, é uma forma de marcar o chão que me abriga e que me dá subsídio para perceber que não sou uma máquina na qual podem me injetar história, ou realizar apagamentos para satisfazer um ideal de universal. Tal como afirma Bhabha, a fronteira está no além.

A crítica na fronteira, assim como a vida, é concebida e experimentada em e de perspectiva diferente: por sua condição de fora do eixo, por seu lócus geográfico cultural, por sua condição de transfronteiridade, está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica do outro ou da de fora. Isso se dá, na verdade,

---

<sup>120</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p.15.

<sup>121</sup> GROSGOUEL. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. p. 481.

com relação à crítica itinerante vinda do centro. Porque, na verdade, a vida na fronteira está mais para a condição de cultura na fronteira.<sup>122</sup>

Volto meu olhar para a fronteira em que vivo e tudo o que fizeram dela, verdade ou ficção, as histórias se entrecruzam e me permitem entender que o que muda não é a fronteira. Quem mudou fui eu enquanto habitante da fronteira, enquanto parte desse lugar subalterno. Mudou a posicionalidade epistêmica, já não me interessa saber sobre a fronteira, porque falo *a partir* dela, *a partir* daqui.

Voltar meu olhar para Eneida Maria de Souza, a partir da fronteira em que estou, tem sua razão. Tal razão consiste no fato de a autora ser uma crítica brasileira e se propor a falar do discurso latino-americano pós-ocidental. Esta inserção me custa caro porque Mignolo, ao pensar na América Latina enquanto lugar de construção do pensamento pós-ocidental, não encampa a crítica brasileira como sendo parte da América Latina.

O autor faz uma *mea culpa* para resolver a problemática ao trazer para seu debate a figura do intelectual Darcy Ribeiro. Porém isso não exclui o fato de Mignolo privilegiar o cone-sul<sup>123</sup> geograficamente. Parte desta problemática uma das necessidades de eu pensar em Eneida Maria de Souza como uma das maiores pensadoras presente no discurso crítico intelectual latino-americano pós-ocidental.

Olhar para Eneida significa configurar o meu olhar enquanto estudiosa fronteiriça pelo olhar de Eneida, visto que ao reconhecer nela uma importância

---

<sup>122</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 27.

<sup>123</sup> O Cone Sul é uma região geográfica que engloba a parte sul do continente sul-americano; tem esse nome por conta de sua aparência que assemelha-se a um triângulo. A região é composta pelo Uruguai, Argentina e Chile. O Paraguai por vezes é incluído por conta da sua localização geográfica e aspectos históricos, porém excluída por questões econômicas. A região sul do Brasil também por vezes é considerada parte do Cone Sul, geralmente nas ideias mais abrangentes. O estado de São Paulo também pode fazer parte, porém apenas por critérios econômicos, já que este estado brasileiro compartilha de grande riqueza. O idioma principal é o espanhol e o português (caso inclua o Brasil).

significativa para a reformulação do pensamento colonial/moderno, também se configura uma das formas de aprender a ler o lugar do qual me propus falar, de maneira que ao olhar a minha fronteira, atravessada pelo discurso latino-americano, quero despir minha visão do resto da herança colonial europeia que me foi condicionada até aqui.

São por tais questões é que a memória de Eneida Maria de Souza, esta herança que me foi confiada é importante, pois esta memória me ajuda a articular o pensamento liminar oriundo da fronteira. Tal como sinaliza Ricardo Piglia:

A memória tem a estrutura de uma citação, é uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve em nome de outrem e que não se pode esquecer. Manejar uma memória impessoal, relembrar as lembranças de um outro. Essa parece ser uma excelente metáfora da cultura moderna. Claro que nem sempre se trata, como vocês podem imaginar, da memória de Shakespeare. (Nem sempre se trata, quero dizer, da grande tradição cultural.) Os materiais dessa memória alheia aparecem frequentemente sob a forma degradada da cultura de massa; constrói-se com as formas estereotipadas da cultura popular. Não se recebe a memória de Shakespeare mas se recebe a memória dos filmes de Hollywood e isso Puig soube narrar como ninguém <sup>124</sup>

É desta citação em forma de *bios* que componho a minha memória. Desta herança, manejo a memória de Eneida, a memória que construo de Eneida e a minha memória. Se para Piglia tais memórias aparecem sob cultura de massa, no meu caso tais memórias compõem estas linhas nas quais desarquivo arquivando vidas, obras, diferenças e culturas.

Tal como assinala Nolasco a “discussão (...) aqui proposta, e que não tem mais a ver com ‘disciplina’, mas com a ‘cultura’, permite pontuar as ‘diferenças culturais’ da fronteira e reinseri-las numa discussão crítica de maior abrangência”.<sup>125</sup> Já não cabe mais exercer só o jogo de aproximação e distanciamento tal como se propora há tempos atrás, além disso, ao tomar a

<sup>124</sup> PIGLIA *apud* SOUZA. *Crítica cult*, p. 82.

<sup>125</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*.p.127.

América Latina como ponto de partida me permito realizar a opção descolonial, visto que dessa mirada ajudo a desfazer os conceitos de unidade e universalidade. Olho a minha cultura do lugar em que falo, estou, me situo, cito e vivo.

### **2.2.1. Nas memórias da fronteira, sou tomada pelas sensibilidades**

Penso Eneida das minhas sensibilidades locais e biográficas, das memórias que perpassam a porosidade da fronteira e do meu intelecto. Ambas as nomenclaturas deixam claro que a sensibilidade se transmuta de acordo com o lócus do sujeito que inicia uma discussão. Isso porque, a sensibilidade é uma extensão do conhecimento e está para o plano da teorização pós-ocidental de acordo com Ramón de la Campa

Poderia dizer então que a sensibilidade pós-colonial abre uma nova porta ao pensamento que antes se dedicava a estudar a periferia, ainda que também persistam traços de contradição conceitual que exigem maior atenção.<sup>126</sup>

Como se percebe, a mesma necessidade que a teorização pós-ocidental tem de rearticular os conceitos, o termo sensibilidade busca abrir uma nova forma de pensar e de pensar a partir da América Latina. A palavra sensibilidade vem corroborar o sentimento de um povo marcado pela exclusão e que o tem circunscrito<sup>127</sup>.

Falar em sensibilidade é conjecturar em minha linha de pensamento os traços do sujeito. Pensar na sensibilidade como parte da minha discussão neste capítulo não é mero acaso, leitor. A sensibilidade corre na espinha dorsal deste trabalho

---

<sup>126</sup> “Podría decirse entonces que la sensibilidad postcolonial abre una nueva puerta al pensamiento que antes se dedicaba a estudiar la periferia, aunque también persisten capas de contradicción conceptual que exigen mayor atención”. DE LA CAMPA. “Sensibilidad poscolonial, América Latina y entrono neoliberal”. p. 178. (tradução minha)

<sup>127</sup> Derrida na esteira de Freud.

porque falo de vidas. Desta forma este conceito estabelece a ponte entre que é da ordem do *bios* e o que é da ordem da crítica literária. No limiar de vida e literatura é que corre meu pensamento, disse isso no primeiro capítulo e torno a repetir. Das memórias que compõem meu acervo e das teorias que compõem minha opção descolonial é que se origina meu arquivo. As sensibilidades então se tornam condição para que eu consiga pensar em Eneida.

Falar de sensibilidade implica em pensar em dois conceitos, o primeiro é o de Mignolo que se vale de sensibilidades dos locais geoistóricos; já o segundo em articulação ao primeiro é desenvolvido por Edgar Cézar Nolasco, sensibilidades biográficas. No compreender de Mignolo “As sensibilidades não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se, na família, na escola (para os que têm acesso a ela) no decorrer da vida.”<sup>128</sup>

Mignolo afirma que a sensibilidade está associada ao local não porque compõem identidade, mas que as identidades se constroem dela. Ao falar da Índia, o teórico problematiza sobre o cosmopolitismo e o exílio. Segundo o teórico:

O cosmopolitismo e o exílio, [...] não são uma advertência à sensibilidade do local histórico; são configurações particulares dele: constituem um alerta para a sensibilidade do local “nacional” (enquanto uma manifestação particular dos locais geoculturais). O fato de que vivemos cada vez mais em condição de exílio, numa cosmópole crescente, não significa que se tenham perdido as sensibilidades. Mais uma vez, as sensibilidades dos locais geoistóricos não são traços essenciais das identidades nacionais: as identidades nacionais são apenas um tipo histórico de sensibilidade.<sup>129</sup>

Distanciando para aproximar, encaro a escrita de Eneida Maria de Souza, como exemplo de circuncisão, pois vejo nos diálogos travados por ela com personalidades latino-americanas uma necessidade de articular a crítica biográfica

<sup>128</sup> MIGNOLO. *História locais/ Projetos globais*, p. 264.

<sup>129</sup> MIGNOLO. *História locais/ Projetos globais*, p. 264.

pensando da América Latina. A escolha por eleger amizades metafóricas deste lugar, estabelece também uma forma de marcar o lócus de enunciação migrante da mesma.

Já Edgar Nolasco trata sobre as sensibilidades biográficas, avançando a discussão proposta por Mignolo. Ao tomar a crítica biográfica como perspectiva para sua discussão, Edgar pensa na fronteira e naqueles que dela fazem seu lugar. Nolasco fala da fronteira e isso dá um estofamento maior para pensar a partir dela, mas mais do que isso ele vive e sente a fronteira. No entender do pesquisador a fronteira é um trans-lugar de onde se originam os mais variados discursos.

É um lugar que abriga a diferença colonial, em que se habita a condição do homem-fronteira. Homem este “que simplesmente não autoriza que o outro, o de fora do lócus *fronterizo*, fale por essa gente que construiu seu estado de sobrevida sobre o fio instável da fronteira-sul”.<sup>130</sup> Edgar ainda complementa que pensar da fronteira significa pensar no

processo transculturador, demandado pela cultura fronteiriça e suas histórias locais híbridas situadas entre lá e cá, cria um entre-lugar (SANTIAGO) cultural povoado de sensibilidades biográficas, de afetos e de memórias subalternas que transitam entre o local e o global sem culpa.<sup>131</sup>

Entende-se então que sensibilidades e fronteiras são elementos indissociáveis, a fronteira é sensível, cheia de mistos, cores, gentes que vivem da efemeridade *fronteriza*. O entre-lugar de Silviano abre espaço para se pensar no processo de construção do mesmo, tendo as sensibilidades como ponto de partida.

Sem sensibilidade não há crítica. É a partir das sensibilidades que Eneida Maria de Souza emerge o pensamento pós-ocidental da crítica latina/brasileira<sup>132</sup> e

---

<sup>130</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, contra-capa do livro.

<sup>131</sup> NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, 129.

<sup>132</sup> Deterei-me melhor nesta questão no terceiro capítulo.

são pelas minhas sensibilidades que me permito construir a biografia crítica de Eneida, é tomada pela sensibilidade de tal vida em comunhão com a minha que posso abrir o arquivo de Eneida e construir a *persona* da minha Eneida. Sensibilidade e Eneida estão atrelados a medida que penso na crítica biográfica. Tal tendência por conjecturar num mesmo plano bios x obra; realidade x ficção abarca em si a ideia de sensibilidade. Quero pensar melhor a ideia da crítica biográfica no próximo subtítulo, tendo em vista que ela faz parte da espinha dorsal do meu trabalho, já que foi a crítica biográfica que me levou a estudar Eneida.

### 2.3. Da crítica biográfica à biografia: os pluriarquivos de Eneida

Faço da crítica biográfica minha condição para marcar a *teorização* da qual falamos no primeiro capítulo. A crítica biográfica, aqui, me permite não só estabelecer os laços de amizade, como permite falar de si/mim mesmo. É ela também que me permite hoje realizar interpretações outras, já que a crítica biográfica estabelece laços metafóricos com bios daquele de quem se fala, daquele que fala e com aquele que lê. Além disso, a crítica biográfica extravasa o limite da literatura, daí a necessidade de se pensar tal teoria à teoria do arquivo.

A memória a que se tenta evocar aqui passa, então, por reflexões e leituras que tentam satisfazer a minha curiosidade. Logo as obras, fotografias, dedicatórias e até mesmo do autógrafo que tenho servem de elementos para a criação da biografia crítica da intelectual Eneida. Esses dados, por assim dizer, que podem ser considerados íntimos revelam o processo pelo qual o biografado passou, contudo não reconstituem os momentos que foram preservados em sua memória. É pensando nesta heterogeneidade de materiais que penso em *pluriarquivos*.

Venho desenvolvendo a ideia do arquivo de Derrida neste capítulo, por entender que o *bios* de Eneida, dado a mim como herança, constrói um arquivo, por assim dizer a biografia que estou escrevendo. Entre vida e teoria me encontro num emaranhado de escritas, textos, falas e pensamentos que são fundamentais para o desenvolvimento de tal trabalho. Sem me preocupar em organizar esse novelo de material, teço as minhas impressões e desarquivo arquivando minha Eneida.

Tomar a ideia de arquivo e perceber a heterogeneidade de arquivos que tenho me fez pensar no conceito de pluritópico de Walter Mignolo. As conversas diárias com o amigo de estudo, de vida e de pensamentos Eduavison são uma constante e das discussões sobre meu ato de desarquivar resultou na criação da

nomenclatura *pluriarquivos*. De modo que *pluriarquivos* seria a junção do termo pluritópico de Mignolo com o de arquivo de Derrida, pensando nos diferentes documentos de Eneida que tenho à minha disposição. Vale destacar que não se trata somente de uma junção de palavras; busco, com isso, não reforçar uma ideia tradicional das academias que insiste na ideia de arquivo voltado para o trabalho taxonômico classificatório. Os fragmentos que disponho,

Alocados nos arquivos literários e culturais, dotados de uma aura biográfica, esses fragmentos insinuam as margens da atividade escriturária, suas conexões com o fora, o alheio, o disperso, o devir outro. Revelam as tensas e conflituosas relações da cidade letrada com a cidade real. Salientam que as pegadas da voz no reino da letra, os rastros das tradições orais no solo da cultura letrada erudita. Evidenciam insuspeitadas interfaces entre artes, artesanato, técnica, signos. Como elementos marginais, atípicos e atípicos, esses restos de arquivos desafiam os saberes disciplinares e acadêmicos com seus métodos e procedimentos.<sup>133</sup>

Os meus fragmentos vão além de relações conflituosas com a academia, evidenciam o trabalho que Eneida desenvolve a fim de romper com os saberes acadêmicos disciplinares e reforçam o pensamento compósito da crítica biográfica pós-ocidental. Como discurso subalterno, considerando elementos atípicos nos discursos globais, o arquivo de Eneida me permite articular o pensamento de Mignolo no que diz respeito a de pluritópico. No artigo “Desobediência epistêmica”, o autor argentino ao historicizar o conceito pontua que:

Os conceitos na história da filosofia europeia são mono-tópicos e universais, não pluri-tópicos e pluri-versais. E por que os conceitos que são elaborados nos projetos descoloniais e em processo de pensamento descolonial são pluritópicos e pluri-versais? Porque a ferida colonial foi diversificada, empregando linguagem de Wall Street, por todo o mundo: Índios da América, Austrália e Nova Zelândia; os negros da África subsariana e das Américas; árabes e *berbers* da África do Norte e no Oriente Médio; Indianos na pós-separação da Índia e até chineses, japoneses e russos e suas colônias tiveram que lidar, de uma forma ou de outra, com a cosmovisão mono-tópica da civilização ocidental encapsulada no grego e no latim, nas seis línguas modernas imperiais da Europa, e na subjetividade correspondente registrada na e através da expressão artística, na cultura popular, na comunicação de massa, etc. Eis porque a consciência mestiça é diversa e diversificada. E também eis porque qualquer projeto descolonial e qualquer opção descolonial precisou lidar

<sup>133</sup> MARQUES. O que resta nos arquivos literários, p. 194.

com a epistemologia de fronteira e o pensamento de fronteira e duplas traduções como uma linha metodológica (peço desculpas pelo pleonasma e pela expressão redundante “caminho metodológico”.<sup>134</sup>

Enquanto na visão monotópica há o privilégio de uma e outra coisa, a ideia de uma pluriversalidade, ou de um pensamento pluritópico, como escolhi tratar aqui, significa tomar um pensamento da fronteira, aliado ao pensamento de arquivo e manter uma relação epistemológica diversa de amor por trás do que tange à paisagem à qual nos encontramos. Desta forma, a reunião de arquivos que possuo constitui um arcabouço paisagístico que construo da vida de Eneida e da minha, pois meus documentos, tal como a minha fala, emergem da fronteira pluritópica que habito.

### 2.3.1. Das memórias pluriarquivísticas

Pensando nas memórias, passo então ao processo de reelaboração de algumas delas. O olhar que imprimo aqui trata-se do (meu) olhar (de) crítico biográfico. Ao pensar por este viés tenho o poder de dar uma nova vida, ou melhor, possa dar uma *vida outra* àquele que é biografado, uma *vida outra* à Eneida. Para tanto, tomo como ponto axial de minhas lembranças (inventadas) os elementos que tenho acesso e que são parte integrante da materialização de tal vida. Contudo busco manter a distância, porque entendo que a crítica biográfica também é pautada em uma relação política. Nas palavras de Ortega:

É preciso aprender a cultivar uma “boa distância” nas relações afetivas, um excesso de proximidade e intimidade leva à confusão, e somente a distância permite respeitar o outro e promover a sensibilidade e a delicadeza necessárias para perceber sua alteridade e singularidade.<sup>135</sup>

*Grosso modo*, Ortega me ajuda a compreender que a vida a qual me refiro é tomada pelo cuidado de pensá-la numa vertente *outra*, de modo que não ultrapasse

<sup>134</sup> MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 303.

<sup>135</sup> ORTEGA. *Para uma política da amizade*, p. 82.

o limite da boa distância. Ou seja, é preciso entender que a amizade não deve ser confundida com fraternidade, porque se a amizade é um “exercício político”, deve-se ter em mente que ela se estabelece na pluralidade, na esfera pública.

É impossível falar de biografia ou arquivo e não retomar a ideia de público e privado, já que o biografar é também o deslocamento de elementos íntimos para o espaço público, bem como o arquivo que, ao ser aberto, sai da intimidade e é levado à público. Entendo, a partir das leituras que tenho, que o limite entre o público e privado é tênue. De acordo com Leonor Arfuch, no livro *O espaço biográfico*, a noção de espaços público e privado se dá sem limites rígidos, justamente por estarem ambas esferas em processo de experimentação, ou seja, entende-se que há um diálogo entre elas.

Dos elementos que constituem o arquivo vivo de Eneida e que constituem parte do meu arquivo sobre a autora, tomo os autógrafos/dedicatórias que ao longo desses anos de estudo recebi. As vindas de Eneida à Campo Grande foram sintomáticas. A primeira delas aconteceu no ano de 2012. Eu já estava para completar um ano de pesquisa sobre ela e a ocasião que a trouxe aqui foi a defesa da dissertação do colega Marcos Antônio Bessa-Oliveira. Me recordo que eu não imaginava como era Eneida e quando a vi me surpreendi. Do rosto sério, vi surgir um sorriso largo. Sabe, Eneida é seria, mas é engraçada. Parece uma personagem que sai de um livro. Só me dou conta disso hoje. No momento da defesa do Marcos eu estava tomada pela emoção, não sei se por ver o meu “objeto” vivo, ou se pela conquista de um amigo querido, ou se pelos dois.

Leitor, você acredita que eu não tive coragem de falar para ela que eu a estudava?! Pois te confirmo. Não falei. Precisou uma outra colega querida do NECC

me apresentar e dizer quem eu era e o porquê de eu estar tão tocada. Eneida, com o olhar desconfiado e ao mesmo tempo tímido me fitou e escreveu: “À Camila, com a esperança de que estas janelas sejam úteis. E. Campo Grande, 23/03/2012”

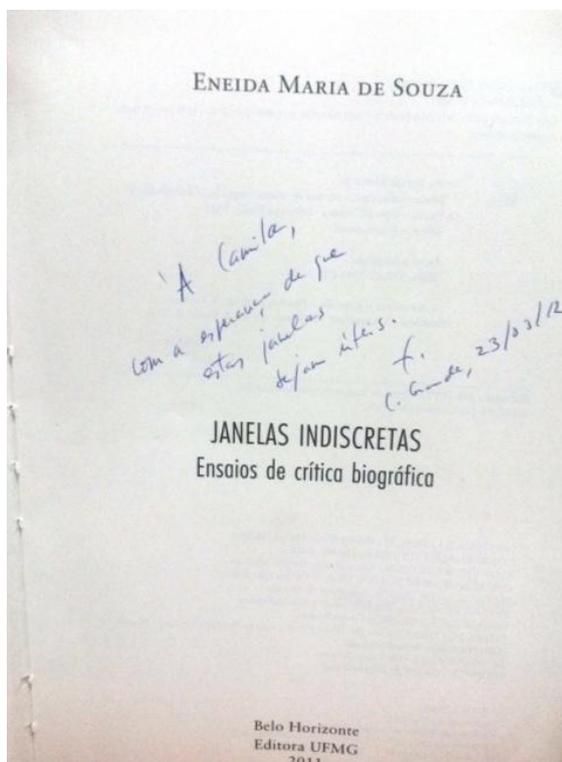


Figura 03: Autógrafo de Eneida Maria de Souza  
Fonte: Acervo pessoal

A emoção tomou conta e as janelas foram não só úteis, mas abriram minha mente, meu intelecto e portas na academia que outrora eu não imaginava ter. Digo isto, porque já trabalhando sobre as produções de Eneida, me inscrevi para ir a um congresso internacional na Universidade Estadual de Maringá. A minha comunicação era em uma sala na que a maioria das pessoas estudava a literatura tradicional, com exceção de dois gaúchos. Depois da minha apresentação veio o momento de debate e o assunto principal foi o meu trabalho. Naquele momento, naquele dia, naquela sala, eu compreendi, sem saber, o que era a transferência. O conceito de Arrojo, já trabalhado por mim nesta dissertação, ainda não era um conceito consolidado em meu arcabouço intelectual, mas constituía parte das

minhas sensibilidades. A cada pergunta feita a mim, as palavras saiam com fluidez, mas não menos trabalhadas. O cuidado com a vida de Eneida já era amor.

O segundo autógrafa e, por conseguinte, a segunda vinda de Eneida à cidade morena aconteceu no ano de 2015. A presença da intelectual foi por ocasião do fechamento de um projeto de extensão que desenvolvemos no NECC<sup>136</sup>, o “I ENCONTRO DO NECC – Tempo de pós-crítica nas teorias sem disciplina: sensibilidades biográficas e locais”. Para entender melhor, o evento ocorreu durante um semestre, com encontros mensais para discutir acerca da temática proposta das teorias sem disciplina. Vários alunos apresentaram e contamos com a participação dos amigos próximos para que o evento desse certo. O último ciclo de palestras foi feito pela professora Eneida Maria de Souza, no dia 24 de abril de 2015. A fala da professora foi intitulada “O lugar da teoria da literatura hoje”.



Figura 04: Cartaz de divulgação do lançamento dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS e da Conferência de encerramento do I Encontro do NECC.

Fonte: Blog dos Cadernos

<sup>136</sup> Quando uso a terceira pessoa do plural para me referir ao NECC o faço porque me refiro ao grupo e este evento ocorreu graças ao empenho de todos do núcleo.

A vinda de Eneida também compunha parte de uma homenagem prestada a professora. O NECC tem como produção semestral a publicação dos **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, na ocasião, a 12ª edição teve como temática “Eneida Maria de Souza: uma homenagem”, tal como o nome sugere, os *Cadernos* foram uma homenagem à crítica e intelectual mineira. Depois da fala brilhante de Eneida, a autora recebeu ao público e a mim, momento em que me deu o autógrafo abaixo



Figura 05: Eneida Maria de Souza em momento de autógrafo no I ENCONTRO DO NECC  
Fonte: Acervo pessoal

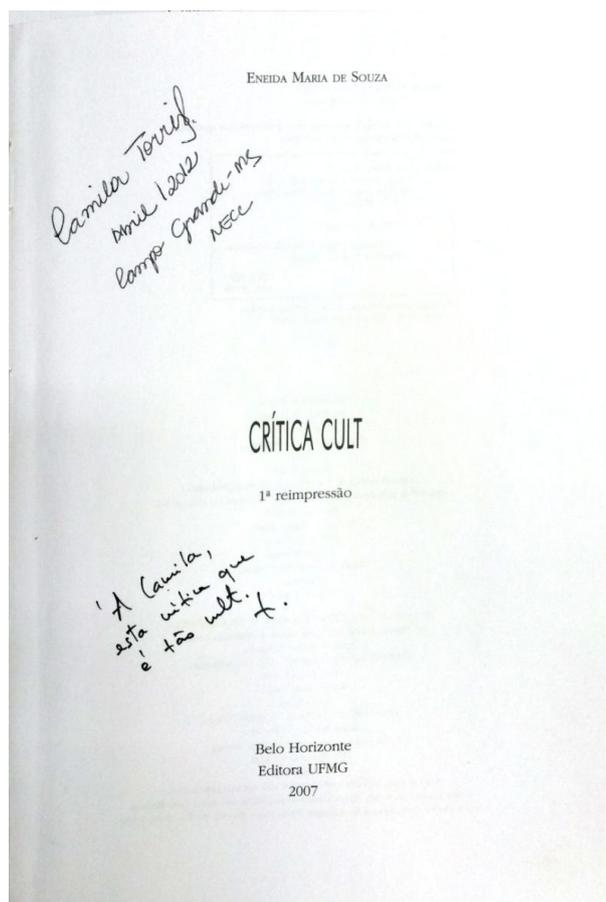


Figura 06: Autógrafo de Eneida Maria de Souza  
Fonte: Acervo pessoal

“Esta crítica que é tão cult”<sup>137</sup> me foi dada como herança e hoje compõe parte das minhas sensibilidades e do meu trabalho. As palavras escritas carinhosamente pela escritora e dedicadas a mim constituem parte do meu acervo e, neste exato momento, compartilhadas com o leitor, se transferem para o espaço público. O meu acervo, então, serve como fonte documental para aprimorar o processo de abertura arquivística. Além disso,

[...] o interesse pelos documentos autógrafados dos escritores haverá de incrementar o gesto arquivístico e o zelo pelo arquivo. À proporção que se afirma o estatuto do autor, aumenta a valorização de seus manuscritos, especialmente dos rascunhos de seus livros, tornando-se objetos de pesquisa e exposição, cobiçados por colecionadores.<sup>138</sup>

Assim, o ato de abrir o arquivo de Eneida Maria de Souza implica em realizar uma experiência política e, ao tomar tal atitude, estabeleço para com Eneida, além

<sup>137</sup> Parte da transcrição do autógrafo de Eneida.

<sup>138</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 71.

da transferência, de amor, uma amizade cuidadosa. O que quero dizer é que ao encarar o processo de abertura do arquivo de Eneida Maria de Souza, estabeleço a minha relação de amizade, o meu exercício político. Aqui, Derrida auxilia-me quando explana que:

[...] o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável do *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro.<sup>139</sup>

Por esta circunstância, entendo que a noção de arquivo se estabelece não só na relação com o outro, como também se dá na esfera do espaço público. Encontro em meu trabalho uma possibilidade de contar a vida de Eneida Maria de Souza colocando vida e linguagem, narração e experiência no mesmo diapasão, tal como me possibilita a crítica biográfica. A busca pela construção de uma identidade na narrativa, relacionada à história e à experiência no espaço biográfico, e o relato da experiência se tornam possíveis através da biografia crítica.

O trabalho que exerço, chamado de biografia crítica, ao passo que registra, possibilita criar, já que o mesmo passa pelo crivo daquele que estabelece as conexões. É neste momento em que se exerce o papel do crítico biográfico (meu papel) enquanto arconte (DERRIDA), guardião desses registros, mas que permite também o acesso de tais registros ao público. O abrir de tal arquivo significa ampliar o espaço de atuação e dar visibilidade à esfera do íntimo, de modo que se pode neste entremeio compor uma narrativa<sup>140</sup> vivencial, ou melhor, a biografia crítica que me propus escrever.

<sup>139</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p 29.

<sup>140</sup> Como narrativa entendo, na esteira de Leonor Arfuch uma forma de estruturação da vida e da identidade e não como um ato de contar histórias simplesmente.

A injunção social do arquivo, o reconhecimento social e cultural do escritor, a valorização dos manuscritos do autor, o interesse pela guarda e conservação dos documentos do escritor pelas bibliotecas nacionais, aliados à universalização do letramento, à constituição do mercado editorial, entre outros aspectos constituem narrativas possíveis de uma história da formação dos arquivos literários ainda por se fazer.<sup>141</sup>

Vale lembrar que ao abrir o arquivo de Eneida, implicitamente abro o meu, nas vidas que interpõem, os espaços íntimos se imbricam, e, por isto, tal como herdeira, acabo sendo uma arconte fiel e infiel. Já que ao passo que abro o arquivo desta vida, abro o da minha. Nas palavras de Marques.

Por meio daquelas práticas arquivísticas e dessas operações, o arquivamento do escritor articula num duplo movimento: de um lado, arquivando documento e papéis, constituindo o seu acervo pessoal e de trabalho; de outro, ao fazê-lo, ele também se arquivava. Ou seja, ele monta imagens de si, preservando a memória de sua formação intelectual, de relações afetivas e profissionais. Estamos diante de uma prática de arquivamento do eu que traem uma intenção autobiográfica, um movimento de subjetivação.<sup>142</sup>

Ao abrir o arquivo de Eneida, me encontro como uma arconte traidora, porque, desarquivando as memórias para sanar a minha necessidade de escrever uma biografia crítica, acabo por realizar o processo de arquivar novamente esta vida ou parte dela.

---

<sup>141</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 71 – 72.

<sup>142</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 73.

## 2.4. Exercício biográfico: as memórias nas linhas

Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas.

RICOEUR *apud* ARFUCH. *O Espaço biográfico*. p. 34.

A epígrafe de Paul Ricoeur é simples, mas não simplória, já que enquanto estudiosa me propus a falar de alguém. O estudo biográfico convertido em trabalho acadêmico me permitiu realizar uma *leitura outra*, respaldada pela crítica biográfica, na qual posso me permitir avançar pelo caminho do real e do ficcional sem forjar uma vida. Esta leitura que se compõe de textos críticos, autobiográficos e teóricos, me ajuda a construir imagens que se metaforizam.

Na tentativa de por em prática o exercício de biografar criticamente a vida de Eneida Maria de Souza, me encontro na condição não só de expectadora desta história, mas parte integrante dela, porque em vários momentos me identifico. Biografar vai além de contar sobre a vida de Eneida, biografar me permite em alguns momentos falar de mim mesma.<sup>143</sup> Não se trata de empréstimo de vida ou histórias.

O que está em questão é de fato acompanhar a escrita/história de Eneida uma maneira para compreender os (meus) pensamentos, a fim de identificar os elementos que puderam efetivar a crítica que Eneida se propõe a fazer. Falo isto porque, os textos de Eneida têm uma linha tênue entre realidade e ficção, na medida em que ela evoca para a discussão imagens metafóricas e que ajudam a por em prática o exercício biográfico.

Antes de prosseguir, vale à pena tomar a noção do conceito de biografia de uma forma mais detalhada, pois será ele quem me permitirá explicar posteriormente

---

<sup>143</sup> Ver ensaio "Biografar é metaforizar o real" em *Janelas indiscretas*.

a ideia de biografia como “bem de arquivo” estabelecida por Eneida. Para tanto, me valho do livro *O espaço biográfico* de Leonor Arfuch, em que a noção de espaço biográfico fica clara e corrobora o exercício político que tento realizar aqui. Nas palavras de Arfuch:

o território biográfico privilegiado que a entrevista conquistou foi o dos escritores, teóricos, críticos, intelectuais que, atuando com a palavra, podem inventar vidas e obras. No entanto, o exercício da escrita exige a presença de outra voz como suplemento.<sup>144</sup>

Aqui Arfuch volta a sua discussão especificamente para a entrevista e o papel do jornalista. Neste sentido, tomo emprestado tal ideia para compreender o termo biografia crítica usado por mim desde o início desta discussão, enxergando nele a possibilidade de ser eu mesma um suplemento do exercício de escrita de Eneida Maria de Souza. Faço da minha voz, tal como já mencionei outras vezes neste texto, o mesmo trabalho de um arconte e também uma forma de exercer a memória e a escrita de Eneida através dos relatos autobiográficos, críticos e teóricos feitos por ela.

Para tanto, o exercício autobiográfico de Eneida me ajuda e permite enxergar não necessariamente uma versão real desta vida, mas elementos que constituem essa genealogia, através das memórias que me permitem realizar a abertura do arquivo e, por conseguinte, investigar a condição de intelectual da autora. Transcrevo um trecho do ensaio “Com açúcar e com afeto” para me deter nesta questão:

Acostumada a manusear os livros das estantes de casa, e de perceber, desde cedo, minha vocação para as letras, o tempo de leitura na escola não correspondia à liberdade sentida em casa. Câmara Cascudo, Malba Tahan, Monteiro Lobato, entre outros escritores e divulgadores do folclore e dos contos infantis, compunham, sem dúvida, a biblioteca de toda criança desse período.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 179.

<sup>145</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 258

A passagem conta um pouco da infância de Eneida. O recordar das leituras corrobora também na recordação de uma vida que foi marcada pela influência da mãe Lilita Carvalho, que era professora, e da madrinha Ilza Campos, que era diretora da escola em que estudava, essa relação, segundo Eneida, a fazia sentir-se confortável na medida do possível e a levam para o caminho das letras inevitavelmente.



Figura 07: Ilza Campos Sad, Lilita e Eneida, 1998.  
Fonte: SOUZA. *Vocação da palavra*, p. 102.

A prática da escrita de si assumida nesta dissertação me leva a compreender partes da vida de Eneida que compõem o meu trabalho enquanto pesquisadora. Contudo isso não significa que a biografia crítica a qual me proponho a fazer vá preencher lacunas ou vazios da obra/vida da autora, porque não se trata de um trabalho de restauração da infância, mas de composição dos vários “eus” presentes na escrita de Eneida, ou melhor, trata-se da composição das imagens metafóricas circunscritas nos *bios* fronteiros que compõem estas linhas.

Para continuar nesta esteira em que se propõe a escrita do outro como escrita de si/mim, trago as considerações de Diana Klinger para problematizar tal ideia. No livro *Escritas de si, escritas do outro*, Klinger pontua que a escrita performa na noção do sujeito, pois na escrita é que se constrói a ideologia do autor, é na escrita também que podemos formar um “eu”. Na mesma ideia Derrida vai assinalar que

Nunca assino um poema. O outro assina. O eu apenas é em função da vinda desse desejo: aprender de cor. Tenso para resumir-se a seu próprio suporte, portanto sem suporte exterior, sem substância, sem sujeito, absoluto da escritura em si, o “de cor” deixa-se eleger além do corpo, do sexo, da boca e dos olhos, ele apaga as bordas, escapa às mãos, você o ouve com dificuldade, mas ele nos ensina coração.<sup>146</sup>

Eu não assino o que escrevo também, você leitor o faz, me recebe e recebe Eneida, aceita essas duas vidas invadirem a sua vida. As obras de Eneida são uma morada de espaço íntimo, é seu mundo interior. E eu ousou invadir este mundo, talvez por encontrar no desconforto da crítica, a minha pulsão.

Diana Klinger cita Ítalo Moriconi para falar do exercício biográfico. Nas palavras de Moriconi, se valer da biografia enquanto gênero literário é trabalhar “no impossível”, já que escrever uma biografia é traçar o perfil de uma pessoa<sup>147</sup>. Minha ideia, ao pensar em uma biografia crítica e me valer da crítica biográfica, é não fazer da vida de Eneida mero relato biográfico; o pluriarquivo composto de fotos, o memorial do discurso de professora Eneida, a escrita (auto)biografia me servem de material para discutir criticamente os pensamentos da intelectual mineira e os meus também. Nas palavras de Reinaldo Marques,

Compulsão que parece se constituir em traço saliente, senão, atávico, nos autores mineiros de modo geral, resultante de renitente inclinação memorialística e autobiográfica. Atestada por inúmeras práticas arquivísticas: guardar papeis, documentos, armazenar recortes de jornais e revistas; ordenar originais e manuscritos ou datiloscritos de seus textos; classificar a correspondência – cartas, bilhetes, cartões-postais, telegramas; montar álbuns de fotografias; formar uma biblioteca; preservar objetos

<sup>146</sup> DERRIDA. *Che cos'É la poesia?*, p. 116.

<sup>147</sup> MORICONI *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p.33.

personais ; colecionar revistas, suplementos literários, obras de arte, obras de artesanato; zelar pela conservação de livros e documentos.<sup>148</sup>

Eneida compõe o *hall* de escritores mineiros sobre quais os arquivos viraram fonte de estudos. Como disse anteriormente, trata-se de uma pulsão/ compulsão por colecionar, arquivar, desarquivar. Olho, recordo, guardo, não guardo meus documentos sobre a vida de Eneida. A minha prática é um vício, é a minha pulsão. Cada elemento documental me move e direciona a minha vida intelectual.

O ensaio (auto)biográfico do qual se ocupa Eneida foge da escrita que faz sucesso no mercado editorial e também foge à tradicional crítica literária acadêmica, contudo permite uma abertura ao debate muito mais ampla porque ela se permite questionar problemáticas de si sem que o retorno a esta primeira pessoa se torne uma máscara para banalizar a escrita. Muito pelo contrário, ao evocar a primeira pessoa para o debate amplia-se a visão daquilo que se propõe trazer para a discussão, visto que essa outra visão é a daquele que erige o discurso. É o ser compósito.

Neste sentido, tenho a escrita deste texto como uma das visões que se pode ter acerca de Eneida Maria de Souza. Penso que ao tomar este texto nesta perspectiva, permito que este trabalho seja uma *possibilidade outra*<sup>149</sup> da leitura da escritora mineira. Assim me permito dizer que o mesmo é uma *possível* biografia crítica, no sentido de que ao escrevê-la na primeira pessoa, me transfiro e também falo de mim mesma. Vale ressaltar que essa transferência ocorre não só pela amizade, mas porque o espaço biográfico permite tal exercício. De acordo com Arfuch é necessária uma voz que conte essas histórias. Nas palavras da autora:

<sup>148</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 72.

<sup>149</sup> O termo *possibilidade outra* vai ao encontro do pensamento de Walter Mignolo de *Paradigma outro*, que é o pensamento crítico e utópico que se articula em todos aqueles lugares nos quais a extensão imperial/ colonial lhe negou. Ver Mignolo.

Contar a (própria) história se transformará também aqui, irremediavelmente, em experiência do tempo e pugna contra a morte, uma espécie de antecipação aos possíveis relatos dos outros, uma disputa da voz, em resistência a toda a expropriação futura.<sup>150</sup>

No meu caso, Eneida não está morta, mas essa relação que o espaço biográfico permite que eu tenha com tais relatos me ajuda a me aproximar mais de Eneida não no sentido de disputar com a voz dela, tal como sugere Arfuch, mas de colocar em diálogo as vidas em questão. A minha e a dela. A minha pulsão, desejo de biografar esta vida viva. Falo isso porque a ideia da qual compartilha Arfuch e em sua esteira Klinger é a de representação. A minha pulsão biográfica vai além do representar. Até porque, representar é falar pelo outro, me considerar uma representante de Eneida seria aniquilar a própria Eneida.

Parto aqui de uma ideia de subjetivação que somente o espaço biográfico me permite realizar. Tal subjetivação se baseia na ideia da transferência de saberes, de tempos, de histórias em que se configuram a relação de amizade com Eneida, trata-se de uma genealogia neste espaço. Venho falando há algum tempo de espaço biográfico e quero afinar melhor esta ideia a fim de que me faça compreender. Ainda na esteira de Arfuch, tomo o conceito cunhado pela autora por entender que é somente no espaço biográfico que posso me permitir falar da vida, pois nas palavras da autora argentina

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação. [...] Em nossa ótica, é possível então estudar a circulação narrativa das vidas – públicas e privadas [...] <sup>151</sup>

Contudo não falo de um espaço biográfico simplesmente por ele próprio, falo de um espaço biográfico que permita articular duas vidas, para tanto quero propor

<sup>150</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 193.

<sup>151</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico*, p 58-59.

pensar aqui em um *espaço lócusbiocrítico*, tal como considere desde o início deste texto, por compreender que o espaço sobre o qual tenho a ousadia e necessidade de fazer algumas considerações está atravessado pela crítica biográfica pós-colonial<sup>152</sup>. A minha necessidade/pulsão pela biografia de Eneida,

não apenas explora os limites de afetividade, abrindo passagem para um novo gênero entre as tendências literárias de sua época; não só expressa o sentimento de assédio e de defesa diante da intrusão social, [...], mas introduz a convicção íntima e a intrusão do eu como critérios de validade da razão<sup>153</sup>

Nem na representação, mas não só na observação. O espaço *lócusbiocrítico* do qual erijo minha discussão, tendo em vista que meu pensamento está condicionado por um falar *a partir de*, não me permite exercitar o papel de *vouyer*, aquela que espia pelo buraco da fechadura, tal como sugere Arfuch. Enquanto leitora biográfica aprendo com Eneida e traduzo tal aprendizado. Me considero assim uma *biovouyeur* que não só olha pelo buraco da fechadura, mas também preciso ir na linha do interdito porque a vida de Eneida não está de todo aberta e por isso passa pela minha sensibilidade.

Desta forma a biografia da qual falo não pode ser pensada pela representação no sentido de falar sobre o outro, porque a mesma está assentada numa dupla vida: a minha e a de Eneida. É com base nas minhas experiências<sup>154</sup> de leitora que construo neste papel *a Eneida Maria de Souza*.<sup>155</sup> Experiências que compõem os episódios da vida particular de Eneida, experiências culturais,

<sup>152</sup> Ver NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*.

<sup>153</sup> ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, p 51.

<sup>154</sup> *Grosso modo*, experiência do devir, vir-a-ser, experiência de escrita (DELEUZE)

<sup>155</sup> Eu poderia dizer aqui a minha Eneida Maria de Souza, mas ao fazer tal delimitação estaria sendo infiel ao meu próprio texto, visto que, o leitor, ao realizar a sua leitura, também está passível de criar a sua Eneida, via minhas leituras.

profissionais, cotidianas da intelectual, da sua “vida improdutivo”<sup>156</sup> e que hoje compõem a minha produtividade.

Manhuaçu, abril de 1980.

Querida filha Eneida

Saudade não tem fim. Tudo bem por aí. Que deus a proteja sempre. Por aqui tudo bem. A casa, em preparativos para o casamento, virou uma bagunça<sup>157</sup>

Aqui a vida é lida como texto, o trecho acima trata-se de uma carta/resposta da mãe de Eneida e configura parte de seu acervo pessoal. Tal manifestação do vivido faz parte daquilo que está na ordem do extratextual, mas dialoga com a obra de Eneida criando em meus recortes um emaranhado que lê a vida como parte da obra. O meu processo é claro, na conexão que estabeleço encontro essa transferência da vida com a obra quando Eneida diz que:

Os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob forma de representação do vivido. Os grandes temas existenciais da literatura como a cegueira, o suicídio, a morte, o amor, guardam na sua natureza ficcional e se espraiam na página aberta do espaço textual e nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico. Ao se considerar a vida como texto e as suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção.<sup>158</sup>

Não somente os grandes temas, mas os elementos compósitos da vida do biografado são elementos que constituem a representação/manifestação do vivido. Logo, *bio(s)* e *grafia(s)* constituem o mesmo plano, já que estamos em diálogos eu/Eneida/possível leitor, somos todos vidas palimpsesticas.<sup>159</sup>

Ainda pensando em minha condição de biovoyeur sou obrigada a me lembrar que a pulsão que me domina para a abertura/registro de tal arquivo passa pela

<sup>156</sup> Trata-se da expressão o escritor menos a sua obra de Barthes. C.f. SOUZA. *Crítica cult*, p. 110.

<sup>157</sup> SOUZA. *Vocação da palavra: Maria da conceição carvalho de Souza*, p. 228.

<sup>158</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 113.

<sup>159</sup> Valho-me da metáfora do palimpsesto para remeter a ideia de que uma vida não se dá sem a outra e o que passou em uma vida fica marcado na outra, pelas experiências da memória.

relação de amizade que tenho com Eneida Maria de Souza. Francisco Ortega, no livro *Genealogias da Amizade*, ao problematizar historicamente a amizade, comenta que a mesma passa pela questão da hospitalidade. O termo aqui me ajuda a pensar teoricamente o conceito que desenvolvo de *biovoyeur*, no sentido de que, para Ortega, hospitalidade corresponde ao comportamento do sujeito diante do estrangeiro-hóspede. Nas palavras do autor:

Entre o estrangeiro e o hóspede se institui um vínculo: o philótes, realizado num ato solene, que converte os contratantes em philoi, obrigando-os a cumprir a reciprocidade implícita na relação de hospitalidade. Philótes aparece, assim, como “uma ‘amizade’ de tipo muito definido, que estabelece vínculos e supõe compromissos recíprocos com juramentos e sacrifícios”. Trata-se de uma relação de aliança ou de hospitalidade, que adota um caráter quase jurídico, uma ética fortemente codificada, na qual o “honor vira único elemento afetivo”<sup>160</sup>

A hospitalidade aqui então é uma forma de se relacionar com estrangeiros que inclui algumas obrigações e benefícios que correm para ambos lados. Tomo emprestado tal conceito para pensar a minha relação com Eneida, via suas obras. Ao escrever sobre sua vida, devo como arconte estabelecer a minha amizade na distância e para tanto pontuar a minha vivência. Nesse sentido a minha função como biovoyeur e como *arconte biográfica*, guardiã das histórias que elejo é não me valer do pacto de hospitalidade, de forma que o outro não arruíne meu espaço, questione a minha identidade, ou mesmo me imponha sua vivência. Segundo Ortega,

Constituir um pacto de hospitalidade, impor condições à hospitalidade é uma forma de assimilar o outro, suprimindo sua singularidade, a sua alteridade: “Quando falo de hospitalidade refiro-me à necessidade de não simplesmente assimilar o outro, mas isso é uma aporia.”<sup>161</sup>

Trocando em miúdos a minha voz está atrelada a voz de Eneida, mas não é a mesma. Por isso não posso assimilá-la, porque assimilar seria simplesmente ler e me reservar à condição de leitora. Mas na condição de *herdeira biovoyuer* contribuir com o debate acadêmico fronteiriço que me foi legado. Lembro da minha condição

<sup>160</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p.18.

<sup>161</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 25.

fronteiriça aqui porque o meu lócus interfere muito ao me valer deste termo, visto que, como já disse anteriormente, a fronteira da qual erijo a minha discussão me leva pensar em uma Eneida que desbarata afirmações sobre a academia por acreditar que a abertura aos saberes locais (latino-americanos) permitem uma leitura mais abrangente no que diz respeito à literatura.

Portanto ser hospitaleira com tal escrita é colocar em funcionamento aquilo que penso sobre o conceito de *biovoyeur*. De modo que, biografar Eneida criticamente é pensar não só na admiração que sinto pela escrita envolvente ou pela vivência acadêmica, mas abre portas para promover o diálogo que ela busca promover e que eu acredito que é necessário para o ambiente no qual convivo. Longe de querer ser clichê, pensar dessa forma me ajuda a decifrar parte das incomodações que tenho enquanto pesquisadora.

Ao falar de hospitalidade, devo mencionar Derrida trazendo à baila o conceito de hostipitalidade, do qual me permito fazer um empréstimo, visto que o pensamento de biovoyeurismo passa inevitavelmente pelo do autor franco-argelino. A discussão de Derrida surge em oposição a Kant, quando este traça o conceito de hospitalidade como hospitalidade absoluta. Para Derrida, a hospitalidade não pode ser absoluta, pois;

[...] não se oferece hospitalidade ao que chega anônimo e a qualquer um que não tenha nome próprio, nem patronímico, nem família, nem estatuto social, alguém logo seria tratado não como estrangeiro, mas como mais um bárbaro. [...] a diferença, uma das sutis diferenças, às vezes imperceptíveis, entre o estrangeiro e o outro absoluto, é que este último pode não ter nome e nome de família; a hospitalidade absoluta ou incondicional que eu gostaria de oferecer a ele supõe uma ruptura com a hospitalidade no sentido corrente, com a hospitalidade condicional, com o direito ou o pacto da hospitalidade<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> DERRIDA *apud* GOULART. A relação do sujeito de direito com o outro que ainda “não é”, p.18.

*Grosso modo* o que Derrida discute é que a hospitalidade sempre foi pensada em termos de reciprocidade, logo de troca, contudo numa troca em que o hospedeiro impõe condições àquele que hospeda.

Wirtbarkeit, a palavra de raiz alemã para hospitalidade, significa justamente a hospitalidade “dada” por uma instância soberana, seja ela humana ou Estado nacional. Numa palavra, seja um sujeito de direito ou um Estado-nação soberano. Com efeito, Wirt [palavra masculina, note-se para enfatizar de novo o “modelo conjugal, paternal e falocêntrico que preside a concepção determinante da hospitalidade] é em alemão, ao mesmo tempo, o patrão e o hospedeiro (host, Gast) [...] O Wirt ou o Gast é aqui, tanto aquele que, como hospedeiro (host), recebe, acolhe, hospeda ou alberga, como aquele que é dono e senhor da casa, o patrão e o soberano. Numa palavra, o próprio e o proprietário. O soberano. O soberano que, enquanto tal, isto é, soberanamente, “dá” hospitalidade – soberanamente, isto é, a partir do que é seu obrigando o estrangeiro acolhido a vergar-se à sua própria lei<sup>163</sup>

A fim de repensar tal questão Derrida traça um percurso etimológico e semântico da palavra a fim de chegar a aproximação da hospitalidade e hostilidade. Pois para ele “é a ordem de todos esses pares de conceitos, supostamente sinônimos, co-implicados ou simetricamente oponíveis que precisamos talvez problematizar, incomodar, inquietar, suspeitar”<sup>164</sup>. Assim questiona:

Como distinguir entre um hóspede (guest) e um parasita? Em princípio, a diferença é estrita, mas para isso se exige um direito; é preciso submeter a hospitalidade, a acolhida, as boas-vindas, a uma jurisdição estrita e limitativa. Nenhum que chega é recebido como hóspede se ele não se beneficia do direito à hospitalidade ou do direito ao asilo, etc. Sem esse direito ele só pode introduzir-se “em minha casa” de hospedeiro, no chez-soi do hospedeiro (host), como parasita, hóspede abusivo, ilegítimo, clandestino, passível de expulsão ou detenção.<sup>165</sup>

Hospitalidade/hostilidade não só ambas tem a mesma origem etimológica, mas se constroem em seus sentidos, de modo que o par hospitalidade/hostilidade se dá numa teia de oposições entre amigo/inimigo e hóspede/hospedeiro, o que levaria à impossibilidade de hospitalidade.

<sup>163</sup> BERNARDO *apud* RODRIGUES. *Feminino e Desconstrução. Duas palavras para o feminino*, p.148

<sup>164</sup> DERRIDA *apud* RODRIGUES. *Feminino e Desconstrução. Duas palavras para o feminino*, p. 148.

<sup>165</sup> DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*, p. 53.

Nesse sentido, me volto para a premissa de Aristóteles e saio do lugar de amiga na passividade platônica para dar lugar ao da atividade filosófica <sup>166</sup>. Assumo em tal atividade a consciência que a subjetividade do espaço biocrítico me permite articular, a consciência de que o meu posicionamento intelectual esta atravessado pela atividade filosófica do outro.

Em outras palavras Aristóteles está afirmando que a consciência de si, a identidade pessoal, se dá através do outro, na contemplação do outro, nossa imagem especular. Na amizade, o indivíduo se faz outro, sai de si, se objetiva; é preciso tomar consciência do pensamento e da atividade do outro para ter consciência do próprio pensamento e da própria atividade.<sup>167</sup>

Dessa forma a minha percepção intelectual se dá pela percepção de Eneida, embora não seja a mesma. Ter essa consciência só contribui com meu trabalho de crítica biográfica no sentido de que torna o amor sentido por essa pessoa um reconhecimento de mim mesma.

Traço esse percurso por acreditar que ele me ajuda a enxergar a biografia tal como propõe Eneida, um bem de arquivo. Ao trabalhar a noção de arquivo e fazer um paradoxo na proposição de Derrida que fala sobre o mal de arquivo Eneida, não faz simplesmente um exercício crítico, mas me coloca, enquanto amiga arconte a par daquilo que ela e Derrida propõem, pois como arconte abro o arquivo, no caso, suas obras para pensar nos diálogos que estabeleço.

Eneida autora chama atenção justamente por tal dialogo, mas muito embora as palavras bem e mal sejam naturalmente paradoxas, enxergo tal leitura como suplementar. É no distanciamento que Eneida aproxima. Ao trazer a baila o elemento biografia é possível contemplar não só aquilo que se refere à vida pública do sujeito, mas principalmente aquilo que diz respeito à intimidade.

---

<sup>166</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 37.

Essa relação não necessariamente precisa acontecer, porque tal como mencionamos no início da dissertação e deste capítulo ela se desdobra metaforicamente.

<sup>167</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 41.

Aquele que biografa precisa investigar a vida do outro para abrir o arquivo, a biografia é um bem daquele sujeito, no sentido de que se encontra nele também um valor impregnado, o valor biográfico, que já mencionamos anteriormente. Por isso quando falo de outrem falo de mim. Aqui relembro que biografar, tal como me propus a fazer não significa bisbilhotar é ver no outro algo que te afeta e não mais falar sobre, mas a partir de, pois parto de mim mesma as leituras para ler o *bios* do outro na diferença.

Da mesma forma, Eneida enquanto amiga de Derrida o faz. Ao se apropriar da metáfora que Derrida estabelece ao longo de sua obra, Eneida realiza o mesmo exercício que Derrida faz com Freud. O mal de arquivo aqui se torna bem. Um bem de arquivo chamado biografia. O desejo pela vida do outro, a vontade de falar do outro, só representam acentuadamente a vontade que há de falar de si. A assinatura daquele sobre quem se lê/ sobre quem leio ajuda a construir e consolidar a noção acerca do arquivo. Mas à *la* Eneida o arquivo se instaura na sua revitalização, na diferença.

Dessa forma, ao fazer uma recuperação da memória literária de Eneida Maria de Souza, acabo por me permitir fazer uma revitalização de conceitos que somente a abertura do arquivo me possibilita realizar. Eneida ao pensar em biografia como bem de arquivo, ajuda a compreender que ao buscar em suas leituras um espaço para falar de mim, também me faz compreender que aquilo que tomo por objeto de eleição em sua vida me faz entender que não se trata de uma prática analítica, mas de um exercício da escrita do *bios*.

Se para Derrida,

[e]star com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É

arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia em torno do lugar mais arcaico do começo absoluto.<sup>168</sup>

Para Eneida e para mim, por conseguinte, pensar em bem de arquivo é tudo isso, mas também pensar nesta “retomada crítica da figura do autor, seu retorno, por meio de traços e resíduos, da assinatura, abolindo-se o procedimento de recalque como produto do pacto ficcional com a escrita, inscrita de modo asséptico e distanciado”,<sup>169</sup> tomo o bem como material que possibilita articular as vidas daquele que lê e daquele que é lido.

---

<sup>168</sup> DERRIDA. *Mal de arquivo*, p. 118

<sup>169</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 39.

## 2.5. Paisagens amistosas

Vivo no presente falando de mim pela boca dos meus amigos, e já os ouço falar à beira da minha sepultura. A amizade, a ciceroniana seria então a possibilidade de exemplarmente me citar a mim mesmo, assinando antecipadamente a oração fúnebre, a melhor, talvez, mas nunca isto é certo, que o amigo pronunciará de pé quando eu já não o estiver.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 19

Na epígrafe acima Derrida fala da amizade ciceroniana, na qual o tema da morte é uma constante. Não posso falar em morte visto que Eneida está viva, nem quero por hora. Mas me justifico, pois falar em morte seria destampar uma ferida profunda. Perder um melhor amigo é perder parte de si. Volto minha atenção então para o início de tal epígrafe “Vivo no presente falando de mim pela boca dos meus amigos”; no meu caso vivo falando de mim pela vida de Eneida.

Como já disse anteriormente, se abro este arquivo é porque de alguma forma ele me toca. Sei ainda que ao falar de Eneida Maria de Souza, acabo falando de mim mesma. A construção da biografia permite o “resgate” daquilo que é próprio, do local, de modo que as minhas sensibilidades biográficas ficam latentes e evidentes a cada página redigida. Talvez não o consiga parar porque encontro nestas páginas justamente aquilo que me custa mais caro, falar de mim. Não que as nossas vidas (minha e de Eneida) sejam idênticas, em outro momento, já fiz essa aproximação, mas agora não está em questão. Quando digo que falo de mim é porque a escrita de Eneida no que diz respeito ao meu desempenho como intelectual me ensina, por tal motivo me sinto amiga dessa mineira.

É certo que a nossa amizade, na verdade é minha amizade. Para ser amigo não se faz necessário ter reciprocidade porque nas palavras de Derrida “a amizade

consiste em amar, não é assim, ela é, é claro, uma forma de amar<sup>170</sup> e não confundam por favor minha transferência com paixão ou qualquer pieguice do gênero, já neste mesmo texto pontuei que minha relação é baseada também no distanciamento, mas ainda na esteira de Derrida considero a minha amizade “uma acção antes de uma paixão”<sup>171</sup>, visto que para que ela ocorra precisa partir estritamente de mim. Aquele que amo não o necessita saber, mas eu enquanto amante/amiga sei daqueles que amo.

Porque amo? Amo pelo fato de admirar, amo por me sentir tocada e sem mais delongas porque encontrei no amor um gesto para expressar a minha vivência. Faço da vida de Eneida uma narrativa, uma narrativa duplamente biográfica. Minha amizade esboça os traços de uma paisagem:

A paisagem é em si a estória, não simplesmente cenário. As folhas amarelas. O preto e o branco do presente, com a morte do pai. A lembrança do encontro entre os pais, quarenta anos antes em delicada cor, o que não volta mais. No fim, rostos, cores e tempos se confundem. Fica a imagem da estrada. Estrada para o amor e para despedida do amor. Fica o amor, o meio do caminho, a cor.<sup>172</sup>

Penso aqui no conceito de paisagem trabalhado por Denilson Lopes como uma metáfora. A estória das vidas minha/dela é que me possibilita realizar tal aproximação. Nela, tomo a minha amizade com Eneida que se dá por uma via de mão única como a paisagem em que se dá o conhecimento de duas vidas e de outras que perpassam a nossa relação.

Os amigos elegidos por ela, se tornam meus amigos também e são todos elementos de tal imagem paisagística. Além de paisagem ser a configuração de minha amizade com Eneida, a palavra paisagem por sua natureza evoca o lugar, o

---

<sup>170</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21.

<sup>171</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 21.

<sup>172</sup> LOPES. *A delicadeza*, s.p.

meu lugar, bem como as minhas sensibilidades e, por conseguinte, as minhas memórias, como já mencionado acima.

As memórias tal como a crítica biográfica têm suas particularidades, nas palavras de Freud ela é a própria essência do mecanismo psíquico <sup>173</sup>, por tal motivo permite que como o arquivo recebe e dissipa as inscrições que chegam até ela, *grosso modo*, ao passo que registra, também apaga. Nesse sentido posso dizer que o que permanecem são os rastros mnésicos que me ajudam a elucidar as duas memórias das quais falo.

Não se trata de pensar o rastro como uma função de memória, aceitar tal premissa seria acreditar que a memória se dá por repetição, ao abordar o tema Evando Nascimento considera que o rastro mnésico se dá na experiência, nas palavras dele

A força que em si não é nada, passa a existir apenas na interação com outras para a formação do sentido, o qual por sua vez nada mais é do que um rastro mnésico, como resultado de todas as apropriações anteriormente operadas. Isso faz com que não se possa mais pensar a repetição do rastro como função da memória sendo determinada por uma oposição entre quantidade e qualidade. <sup>174</sup>

São pelos biografemas de Eneida Maria de Souza que conto a história da Eneida que dou voz. Dessa forma a experiência de me apropriar dos biografemas de Eneida significa reinventar no presente. Não simplesmente recontar a história da autora. Não posso pensar em recontar, porque não posso repetir a história, reconstituir a vida de Eneida Maria de Souza. O rastro está para o esquecimento, assim como está para aquilo que ficou. Por tal motivo pensar em rastro mnésico me ajuda a manter a viva as memórias de Eneida, pelas minhas experiências.

---

<sup>173</sup> NASCIMENTO. *Literatura e Derrida*, p. 169.

<sup>174</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*, p.171.

Antes de tudo porque qualquer experiência, ao invés de representar uma simples auto-afecção da subjetividade presente a si própria, já vem diferida por uma série de rastros que fazem da memória um imenso arquivo ao mesmo tempo morto e vivo. Morto porque é de morte sempre que se trata; vivo porque a vida é esse desvio prolongado antes do retorno a um estado que ultrapassa, dentro de um processo que continua para além da existência de um só indivíduo.<sup>175</sup>

Aqui penso a morte de forma metafórica, que representa o arquivo arquivado que tenho aberto para dar corpus ao meu trabalho. A morte se dá como suplemento da vida/memórias arquivadas de Eneida, pois uma não se dá sem a outra. No arquivo de Eneida ousou a experimentar algumas de suas vivências.

Daí o motivo de eu pensar em biografia crítica, desde o início da minha discussão. Pois como já disse, tal texto caminha em duplicidade de vidas, a minha e a de Eneida. Vidas que não se fundem, mas se transferem em prol da vontade de uma delas, a minha, a minha pulsão move o exercício biocrítico ao qual me proponho, em contrapartida a vida de Eneida é o que me causa tal pulsão. Desse modo, encarar as vidas em duplicidade “significa traduzi-la não num modelo absoluto que tomasse como referência a presença plena (...), mas como exemplaridade relativa a um conjunto mais amplo de experiências”<sup>176</sup>. Experiências estas que passam pela relação metafórica permitida pela crítica biográfica.

A relação metafórica é importante porque Eneida está sempre cercada de amigos. A autora os convoca para seus discursos. Em *Janelas Indiscretas*, por exemplo, Souza, no ensaio “Com açúcar e com afeto”, tal título dialoga com Chico Buarque de Holanda, que por sua vez teve seu auge na década de 50, momento que ainda perdura na memória de Eneida. Ao analisar, a grande maioria de amigos elegidos por ela ao longo dos anos de escrita também pertencem a tal década. Talvez a relação de amizade com tais personalidades só são possíveis porque a

---

<sup>175</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*. p.175.

<sup>176</sup> NASCIMENTO. *Derrida e a literatura*. p.172.

amizade é estabelecida com a década de 50, já que é tal década que afeta a intelectual mineira significativamente. Pela seleção da memória dela e pelas sensibilidades que me tocam elegi dois amigos para ilustrar tal amizade. Silviano Santiago e Jorge Luis Borges.

A América Latina é o cenário das conversas de Eneida. Logo, a escolha desses dois autores não se faz por mero acaso. No que diz respeito a Silviano, sabe-se que a amizade transcende as linhas do papel e que a profissão uniu os dois de forma significativa; já no caso de Borges não foram poucos os textos dedicados ao escritor argentino. Além disso, para retomar a ideia deste capítulo, relembro as palavras de Derrida ao dizer que as amizades são políticas. A aproximação de Eneida com Santiago e Borges passa por afinidades eletivas e heranças geográficas das quais a autora não poderia passar pela autora. Passo então à leitura das amizades em questão.

## 2.6. Entre bibliotecas e mentes: da biografia ao coração

O amigo não pode dirigir aos seus amigos senão um discurso de louco. A verdade da amizade é uma loucura da verdade, ela nada tem a ver com a sabedoria que em toda a história da filosofia como história da razão terá dado a nota – tentando fazer-nos crer que a paixão amorosa era loucura, é certo, mas também que a amizade era a via da sabedoria e do saber, não menos que da justiça política.

DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 64

A epígrafe que elegi, de Jacques Derrida, me ajudou a pensar este subtítulo, pois esta passagem, ou melhor, o livro todo do autor, me é caro, por desenvolver uma articulação crítica em torno da amizade que desconstrói sua concepção corriqueira. Nas palavras de Ortega, falar da amizade “é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização”.<sup>177</sup> Além da amizade já estabelecida e selada com Eneida Maria de Souza, tenho uma amizade com Jorge Luis Borges, não só por influência de Eneida, mas porque me senti tocada ao ler e reler Borges na graduação. Naquela época, ainda não tinha a maturidade que tenho hoje e nem era tão amiga de Eneida. Mas Borges mexeu comigo. Depois dos estudos em Eneida, essa afetividade ficou ainda mais latente.

Movida pela pulsão em falar da intelectual mineira, me encontrei na minha loucura. O meu discurso como louca se instaura não só na paixão, mas também na política a qual me vejo condicionada. Traduzo esta política como o distanciamento que procuro manter de Eneida desde o início desta dissertação. A pulsão da qual falo e que me mantém parte da ordem da admiração desbragada, pela vontade de escrever tal qual Eneida. Você leitor pode até chamar de obsessão, inveja, eu trato como admiração, pois o gosto pela escrita constitui também as minhas amâncias.

---

<sup>177</sup> ORTEGA. Amizade e estética da existência em Foucault, p. 12.

Ao longo de sua carreira, Souza construiu uma plêiade de amigos com os quais tem buscado dialogar e manter um debate saudável na academia, a fim despertar o senso crítico daqueles que estão vinculados ao saber de alguma forma. Por outro lado, o interesse e desejo em falar de outras vozes causou também curiosidade pela vida. O gosto pela crítica biográfica não veio à toa. Eneida convoca para seus debates não somente as obras, conceitos, o grande destaque de sua escrita, tal como já pontuei no Capítulo 1 é o fato de a vida ser o grande *leitmotiv* para que a autora se inscreva como leitora e realizar o exercício da crítica biográfica.

Em entrevista a Revista Online *Diversa*, da UFMG, Eneida conta que o gosto pelas literaturas populares, ao realizar o exercício foi o primeiro passo para também se pensar nas vidas em que buscou estabelecer amizades. Assim, trazer para a literatura o *bios* de Autran Dourado, Mario de Andrade, Pedro Nava bem como outros autores brasileiros e latino americanos configura não só uma predileção por figuras populares, mas uma preocupação em estabelecer um discurso *a partir* do local ao qual ela esta inserida. Vi essa necessidade da autora assim que li *O século de Borges*, publicado em 1999.<sup>178</sup>

*O século de Borges*. Título emblemático, o texto escrito a partir da vida de Borges comprova a estreita relação entre vida e escrita, memória e sujeito, lugar e fronteiras epistemológicas. No andar da carruagem que tenho percorrido a partir das obras de Eneida, compreendo o livro em questão como a expressão maior de uma amizade literária metafórica consolidada pela admiração, leituras, afetos, autocompreensão. Sobre esta metáfora, considero o fragmento escrito por Eneida

---

<sup>178</sup> Embora haja várias publicações de Eneida sobre Borges privilegiei o livro *O século de Borges* por pensar que esta publicação foi a mais significativa da autora com relação ao autor argentino, pois dialoga com o memento em que o mesmo foi publicado: século XX, que por sua vez consagrou a Borges o título de um dos autores mais influentes deste momento.

Pelo efeito diferenciador da imaginação literária, o encontro entre culturas se realiza ironicamente durante a guerra, em que os seus protagonistas se assemelham, ao demonstrarem a mesma paixão pelas letras. A metáfora funciona como saída ilusória dos conflitos montados pela interpretação realista da história, rejeitada por Borges em razão de seu desprezo pela ordem causalista e de seu apreço pelo acaso dos acontecimentos.<sup>179</sup>

Nesta obra Eneida realiza uma biografia (crítica) de Borges. Assim, conta partes da vida de Borges a partir de das obras do autor. Quem conhece um pouco da obra de Borges consegue perceber nas entrelinhas a história da vida do autor. Os contos levam o leitor ao mundo ao qual Borges pertencia.

A escolha por tratar deste livro especificamente me levou a pensar nas amizades travadas por Eneida e nas eleições/predileções feitas por ela. No meu entender, a intelectual mineira age, ao escolher tal vida, como arconte. E nas palavras de Derrida “uma aqui-amizade inscrever-se-ia no próprio selo do testamento. Apelaria para última palavra da última vontade. Mas que de antemão arrebataria também consigo”<sup>180</sup> Como se fosse concedido ao autor seu último desejo. Que se fale dele. E para aquele que fala a única condição de existência. Pois se ao falar do outro, falamos de nós. E como arconte a amizade deve estar selada pelo testamento.

Encaro o testamento como a biografia de Borges escrita por Eneida, e o selo como tal amizade que instaura ao longo das páginas. Ocorre com Eneida o processo que agora ocorre comigo, o leitor é condicionado a escrever sobre tal vida, porque é tal vida que permite a sobrevivência daquele que escreve. Desta forma, como arconte, Eneida recebe uma herança, falar da vida de Borges, logo a vida de Borges se torna condição que não só arrebatava a autora, como também “dá a Borges o que é

---

<sup>179</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p. 16.

<sup>180</sup> DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 38.

de Borges.”<sup>181</sup> A expressão utilizada por Eneida estabelece o pacto da herança: ao passo que se instaura, revela uma amizade que se dá por uma única via.

Não falo então de uma amizade em que um tenha contato com o outro. O percurso dado em minha dissertação aqui me leva a refletir que Eneida ao escrever de/sobre/para Jorge Luis Borges não compõe uma declaração desvelada de amizade. A escrita sobre a vida deste outrem configura a descoberta ou o desenvolvimento da consciência de si, com o intuito de reconhecer-se neste outro. Desta forma encaro o desenvolvimento da escrita como o processo de admiração que leva o ser a pensar no desenvolvimento de sua consciência, e posteriormente de seu papel.

Se falo em amizade política, relação de distanciamento desde o início desta dissertação é por acreditar que ao passo que falamos do outro, permite-se que se instaure a abertura disciplinar. Nas palavras de Francisco Ortega, “A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer.”<sup>182</sup> Logo, os escritos para Borges são textos que permitem enxergar a questão da admiração.

É visível a Amância de Eneida nos escritos, a admiração é composta pela tessitura das palavras que ao longo do texto compõem uma colcha de sentimentos envolvidos. É sabido que a ligação da autora com a década de 50 é demasiado profunda, neste sentido questões políticas, crítica e intelectuais compõem o hall de elementos a serem destacados, a América Latina é a paisagem que demarca o lócus de sua existência, tal como em Borges. Das passagens eleitas, destaco a primeira em que a mineira comenta sobre a articulação desenvolvida por Borges ao

---

<sup>181</sup> SOUZA. *O século de Borges*, s.p. (orelha do livro)

<sup>182</sup> ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p.161.

inverter a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e consegue por aí instaurar o conceito de pátria em que crê. Nas palavras de Eneida: “Para o escritor argentino, a pátria, se existe como identidade, ocupa um espaço imaginário, cujas fronteiras não coincidem como as da nação”<sup>183</sup>

Escolhi esta primeira passagem porque me tocou muito enquanto estudiosa que fala a partir da América Latina e pela seleção das palavras de Eneida, sei que isso a toca também. Não é por acaso que a autora se encontra atravessada pelo conceito de *lócus de enunciação migrante*. Tal como Borges, Eneida viveu fora, sabe o que é ser Brasil na Europa. Na leitura realizada por Eneida, as paisagens evocadas por ela são compostas pelo rastro mnésico de que há pouco falamos, neste sentido, a metáfora da amizade instaurada aqui se transpõe para o lugar, a paisagem como este rastro que nos permite experimentar lugares outros.

Eneida ainda comenta que “Em Borges, ignora-se o distanciamento entre culturas pela inexistência de fronteiras geográficas e pelo movimento, ambivalente que move a busca de identidade e a sua perda, o apego ao lugar de origem e a inevitável sensação de exílio.”<sup>184</sup> Esta leitura pós-ocidental coloca a posição cultural de Borges em abertura. Ignorando as fronteiras disciplinares e territoriais que determinam saber. Se Borges em sua época já realizava tal leitura a admiração de Eneida por ele não poderia ser outra, visto que um dos maiores embates de Eneida na academia é a abertura ao campo do saber.

Assim, no que diz respeito à literatura gosto de ver como a intelectual mineira olha para Borges como precursor dos saberes latinos. Para Eneida “ao retomar a metáfora da literatura como mediadora na relação conflituosa entre os povos e como

---

<sup>183</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p. 11.

<sup>184</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p. 14.

o mais sublime momento de comunicação humana”, Borges consegue estabelecer que a amizade, as relações, o diálogo é que permitem um maior proveito da nossa existência. A fala de Eneida como pensadora fronteiriça passa pelas aberturas, neste sentido,

Percebe-se que o fascínio de Borges é incalculável, quando se analisam os diferentes legados desse pensamento no Ocidente, vinculados à linhagem da crítica literária, voltada para o culto da linguagem como um fim em si ou para a abordagem de temas caros às Ciências Humanas, tais como: a questão da falta como mobilização do vazio da linguagem; a existência da verdade estética como correlata à ética discursiva; a reflexão sobre o fim do aspecto referencial dos discursos, e sobre o fim da história.<sup>185</sup>

Percebe-se que o fascínio de Eneida por Borges se dá pela lucidez crítica do autor argentino, isso porque ao olhar para ele Eneida enxerga não somente a obra, mas o projeto intelectual de Borges que consegue romper, subverter a tradição. Ou seja, Borges rompe a com a leitura diacrônica, dual proposta pelos escritores modernos, rompe com a leitura textual, aquela que fica na ordem da escritura. O projeto de Borgiano vai além, tal como o projeto de Eneida, que ao considerar o contexto também sai da leitura pela leitura, de modo que a leitura é atravessada pela vivência.

Seguindo por este pensamento, a leitura se torna devoração crítica. Pois a leitura de Eneida sobre Borges não se estabelece pela comparação simples de obras, mas pela construção artística deixada por ele. É desta forma que a amizade metafórica é selada. Pois para Eneida, Borges realiza “[...] a criação de conceitos operacionais a partir da rede paradoxal de metáforas [...]”<sup>186</sup>, e assim a mineira se espelha no autor argentino ao construir também as suas metáforas.

Neste sentido o que percebo é que a amizade estabelecida com Borges se dá numa única via, tal como a minha amizade com Eneida e que esta amizade só é

---

<sup>185</sup> SOUZA. *O século de Borges*, p.25.

<sup>186</sup> SOUZA. Prefácio do livro *Todas as cidades, a cidade*, p.12.

possível porque passa pela admiração da qual fala Derrida. As pontes imaginárias, as paisagens circundantes a este universo, me levam a refletir que a metáfora é uma estratégia fundamental para se pensar nas vidas em questão e que amizade representa metaforicamente a exposição das nossas vidas e que enquanto a crítica literária preserva valores unicamente literários, por meio da crítica biográfica a vida de Borges estabelece com Eneida um pacto de cumplicidade em que o ficcional e biográfico permitem a abertura literária da qual Eneida tanto é a favor.

A voz de Borges na mistura de teoria, ficção e crítica ecoa na América Latina e no mundo apagando as barreiras disciplinares impostas por uma relação hierárquica que a contemporaneidade já não dá mais conta. Vejo então que a predileção pelos textos de Borges é motivo de inspiração para a intelectual mineira e a instauração de possíveis relações dos saberes narrativo.

## 2.7. “Ao mais sábio dos *cults*”: Silviano e Eneida

Uma dedicatória de obra destaca sempre a demonstração, a ostentação. A exibição: exhibe uma relação privada, real ou simbólica, e esta exibição sempre esta ao serviço da obra como argumento de valorização ou tema de comentário.

GENETTE. *Umbrables*, p.116 (tradução minha)

O subtítulo que abre esta parte é significativo, pois compõe uma das falas de Eneida. Na verdade trata-se da dedicatória que a autora faz no livro *Crítica cult* ao autor Silviano Santiago. Por tal motivo escolhi a epígrafe acima. Se a amizade de Eneida com Borges se dá metaforicamente, com Silviano Santiago, não. A amizade ultrapassa os limites da literatura, dos textos escritos. Desta forma, considerando as palavras de Genette, encaro as dedicatórias de Eneida a Silviano como uma demonstração de afeto, de carinho, de gratidão.

A profunda admiração também serve de *leitmotiv* neste caso, mas aqui ela se dá numa via de mão dupla. Colegas universitários Santiago e Eneida consolidam hoje o *hall* de autores críticos da contemporaneidade que têm movido a minha geração e deixado legados importantíssimos e leituras abalizadas naquilo que foge ao hegemônico.

A parceria mineira é recorrente nas obras de Eneida Maria de Souza e o que se percebe é que Silviano está sempre disponível e disposto a dialogar com sua discípula. Na colcha de textos tecida pelos autores em admiração um dos que mais me marca é o que foi escrito por Silviano em homenagem a Eneida, publicado nos *Cadernos de Estudos Culturais*, em 2014. Nele Silviano conta um pedaço da vida da autora mineira e me permitiu conhecer um pedaço da vida dela que eu não conhecia e ao mesmo tempo realiza uma resenha crítica do livro *Crítica cult*, compondo também um texto dedicado a autora.

Ao ler e reler as duas dedicatórias, percebi que a amizade também é pautada pela gratidão. Silviano inicia seu texto dizendo que mais gratificado que ele ao receber os ensaios será o leitor que terá à disposição um panorama da literatura brasileira, nas palavras dele

A coleção de ensaios tem por título *Crítica cult* e foi publicada em 2002. A autora é a mineira Eneida Maria de Souza, hoje professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Mais gratificado com a coleção de ensaios será o leitor que se interessa pela história recente da crítica literária no Brasil [...] <sup>187</sup>

De fato, me sinto muito gratificada por ter lido o livro que me trouxe a pós-graduação. Os escritos de Eneida me levaram não só a titulação, mas a abertura intelectual. O ensaio escrito pelo autor tem como paisagem as Minas Gerais, é o primeiro tópico que aproxima as duas vidas. O lugar marca tais vidas, ambos saíram das Gerais para ganhar espaço mundo afora. Além disso, a crítica também é elemento comum. E tendo essas duas perspectivas, ambos fazem uma leitura pós.

Vejo isso nos escritos de Santiago. Ao passo em que fala da obra, é partir dela, também que Silviano conta nas entrelinhas a história acadêmica de Eneida, algo que muito me tocou, pois conheci um pouco mais profundamente a vida daquela que estudo, gosto quando ele sinaliza ao leitor:

Não espere que a crítica mineira, doublé de historiadora, fale da perspectiva do Pico da Serra do Curral, de onde açambarcaria solitária e olímpicamente o panorama geral dos estudos literários que têm por data inicial os anos 1960, quando o ensino superior abandona o modelo universitário francês [...] e assume, em consonância com a disseminação planetária de tradição universitária norte-americana [...] <sup>188</sup>

É nesse momento da década de 1960 que os cursos de pós-graduação foram criados. E é neste panorama que Eneida vai delinear o perfil da literatura brasileira, daí Santiago falar para que o leitor não espere que a autora fale da Serra do Curral, porque, timidamente, a crítica mineira a partir de sua análise pós década 1960 vai buscar a abertura disciplinar. Mais uma vez quem ganha é o leitor, o olhar apurado

<sup>187</sup> SANTIAGO. O sistema de pós-graduação norte-americano e a tradição francesa, p. 101.

<sup>188</sup> SANTIAGO. O sistema de pós-graduação norte-americano e a tradição francesa, p. 101

de Eneida não deixa escapar aquilo que é necessário ser dito. Sem abandonar sua condição periférica, Eneida se vale de tudo aquilo que aprendeu em Paris e aplica descolonialmente no Brasil.

Restringindo ao campo das Ciências humanas e destacando a disciplina de Letras, diremos que Eneida representa uma das mais salientes contradições encontrada na implantação do Ocidente, a partir dos anos 1960, da sistemática universitária norte-americana. A própria nação ao norte vive internamente a inesperada contradição que Eneida vive na formação e docência periférica.

As palavras de Santiago dialogam em muito com o que escrevi no primeiro capítulo desta dissertação e representam em grau maior a admiração que o mesmo pode sentir pela autora. Entretanto não é somente Silviano que escreve para Eneida. Salientei os escritos do autor porque muito me tocam, mas a autora mineira também partilha do sentimento amistoso para com o mineiro de formiga.

São muitas as homenagens feitas para Silviano, dentre as que mais gosto está a obra *Navegar é preciso viver*, e os *Cadernos de Estudos Culturais – Silviano Santiago: uma homenagem*. Em ambos os livros Eneida escreve para Silviano expressando sua gratidão com ensaios cuidados, atentos e desconfiados sobre os textos de Silviano, bem sinaliza a importância dos textos de Silviano para ela.

[...] Silviano Santiago, recém-chegado de suas atividades acadêmicas nos Estados Unidos, subverte as antigas antinomias e hierarquias próprias do discurso colonizado e ocidental. Propõe, no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1972), a reflexão sobre a dependência cultural com base no pensamento crítico da filosofia francesa e no papel exercido por Borges, desconstrutor de origens e de modelos da literatura considerada universal. [...] a importância desse texto para a polêmica nacional em torno da dependência reside na relação estreita que o conceito mantém com as teorias modernistas [...] <sup>189</sup>

Teorias estas que foram importantes também para aguçar o olhar da mineira enquanto crítica. A fala de Eneida por mim recortada esboça o cuidado que a

---

<sup>189</sup> SOUZA. Santiago, um dos leitores de Derrida, p. 34.

mineira tem em tratar as obras de Silviano. Cuidado na escrita, mas cuidado redobrado na leitura, sendo discípula de Santiago, ao lê-lo se faz necessário uma abordagem apurada e cautelosa para não cair no banal ou repetir o que já havia sido feito por ele.

Mas diferentemente de Silviano, a leitura de Eneida neste ensaio demanda uma visão comparatista que Silviano não teve ao fazer a leitura da autora. Neste momento o que percebo é que ao trazer Derrida ao bojo da discussão Eneida nos ajuda a melhor compreender a visão de Silviano e como a proposta desconstrutora do autor, consolidou a crítica literária brasileira.

Distanciando para aproximar, se, por um lado, a crítica realiza uma leitura comparatista, ao mesmo tempo, não deixa de ser biográfica. Tal como Silviano, Eneida conta parte a vida do mineiro nas entrelinhas, dialogando assim com ele. Nesse jogo de diálogos, dedicatórias, palestras, mesas-redondas, etc. consolida-se a amizade da qual busquei sinalizar aqui. Amizade esta que contribui muito com o diálogo latino-americano traçado por ambos. É deste dialogo que falarei a seguir. Contudo, não me deterei mais em Silviano, mas na crítica consolidada por Eneida ao longo destes anos como professora, crítica e intelectual.

A woman with short, dark, wavy hair is speaking into a microphone. She is wearing a dark-colored top and a green wristband. Her right hand is raised, pointing upwards, while her left hand is near the microphone. The background is plain and light-colored.

### III CAPÍTULO – O FASCÍNIO PELO EXERCÍCIO DA CRÍTICA

Muito me comove saber que meus artigos estão sendo divulgados e estudados, recebendo uma resposta que incide sobre a presença autoral materializada pelo texto escrito. Na função de ocupante desse não-lugar fronteiriço, a comprovação de que o saber se constrói por essa rede comunicativa é um dos mais eficazes modos de revitalização intelectual.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 126.

[...] escrever sobre os acontecimentos literários imediatos, dirigindo-se, constantemente, a um vasto público, não significa um esforço menor, pressa irresponsável, engano ou frivolidade, mas sim, exigência redobrada de rigor, obrigação de raciocinar com lucidez, analisar com profundidade e encontrar uma linguagem em que as ideias mais difíceis resultem acessíveis aos leitores mais simples.

LLOSA *apud* RAMA. *A cidade das letras*, p. 10.

As inúmeras oportunidades oferecidas para o avanço das questões não se restringem aos encontros acadêmicos, à sistematização de pesquisas realizada por grupos interdisciplinares, às sessões de defesa de tese ou aos grandes congressos internacionais, mas às publicações veiculadas por revistas especializadas, livros e pela atuação do intelectual nos lugares aos quais é convidado a se manifestar, incluindo-se aí os meios de comunicação de massa.

SOUZA. *Crítica cult*, p. 63.

Caminhei com a minha dissertação até aqui escarafunchando a vida de Eneida, que me é tão cara e que se tornou condição fundamental para que o meu *bios* pudesse existir, bem como para que a minha vida profissional tivesse sentido. Já exposta a amizade que nos constitui, além de partes dessa vida que (invento)/relato, precisei escrever neste capítulo aquilo que provocou o debate interno em mim.

Os livros de Eneida foram sintomáticos. Como quem compõe uma tela, Eneida conseguiu pincelar em suas obras não só imagens em seu todo; o que a torna ímpar é sua peculiaridade e atenção no olhar das teorias, pois imprime em seus leitores a sensação de desconforto e otimismo ao mesmo tempo. Fazer crítica literária no Brasil, talvez na América Latina, exige expertise. Primeiramente para que o crítico não caia numa banalização, num discurso provinciano e bairrista, em seguida, para não cair num discurso psicologizante e de vitimados. A crítica latina exige também do intelectual enfrentar as paredes da universidade, tal como Eneida pontua na epígrafe eleita por mim.

O que acontece é que nos últimos tempos a crítica literária saiu dos jornais e revistas e ficou mais reduzida aos periódicos acadêmicos e sendo tratada por especialistas. Nesse meio tempo a literatura deu um salto, encorpou, tomou fôlego e passou a considerar elementos extraliterários. Contudo, uma parte dos críticos, em suas especializações, ficou restrita as análises de tempo, narrativa, gêneros, em resumo, aos aspectos literários, estruturais e formais.

Nas palavras de Eneida, o intelectual, o professor universitário, precisa sair do ambiente de conforto da sala de aula e expor ao público as suas impressões, tendo como base aquilo que ele lê e enxerga no meio teórico crítico. Trazer esse pensamento à tona me ajudou a perceber que não se pode articular os conceitos como verdades supremas, tal com pontuei no primeiro capítulo. Digo isto, pois se retomo as ideias e pensamentos desenvolvidos no primeiro capítulo, já quase no fim desta dissertação, é porque a preocupação em manter um diálogo saudável ainda é uma constante. Além disso, apesar do amor que mantenho por Eneida e da amizade que nos acomete, não quero que esta parte da minha escrita seja vista como endeusamento. O que me propus a realizar é colocar em debate aquilo que se discute na academia como maneira fundamental para se pensar no exercício da crítica.

Foi pensando nessas questões que elegi também a epígrafe de Mario Vargas Llosa extraída do livro *A cidade das letras* (1985), ao Angel Rama. O livro póstumo tem o prefácio escrito por Llosa, no qual o mesmo ao pontuar as qualidades de Rama, destaca o fato de Rama ser aberto ao público e sinaliza que tal feito é importante para a crítica, no sentido de que expõe a teoria ao público com uma linguagem acessível.

Nas palavras de Llosa, o que para muitos críticos seria absurdo, é crucial, pois ao passo que o crítico coloca em discussão aquilo que acredita e leu, também permite que outras pessoas se abram às discussões propostas em sua grande maioria nas universidades e que muitas vezes lá ficam. O fato é que quando se abre um discurso ao público, o cuidado, tal como pontua Llosa, deve ser redobrado. Não dá para baratear as teorias, nem mesmo ignorá-las.

Dessa forma, a crítica adquire valor importante, pois ao passo que transmite caráter avaliativo, também permite que outros sujeitos dialoguem não só com as obras, livros, ou a arte em suas diversas formas. Ao se propor abrir a crítica, permite que os sujeitos questionadores e questionados entrem neste universo e possam discutir com a própria crítica, não pensando qual a melhor teoria, mas pontos de vista diferentes. Tal como pontua Eneida, é esse o debate que a universidade, como meio veiculador das opiniões, precisa fomentar. Contudo, isso não significa ficar preso às universidades. Assim, justifico a escolha da segunda epígrafe.

O propósito é mostrar que o pensamento crítico permite que novas ideias veiculem e que a universidade é um dos canais disponíveis para discutir, um ponto de partida para que outros possam contribuir com o pensamento crítico, ainda tão engessado como o que temos em nosso país. E pensando em nível de América Latina, é preciso considerar que críticas estrangeiras aqui chegam e ficam. Logo, necessitam de uma revisitação crítica. Por isso, desde o início desta dissertação penso nas teorias de fronteira, como melhor maneira de articular o pensamento pós-ocidental.

Assim, neste capítulo, quero me deter na figura crítica de Eneida Maria de Souza, e no modo ela desenvolve este papel no Brasil e na América Latina. A crítica intelectual mineira não recebe este título à toa. Eneida hoje é professora visitante

sênior da Capes, o que comprova que a intelectual leva a pesquisa, enquanto exercício crítico, a sério. É incontável o número de publicações, falas, aulas, palestras ministradas e que dão fôlego ao pensamento brasileiro contemporâneo. A predileção pelo *bios* e as teorias marginais, a junção de literatura, cultura, arte, etc., me ajudou a pensar em como se dá a relação crítico biográfica na academia.

Por isso, quero aqui explicar sobre as publicações mais significativas, bem como reproduzir a capa desses livros que dão fôlego ao pensamento pós-crítico de Eneida Maria de Souza. Entenda por significativa aquilo que se destaca ao meu olhar operacionalizante de tal vida. Na paixão desencadeada pela pessoa crítica de Eneida adquiri alguns livros que guiam minha reflexão crítica.

De tais aquisições, elenco livros organizados, revistas em que a autora publicou alguns textos e os livros que a autora escreveu. Desta seleção, me interessam os livros escritos por Eneida. Quase todos, coleções de ensaios (pós-) críticos que levam o leitor a desconfiança, por se imprimir a cada página o confronto de teorias. A crítica mineira tem berço na Literatura Comparada, logo o exercício comparatista é uma constante.

Não quero aqui abrir mais um arquivo; meu arquivo já foi aberto no segundo capítulo desta dissertação aberto, desta forma, agora remexo numa outra parte, a parte que me levou a iniciar o estudo da vida e obra de Eneida, logo me resta é repensá-lo. Neste momento, tenho a consciência de que o arquivo pode ser entendido, usando as palavras de Eneida, “na linha semântica da existência”<sup>190</sup>. A obra é considerada então como extensão da vida de Eneida e da minha vida.

Da vida de Eneida é porque o *bios* da autora se encontra impregnado a cada página escrita por ela. A cada dia em que escrevo esta dissertação, adquiero mais

---

<sup>190</sup> SOUZA. Ficções impuras, p. 01.

intimidade com tal vida. A vida de Eneida não é um livro aberto, mas ao passo que leio e releio suas obras, o pensamento, a vivência, ficam latentes a cada página. E se faz extensão da minha vida, pois são essas obras que têm movido meu trabalho de pesquisadora, professora, e me convidado a pensar e escrever estas páginas que passam pela minha modelagem/ficcionalização de um corpo biográfico processado pela minha autoria.

A fim de situar o leitor de como será minha seleção literária na discussão das obras que aqui serão abordadas, aviso que farei uma eleição cronológica, mas também afetiva. Explico-me: afetiva, porque ao longo desses anos em que tenho adquirido as obras de Eneida, sempre me detive, e nem sei bem o porquê, em datar cada livro, agora entendo que esta prática pode reforçar a “atmosfera afetiva da memória”, na qual o colecionador/arconte busca manter a ordem e eleição dos objetos que ama. Em um dos últimos ensaios escritos por Eneida, “Retratos pintados: por uma estética da ruptura”, a autora pontua que a atmosfera afetiva da memória é um dos fatores significativos para se entender a prática de leitura e que as mesmas compõem o *bios*.

Porém, por uma questão didática, resolvi dispor a organização deste material afetivo em ordem cronológica. Assim o leitor perceberá, implícita e explicitamente, duas leituras realizadas da minha parte, uma afetiva, aquela que toca a cada releitura, e uma cronológica, sinalizando a ordem em que Eneida foi publicando os livros. Aproveito a ocasião para dizer que pesquisar um autor vivo é um trabalho contínuo, pois Eneida produz muito. Logo, o recorte por obras publicadas somente por ela tem o propósito de afunilar a pesquisa, bem como de organizar os pensamentos da escrita. Peço desculpas, já de antemão, caso alguma obra fique de fora até a defesa deste material. Pode ser que Eneida lance algum outro livro.

Para falar dos livros de Eneida, sinto a necessidade de me deter na questão crítica, por ser uma autora que escreve concomitantemente aos momentos que a crítica literária enfrenta. Achei necessário fazer um apanhado da crítica brasileira nos últimos anos, a fim de contribuir com as leituras que virão.

### 3.1. A crise latina

Defendo a importância de um crítico que saiba transitar por fronteiras culturais e não seja necessariamente especialista em uma cultura nacional, nem procure resgatar esta categoria, nem se situa apenas a partir de um olhar abstrato, teórico, filosófico, sem se relacionar com as obras artísticas, produtos culturais e práticas sociais. Estou ainda interessado no crítico de cultura e de arte não como o especialista em uma linguagem, mas quem cruza fronteiras de linguagens. Não mero escritor de resenhas que descreve, informa o que viu, leu, escutou; mas naquele que dialoga, que tem gosto, opinião, que intervém, que faz apostas.

LOPES. Notas sobre a crítica e paisagens transculturais, p. 21.

A passagem de Denilson Lopes me ajuda a pensar e repensar em muitas questões às quais o crítico está condicionado. O crítico necessita transitar nas fronteiras, saber que os limites epistemológicos são na verdade limites coloniais impostos aos marginalizados, até então, ditos sem voz. O crítico não tem medo de ir além. Tal como postula Lopes, o crítico não é especialista em uma única linguagem. Ele pode ser formado em literatura, mas dialoga com todas as áreas do conhecimento, o crítico é (se não, deveria ser) transdisciplinar, sabe lidar com o que escapa da ordem do acadêmico. Por extensão do crítico, a crítica abarca as mais variadas manifestações do pensamento. Aliás, vejo a crítica como uma extensão do pensamento articulado do crítico. Nesse sentido a passagem de Lopes me direciona a refletir sobre aquilo que chamamos de crítica. E, em especial, naquilo que chamamos de crítica latina, crítica brasileira.

Tenho sinalizado que acho necessário me deter na palavra crítica. Não quero me deter na história da crítica, mas no peso que a palavra carrega e abrir caminho para trazer as obras de Eneida que são essencialmente um exercício de crítica. O fato é que a palavra *crítica* por si só já tem impregnada em si o juízo de valor. Nas palavras de Leyla Perrone-Moisés, no livro *Altas Literaturas*:

Pela própria etimologia da palavra, crítica implica julgamento (*krinein* = julgar). Desde a sua prática autoritária no século XVII, sob a forma de decretos da Academia, passando pelas escolhas já pessoais dos críticos do

século XVIII, até o fim do século XIX, quando ela atingiu a plenitude de seus meios e de seu poder como instituição autônoma, a crítica literária reivindicou e exerceu a função de julgar.<sup>191</sup>

A etimologia da palavra crítica, como aponta Leyla, também contribui para e com essa visada negativa da crítica e do crítico. Ao longo dos séculos essa ideia se incrustou no pensamento de massa como algo ruim, haja vista que obras, independente de sua natureza, precisavam passar pelo aval de pessoas consideradas críticas.

Na literatura, a palavra automaticamente foi direcionada para a avaliação de obras literárias. Segundo Eduardo Coutinho, obras chegavam a pessoas que liam e podiam consagrar ou arruinar uma publicação, sem que levasse em conta a vivência do autor, o momento em que a publicação havia sido escrita, o lócus de onde se originava.<sup>192</sup> Além disso, num primeiro momento não havia outros críticos que dialogassem com a crítica. É por esse histórico ruim que a palavra crítica gerou e ainda gera mal-estar. É nesse momento que a certeza do bom e do ruim dos críticos passa a ser alterada, segundo Perrone-Moisés

Ao longo do século XX, essa certeza foi sendo abalada. No mal estar de um julgamento cada vez mais desprovido de critérios estáveis, a crítica, modesta, contentou-se em explicar os textos ou, científica, pôs-se a analisar. Até a que desconstruíssem, indagando se “o simples projeto de krinein ao pertenceria ao mimetologismo metafísico”.<sup>193</sup>

A crítica que era veiculada em jornais e revistas e que tinha representatividade passa a ser produzida em universidades, apenas por especialistas. De acordo com Eneida, é nesse momento que a crítica literária passa por sua crise. O embate da discussão gerava discussão entre continuar a ser veiculada nos meios de massa, ou sair dele a fim de ganhar um caráter mais científico. A crítica de rodapé deslocou-se de jornais e revistas e passou a ser

<sup>191</sup> PERRONE-MOISÉS. *Altas literaturas*, p. 09.

<sup>192</sup> C.f. COUTINHO. *Criação e crítica*. p. 137.

<sup>193</sup> PERRONE-MOISÉS. *Altas literaturas*, p. 09.

executada nas universidades com o objetivo de tornar a literatura e a crítica literária mais científica. E assim se restringiu. Bem como a discussão que nesse momento passava pelas noções de *original* e *novo*.

Partindo de pressupostos de literariedade e permanência, percebe-se a crítica estava alentada numa perspectiva canônica ocidental, ou seja, a crítica passou de avaliadora para validadora de padrões estéticos, não mensuráveis, implicados na detenção de poder. O etnocentrismo estava instaurado. Olhos voltados para o norte causaram dependência financeira, cultural, material e moral. A tentativa de atualização foi tão discutível como problemática.

No Brasil, as questões críticas tiveram mais destaque no ano de 1977, quando houve o “IV Encontro Nacional de Professores de Literatura”, no Rio de Janeiro. Nesse encontro, os professores estavam centrados na discussão dos problemas da crítica frente às teorias e os métodos de análise literária. Numa perspectiva mais geral, os professores estavam divididos por universidades, cada uma a sua maneira:

[...] nessa programação, os trabalhos realizados pela USP, divididos entre a abordagem sociológica da literatura, a sistematização de um pensamento crítico brasileiro e a recuperação de fontes primárias, através do estabelecimento de edições críticas; na PUC do Rio de Janeiro, teses pautadas pelo enfoque estruturalista de natureza antropológica, psicanalítica e sociológica, e de reflexões filosóficas ligadas à desconstrução, de Jacques Derrida, e à crise do saber, de Michel Foucault; na UFRJ, trabalhos teóricos marcados por indagações filosóficas e pela visão ontológica do literário; na UFRGS e na PUC/RGS, pesquisas sobre a revisão da crítica brasileira e da literatura gaúcha, com tendências metodológicas centradas na relação entre literatura e história, sem contudo se prenderem a métodos específicos de abordagem crítica.<sup>194</sup>

As divisões geraram discussões; aqueles mais conservadores pontuavam que a literatura estava sendo morta, bem como que a crítica estava sendo banalizada. Do ponto de vista da produção e da recepção desses conceitos operatórios, deve-se levar em conta a posição da cultura latino-americana frente à modernidade

---

<sup>194</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 15.

instaurada nos países hegemônicos, especialmente considerada como periférica e, temporalmente, como tardia.

Foi só na década 1990 que a crítica literária muda o enfoque. Nesse momento passa-se a discutir as questões de maneira mais lúcida, o exercício da memória passa a ser utilizado como resgate para o amadurecimento de ideias e há uma ampliação no olhar da crítica em relação aos textos. A abertura ao campo interdisciplinar permite tal articulação.

### 3.1.1. Um exercício crítico: a (pós-)crítica como sensibilidade biogeográfica

O desejo de tornar o campo teórico da literatura um discurso sem fronteiras, me fez optar pela abertura interdisciplinar e pela transformação desse discurso numa forma de intervenção cultural, com vistas a contribuir para a compreensão dos acontecimentos que ocupam a nossa vida contemporânea. Na tentativa de melhor compreender o discurso crítico praticado nos trópicos, tenho me dedicado à sua sistematização, tarefa que exige o acompanhamento contínuo das teorias em curso, não só no campo da crítica literária e cultural, como de outras disciplinas.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 129.

Citado nas páginas anteriores, *pós-crítica* nos leva a refletir num momento outro. Já dadas aqui algumas ponderações sobre este momento outro, sou convidada a (re)pensar no termo *pós-crítica* a fim de contribuir com o discurso contemporâneo, bem como tentar entender os acontecimentos da vida contemporânea, a partir do olhar da crítica literária e cultural. A epígrafe acima é uma das que me permitiu articular este pensar *pós-criticamente*, pois a abertura do campo literário-cultural dá espaço para que possamos pensar biogeograficamente.

Quando penso em *pós-crítico*, faço referência direta ao livro memorial *Tempo de pós-crítica* (2007), da autora, e que me permitiu pensar criticamente neste capítulo. O termo *pós-crítica*, uma constante aqui, me ajuda a entender melhor o estilo de crítica desenvolvida por Eneida na contemporaneidade, bem como de outros pensadores latinos. Logo, será a partir deste termo que discorrerei o terceiro capítulo.

Já mencionado no primeiro capítulo, juntamente com a explicação de Eneida Maria de Souza, o termo *pós-crítica* tem como função estabelecer a relação de pensar além de, refletir as teorias para além dos modelos em que as mesmas vêm engessadas. Nesta tentativa de repensar o olhar crítico ou o campo de crítico de outras teorias, não vi outra saída que não a de expor as discussões tecidas por Eneida.

A intenção, ao discorrer a partir dessas obras de Eneida, é também trazer ao escopo da minha discussão outros pensadores latinos com os quais ela dialoga e colocar numa visada comparatista essas conversas reflexivas e pensá-las como uma prática necessária ao meio teórico-crítico tanto da literatura como fora dela. Nesse sentido, o termo pós-crítica ganha não um significado, mas um cunho prático, no sentido de se sustentar pelo exercício da reflexão crítica.

Estabelecer um pensamento pós-crítico significa dialogar e abrir a crítica ao debate, seja ele literário ou não, corroborando o pensamento de Eneida sobre a compreensão dos acontecimentos. Principalmente no que diz respeito ao diálogo crítico desenvolvido nos trópicos, bem como as amizades que circundam tal pensamento.

Para se refletir sobre tal termo, Eneida conversa explicitamente com autores contemporâneos latinos que dão mote para que a mesma disserte sobre alguns temas. Chamar o autor para a discussão, além de abrir a crítica ao debate, permite que o leitor amplie seu olhar.

A palavra pós-crítica surge com a publicação do livro *Tempo de pós-crítica* no ano 1994. Por ocasião da escrita, a autora comenta que o mesmo foi escrito em dezembro 1991, ano que Eneida apresenta seu memorial de concurso para Professor Titular de Teoria da Literatura da UFMG. Nas palavras da crítica, tal livro se constitui uma reflexão que não se limita a experiência teórica e acadêmica da autora e que ultrapassa o território da ordem pessoal e as particularidades da instituição.<sup>195</sup>

O livro foi republicado em 2007, com ensaios mais recentes e o texto “Algumas palavras desnecessárias”, de Silviano Santiago. Tanto na primeira, como

---

<sup>195</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 11.

na segunda publicação, o projeto crítico foi o mesmo, o que mudou no processo da reescrita e garimpo do texto foram algumas considerações. Nas palavras dela “A revisão dos originais se pautou pela exclusão de informações dotadas de caráter factual e de interesse restrito, com o objetivo de selecionar o que de mais significativo representou o registro da memória.”<sup>196</sup> É a esse tipo de revisão crítica que chamo de pós-crítica, porque entendo que ao revisitar seus escritos a autora dá novo fôlego ao que fora pensado.

Alguns textos depois foram remexidos, repensados e republicados em outros livros e tais republicações já configuram um exercício crítico maduro e profícuo de Eneida frente a problemáticas tão divergentes sobre a importância, papel e lugar da literatura. De acordo com a autora:

A revisão desse trajeto continua a ser realizada com a ajuda de novas propostas de interpretação do texto literário, que se modificam dia após dia. Diante da revitalização da crítica comparada e cultural nas academias brasileiras e estrangeiras, torna-se cada vez mais urgente o exercício de sistematização do pensamento crítico nacional.<sup>197</sup>

Pelo exercício da memória, Eneida quis e contribuiu com o exercício da crítica, a partir de uma visada analítica, mas também do mesmo posicionamento desconfiado que deu início a sua carreira acadêmica; as páginas impressas da obra possibilitaram àqueles que leram a reflexão crítica do pensamento e engessamento acadêmicos.

Para Eneida não fazia sentido amenizar os problemas, era necessário enfrentá-los, sem meias palavras, mas com bom senso e partindo do papel político de professora que ocuparia o cargo de emérita na UFMG. Daí justificar a revitalização da crítica, no sentido de contribuição àquilo que causa desconforto aos teóricos, mas que na busca de resolver tais inquietações simplesmente se faz(ia) uma divisão entre teóricos tradicionais e não tradicionais, canônicos e não canônicos

---

<sup>196</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 07.

<sup>197</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 11.

e por aí afora, como se as leituras jamais evoluíssem. É neste sentido que se dá a singularidade de Eneida, pois a crítica não vira as costas para a dificuldade, enquanto fomentadora de opinião. No papel de professora, Eneida aponta que:

Rotular de modismo teoria ou métodos analíticos é um comportamento avesso da crítica ao experimentalismo e à dificuldade. Passar pela experiência do estruturalismo não se restringe à metodologia empregada, nem se apoia na utilização de um aparato teórico sofisticado e de pouco rendimento interpretativo.<sup>198</sup>

O que Eneida quer dizer é que a utilização de conceitos não pode servir de salvação para ninguém, muito menos que não se deve utilizar conceitos, pois ao generalizar tal pensamento como fizeram muitos estudiosos, não há ganho intelectual. A ruptura conceitual permite a abertura e sistematização de teorias. É a aproximação de teorias, para o distanciamento do sujeito.

Neste sentido, entendo que *tempo de pós-crítica* é recolocar-se enquanto sujeito de um local e tempo devidos a fim de ponderar sobre os pontos positivos e negativos de determinada abordagem textual, teórica e conceitual. Significa realizar um processo de transculturação. No sentido de não fazer de teorias, culturas, uma simples mudança de lócus, já que cada um exerce sua singularidade.

A questão pós-crítica não só aborda as discussões de um lócus de enunciação particular, no caso a América Latina sob olhar fronteiro, mas um discurso marginal. O que difere em parte do discurso daquele que não tem voz. Considero todas as manifestações que busquem repensar o modo colonial a que se foi imposto como pós-crítica.

Logo pós-crítica, direta ou indiretamente, se assemelha ao termo pós-colonial, que venho discorrendo desde o início desta dissertação. Coincidência ou não, a partícula *pós* para ambos os termos nos permite rearticular discursivamente o pensamento hegemônico.

---

<sup>198</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 11-12.

Isso porque, ao passo que o termo pós-ocidental articula pensamentos da ordem geográfico-espacial, bem como de marginalização no lócus latino americano, a pós-crítica relaciona pensamentos de ordem intertextual, interdisciplinar ou transdisciplinar, além de questões de ordem biográfica, autobiográfica e principalmente aquelas de ordem crítico-biográficas. Portanto, assemelha-se a discussão pós-ocidental por também abarcar os pensamentos locais, pós-coloniais/ocidentais, por abarcar os discursos de fronteira.

No que diz respeito ao que se assemelha ser pós, lembro-me das palavra de Walter Mignolo ao falar de bilinguajamento. Já falei deste termo ao longo da dissertação e, ao escrever sobre crítica, não poderia me esquecer do tópico em que Mignolo aborda “Linguajamento, educação e pensamento crítico”, no livro *Histórias locais/ Projetos globais*. A ideia de Mignolo parte dos pressupostos de Paulo Freire sobre a noção de “pensamento dialógico”. Freire destaca que o pensamento dialógico é importante porque nos permite pensar *com* ao invés de pensar *sobre* ou *por* algo/alguém. Nas palavras de Mignolo,

Seu pensamento dialógico é mais do que um conceito analítico: também significa ação e libertação. Libertação de quê? pode-se perguntar. Da opressão social e econômica, mas também e sobretudo da colonização intelectual: não a emancipação universal “deles”, como no projeto iluminista, mas seu complemento, “libertação” da colonialidade, o lado mais sombrio da modernidade.<sup>199</sup>

Para Mignolo o bilinguajamento proposto por ele trata-se de uma extensão do pensamento dialógico de Paulo Freire, porque tais pensamentos permitem reformular as culturas, enquanto práticas a serem realizadas, e é nesse sentido que aproximo o conceito de pós-crítica ao de pós-ocidental, mais especificamente de bilinguajamento. Antes de pensarmos em bilinguajamento propriamente dito, a conversa do autor argentino leva o leitor ao conceito de pensamento outro (*une pensée autre*, de Abdelkebir Khatibi), também já discutida por mim nesta

---

<sup>199</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 360.

dissertação, retomada agora para estabelecer o diálogo profícuo que o tema merece, em que pensamento outro situa a inserção da racionalidade ocidental e seu exterior. Ao considerar tais premissas integradas, pensa-se em uma dupla crítica. nas palavras de Mignolo:

Se o pensamento dialógico de Freire envolve a literalidade e caminha para a conscientização como forma de libertação, a dupla crítica de Khatibi busca a descolonização intelectual e acadêmica. É um terceiro lugar, uma terceira palavra, que é também um desligamento de razão ocidental e uma crítica de sua adaptação à *sociologie* do Maghreb.<sup>200</sup>

A dupla crítica pensada aqui só se dá se colocada numa situação de bilinguajamento. O conceito de Khatibi não é suficiente para pensar a América Latina, quiçá o Brasil. Talvez, nem o conceito de Mignolo seja suficiente para se pensar no Brasil (mesmo que eu o continue usando), mas a voz de Eneida que aqui ecoa, neste terceiro lugar como pontua Mignolo, ou como um não lugar, do qual fala Silviano Santiago, possibilita o convite ao pensar do qual venho falando desde o início desta dissertação, pois ao dialogar o pensamento com o leitor, Eneida nega as teorias hegemônicas e caminha por entre as teorias de fronteira, pelas teorias sem disciplina e isso

**representa** a inevitável inscrição das heranças coloniais que deslocam a desconstrução da metafísica ocidental, de seus limites para um esforço descolonizador: a desconstrução torna-se descolonização no espaço fraturado do bilinguismo e do bilinguajamento.<sup>201</sup>

É desse lugar fraturado que a minha fala vem ao encontro da fala de Mignolo e que o pensamento descolonial me ajuda a pensar no termo pós-crítica, dialogando com o termo biogeográfico. Entendo que o termo pós-crítica advém da literatura, já que nasce da crítica literária, mas não pode ser como que exclusivamente literário, já que não altera somente o pensamento literário-cultural.

---

<sup>200</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 361.

<sup>201</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 361.(grifo meu)

Encaro o termo pós-crítica como um misto de repensares sociais a que estamos acometidos na contemporaneidade, ou melhor, não só na contemporaneidade, o termo pode ser considerado atemporal, pois o ato de repensar permite que o meu eu seja reinventado ao passo que teorias outras, pensamentos outros, adentrem o meu lócus de experimentação crítica e me permita rever aquilo dado como pensamento único. Logo a maleabilidade que o termo por si só tem me ajuda a rever as discussões críticas a serem repensadas tanto no escopo literário como fora dele.

Por tudo isso, ao me referir a biogeografia, não faço alusão a mais um termo; penso-o, tal como pós-crítica, como um exercício e como uma extensão do termo pós-crítico, pois ao me referir a biogeografia abarco o *bios* e o lugar dos sujeitos, ou melhor o lugar de pensamentos erigidos de cada sujeito. No sentido de que o resgate e recuperação das memórias na contemporaneidade em sua rearticulação pós-crítica contribui com o processo de desenvolvimento dos sujeitos. Reavivando assim articulações esquecidas pelo pensamento moderno hegemônico.

Pensar em biogeografia implica em pensar nas vidas que estão detrás da crítica e principalmente nos locais de onde elas surgem. O *bio* surge da crítica biográfica e o termo *geografia* vem por influência da crítica pós-ocidental. Os lugares de onde falamos e o pensamento que erigimos. É a relação já previamente estabelecida entre o pós-crítica e o pós-ocidental. A fusão destes pós que me permite, falando da América Latina, pensar sobre as articulações teóricas desenvolvidas aqui, especificamente no que concerne a Eneida e os livros que aqui quero destacar.

Os ensaios escritos pela autora não carregam muitas citações, ao logo das leituras, o leitor passa a perceber com quem a intelectual dialoga, são carregados de

discussões que fazem parte de uma leitura apurada sobre aquilo produzido aqui, fora daqui. Costumo pensar que Eneida ruma aquilo que lê. Me lembro aqui da metáfora do bucho ruminante de Machado de Assis, em que a literatura e por extensão seu críticos estão sempre retomando os conceitos. Detém-se nos termos em diversos ensaios, seja para elucidar, para continuar o pensamento, para *linkar*, ou mesmo para deixar questionamentos implícitos ao leitor. Dessa forma, biogeografia é uma extensão da técnica escrita desenvolvida por Eneida enquanto crítica.

Penso também que biogeografia sob o viés da pós-crítica me permite reorganizar os saberes adversos que se encontram em determinada região a fim de contribuir com o pensamento pós-ocidental e com vistas a avançar tal pensamento. Tanto no que diz respeito à literatura, como à cultura. Biogeografia também pode ser considerada como impressão que temos dos locais dos quais circundam o pensamento anti-hegemônico. Pode ser considerado o resgate que se faz da memória cultural na contemporaneidade, a fim de nos ajudar a repensar conceitos mal empregados, mal desenvolvidos, ou simplesmente esquecidos na modernidade, ou pela crítica.

Estabelecido este pacto com o leitor, de que a tentativa de leitura aplicada aqui se dá numa mirada pós-crítica, pós-ocidental, biogeográfica, nas páginas que seguem vou trabalhar as obras de Eneida, tal como já pontuei acima, também buscando evidenciar a mirada pós-crítica estabelecida por ela, no que diz respeito às suas obras. Desta forma, os livros a serem lidos pós-criticamente são:

*Traço crítico: ensaios* (1993);

*Tempo de pós-crítica* – 1 edição (1994);

*Austran Dourado* (1996);

*A pedra mágica do discurso* – 1ª edição (1998);

*A pedra mágica do discurso* – 2ª edição (1999);

*O século de Borges* – 1ª edição (1999);

*Crítica cult* (2002);

*Pedro Nava, o risco da memória* (2004);

*Tempo de pós-crítica: ensaios* – 2ª edição (2007);

*O século de Borges* – 2ª edição (2009);

*Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica.* (2011).

### 3.2. Das pesquisas às dedicatórias: *Traço crítico*

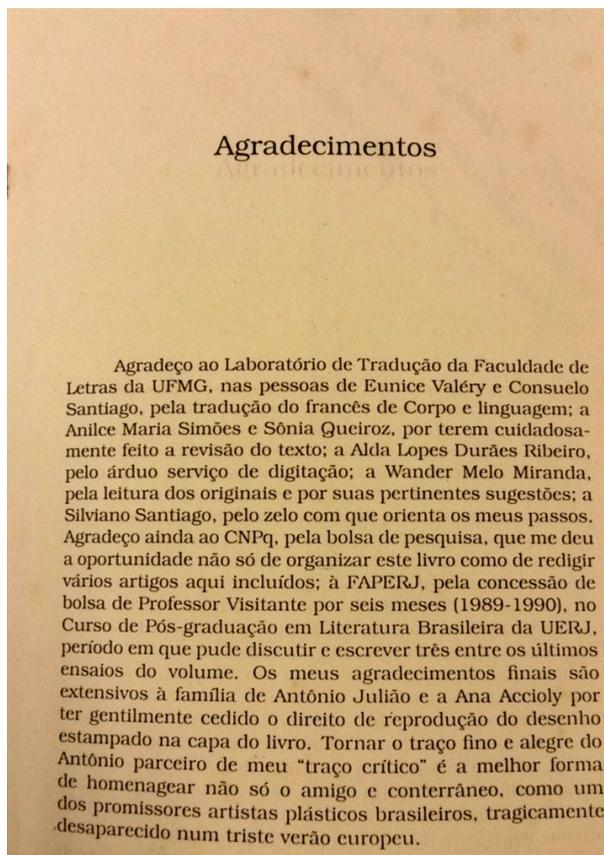


Figura 08: Página de agradecimento do livro  
Fonte: acervo pessoal

Trago o agradecimento de Eneida aos amigos aqui, no início, porque este livro é marcado de agradecimentos, dedicatórias e afins. Isso me marcou, não antes, me marcou na releitura. Este livro poderia ser uma extensão do meu segundo capítulo, e é um pouco. Mas pela didática, pela ordem de escrita a que estou condicionada para defender este trabalho, o mesmo só aparece aqui.

Adquiri esta obra em 2013; me lembro de que estava me preparando para um dos eventos do NECC, quando o professor sugeriu (mais uma vez <sup>202</sup>) que eu comprasse o livro. Tivemos a ideia de escrever um artigo comparatista entre os textos de Borges, Silvano e Eneida, que depois apresentei e gerou bastante discussão.

---

<sup>202</sup> Nessa época eu não tinha bolsa PIBIC, o que eu tinha era uma bolsa de extensão, com valor abaixo da bolsa de iniciação científica, era necessário privilegiar o que comprar.

Mais uma vez a leitura foi rasa, até mesmo pelo meu tempo de pesquisa; hoje o olhar é outro. Nas primeiras leituras; fiz uma leitura de reconhecimento, de entendimento e busca de compreender e digerir o que falava Eneida. Já em minhas últimas releituras, tracei diálogos que antes eu não enxergava.

A começar pela última página do livro, os agradecimentos, que revelam um pouco da história da obra. Antes de falar de tais agradecimentos, que abrir um parêntese para explicar que o livro foi a primeira obra escrita por Eneida e publicada “individualmente”<sup>203</sup>. Segundo a autora, *Traço crítico* reúne “escritos esparsos publicados aqui e ali ao longo dos últimos dez anos”<sup>204</sup>; dessa forma, Eneida junta vários ensaios publicados por ela, ao longo dos anos iniciais de sua carreira, e pública tal obra, que está dividida em três blocos, como ela prefere chamar. Cada bloco corresponde a um momento de inquietude vivenciado por ela, assim intitulados: “Grifos no sujeito”; “Riscos do Corpo” e “Grafias do Desejo”.

Cada uma das partes, como disse, está focada num propósito. A primeira, por exemplo. (Grifos no sujeito), diz respeito a discussões de ordem epistemológica e reflexiva sobre as teorias contemporâneas. A discussão proposta por Eneida nos leva a refletir sobre as questões de interdisciplinaridade. São os primeiros passos dados por Eneida a fim de discutir sobre uma visada extraliterária e a fronteira epistemológica entre as disciplinas acadêmicas. Nesta parte, Eneida enfoca no sujeito enquanto reproduzidor dos saberes; elenca aqui também a mudança de linguagem da crítica e como isso se dá na academia. Faz crítica a autores “fechados” no pensamento eurocêntrico e dá um salto inicial como crítica fronteiriça, se preocupando com as teorias que ficam a reboque da literatura.

---

<sup>203</sup> Ao longo do texto, veremos que Eneida contou com a ajuda de muitos amigos.

<sup>204</sup> SOUZA. *Traço crítico*, s.p.

Desta parte, a que mais gosto é o primeiro ensaio, que Eneida escreve sobre o papel do crítico frente a abertura disciplinar, bem como sobre a linguagem trabalhada pelos “novos escritores”, a qual ela acredita que deve ser revitalizada, mas que muitos autores julgam ser menor. Neste texto, intitulado “Querelas da crítica”, Eneida busca mostrar como a linguagem ensaística pode ser profícua para o discurso acadêmico.

Eneida coloca em diálogo vários intelectuais da literatura que, segundo ela, “sentiam-se na obrigação de decidir sobre os destinos da crítica”<sup>205</sup> e que na tentativa de acertar o discurso brasileiro acabou por se tornar incompreensível, já que o discurso acadêmico passa por uma roupagem metalingüística estritamente científico. Daí a necessidade de colocar em discussão autores como Merquior, Marilena Chauí, Schwarz, Flora Süssekind, entre outros que vão abordar o tema do discurso crítico do Brasil, bem como a abertura ao mesmo que, de acordo com Eneida, é mais eficaz, já que um discurso rebuscado não faz da crítica melhor. No último trecho do ensaio, Eneida escreve:

Ou o que é pior: recheiar o discurso crítico com uma retórica metalingüística só tende a tornar a linguagem rebuscada e de mau gosto, como se verifica em vários textos que o crítico, ao abusar das metáforas, as esvazia de sentido [...]

O discurso analítico contemporâneo, uma vez desvencilhado do hermetismo que o caracterizou nas décadas anteriores e da “literatice” frequente nos dias atuais, conseguiu se impor de forma mais eficaz e compreensiva, ao reunir a tradição acadêmica com o traço ensaístico.<sup>206</sup>

Em resposta, ao texto “desaforado” de Eneida, Luiz Costa Lima, ex-professor da autora, escreve uma carta endereçada a ela, comentando sobre o artigo que havia sido publicado na revista *Fahrenheit 451* discordando de alguns pontos do texto da autora. A carta em si, não me tocou tanto. O que me chama a atenção é o fato de Eneida a publicar no mesmo livro, logo ao fim, como nota de rodapé, e com

---

<sup>205</sup> SOUZA. *Traço crítico*. p.01.

<sup>206</sup> SOUZA. *Traço crítico*, p. 09.

as seguintes palavras: “Por acreditar no diálogo acadêmico como forma de maturidade e enriquecimento intelectuais, transcrevo parte da carta referente ao artigo”. Para mim isso só pode ser chamado de crítica. O diálogo aberto revela o que foi escrito no ensaio publicado por Eneida, foi posto em exercício com a publicação da carta.

A segunda parte do livro (Riscos do corpo) é mais curta. E talvez seja a parte que mais gosto. Não sei, fico em dúvida entre a terceira parte também. Enfim, neste momento do livro, a crítica brasileira se desdobra a interpretar textos literários. Esse exercício de interpretação é muito praticado pela escritora, em quase todas as suas obras, mas, nesse livro em especial, vejo uma sensibilidade maior. Por esta razão me sinto tão tocada.

Nesta parte, o ensaio que mais me chama atenção é o ensaio “Corpo e linguagem”. O motivo parece bobo, mas para mim fez uma diferença tremenda. Na graduação, a minha professora de literatura infanto-juvenil pediu para que fizéssemos uma análise das várias versões de uma obra infantil. A mim coube a história da Chapeuzinho Vermelho. Fiz o trabalho, apresentei em sala. Algum tempo depois, quando retomei a leitura do livro *Traço crítico*, no ensaio em questão Eneida faz uma abordagem das versões de *Chapeuzinho Vermelho*.

O que me chamou atenção é que a minha leitura privilegiou histórias diferentes das analisadas por Eneida e como Eneida fazia uma abordagem crítica de um texto literário sem colocar estigmas valorativos. Pela primeira vez, o texto de Eneida me fez aprender sozinha e a rever como a minha escrita poderia melhorar com o aprimoramento da leitura.

Por fim, a terceira parte do livro (Grafias do desejo), também marca meu exercício de leitura. Um texto importante para mim é “Borges, autor das Mil e Uma

Noites”, que (in)diretamente vai dialogar com o texto de Silviano Santiago “Eça, autor de Madame Bovary”. No ensaio Eneida cria um imaginário para Borges a partir da leitura que faz do conto “Pierre Menard, autor do Quixote” (com o qual o diálogo é fundamental) e nele os dados crítico biográficos aparecem com maior enfoque já que pelo texto Eneida consegue delinear o perfil de Borges pelo texto e também pela historicização da vida do autor que ela tece no início do ensaio. Ainda no começo de uma escrita crítico-biográfica, o texto já conta com a leveza ensaística de Eneida e num jogo de realidade e ficção, a autora leva o leitor a viajar pela vida de Borges e pela biblioteca de Menard e também a refletir sobre a reduplicação de vidas que acontece ao longo dos textos já citados e do próprio texto de Eneida.

Outro ponto importante é que Souza, com essa escrita, retoma a discussão do plágio, que já teve uma pequena discussão em *A pedra mágica do discurso*, mas com outra roupagem, porque ela não está preocupada em discutir a teoria nua e crua. Com o conto de Borges, Eneida vai ilustrando a discussão já embasada na crítica biográfica. Ou seja, sem se importar com o que é da ordem do real ou da ficção, porque a escrita permite essa discussão metaforizada, tal qual como encontramos no conto de Borges ou de Santiago. Vale lembrar que Borges vai ser, posteriormente, objeto de estudo aprofundado de Souza, no qual origina a publicação do livro *O século de Borges* (2009) De modo que o ensaio sobre o qual comentamos é só o início da discussão travada por Souza sobre o autor argentino.

Acredito que nos ensaios que compõem esta parte do livro, Eneida Maria de Souza realiza os primeiros exercícios de crítica biográfica. Porque, nestes textos, a autora busca mostrar o limite tênue entre a literatura e outros discursos, entre texto e autor, entre ficção e ensaio, já repensando o “papel” da Literatura. Mas nesse momento Eneida ainda fala em autobiografia. Nas palavras dela:

A dicção ensaística desses textos se filia a uma estrutura alegórica, fragmentária e experimental, em que os conceitos se produzem pela força das imagens: a verdade se ficcionaliza e os valores se relativizam. Na esteira do ensaio biográfico, esboça-se o *possível* enlace entre vida e obra do escritor, em que aspecto autoral se impõe como inscrição e marca na escrita.<sup>207</sup>

Este trecho, que se encontra na apresentação feita por Eneida no início do livro, revela ainda o primeiro passo que Eneida dá em direção à crítica biográfica. A palavra “possível” marca esse momento e direciona as leituras seguintes para a sistematização da teoria da crítica biográfica. Os escritos deste livro me ajudaram a entender a trajetória percorrida por Eneida e também fizeram entender que as relações da academia não se dão sem parceria.

O leitor lembra-se de que eu estava falando sobre os agradecimentos no início deste subtítulo? Esses agradecimentos me chamaram atenção, bem como as dedicatórias que constam nos textos me levaram a perceber que desde a publicação deste primeiro livro, Eneida estabelece parcerias importantes para a consolidação de seu projeto intelectual.

Como não poderia deixar de ser, Silviano está presente desde o início. É ele quem escreve a contracapa do livro. Transcrevo:

Eneida Maria de Souza pertence à geração de intelectuais formados em Letras pela PUC-RJ, por isso não tem o direito de excluir das páginas iniciais de sua reflexão crítica a questão “estruturalismo”. Questão inicial e iniciatória, proposta sob a forma de aprendizado com os mestres brasileiros (Mestrado) e franceses (Doutorado). Questão também trampolim para a sua própria e singular aventura profissional em Minas Gerais e que serve de argumento para um desvio e caminho original, inspiradora que a questão foi de uma busca, nos quadros da Universidade brasileira, de aprimoramento e afirmação, de rigor e liberdade, de libertação e construção, de ceticismo e alegria, no trato das coisas artísticas e do corpo, ambas em trânsito pelo regime ditatorial. O traço crítico que Eneida propõe neste livro, além de ser o do cordão umbilical de que falamos, traduz inquietações de uma cabeça treinada para o diálogo com a literatura através de reconhecimento de que esta se insere no campo mais vasto das ciências humanas.<sup>208</sup>

As palavras de Silviano Santiago vêm como em coroação a essa primeira grande publicação de Eneida, como também traduzem a amizade construída por

<sup>207</sup> SOUZA. *Traço crítico*, s.p. (Grifo meu)

<sup>208</sup> SANTIAGO *apud* SOUZA. *Traço crítico*, contracapa do livro.

eles e a aproximação que os levam a debates contundentes no exercício quase pós-crítico. Como Silviano destaca, o estruturalismo não poderia deixar de existir na escrita da autora mineira, porque não se pode apagar os rastros de estudos de um autor.

A gratidão de Eneida passa por Silviano e se estende a todos os outros amigos que a ajudaram na publicação do livro. Aos que traduziram, aos que revisaram o texto, a Silviano, pela orientação. Ao CNPq, que viabilizou financeiramente a produção do livro e outros artigos, a Antônio Julião e a Ana Accioly que fizeram a capa do livro.

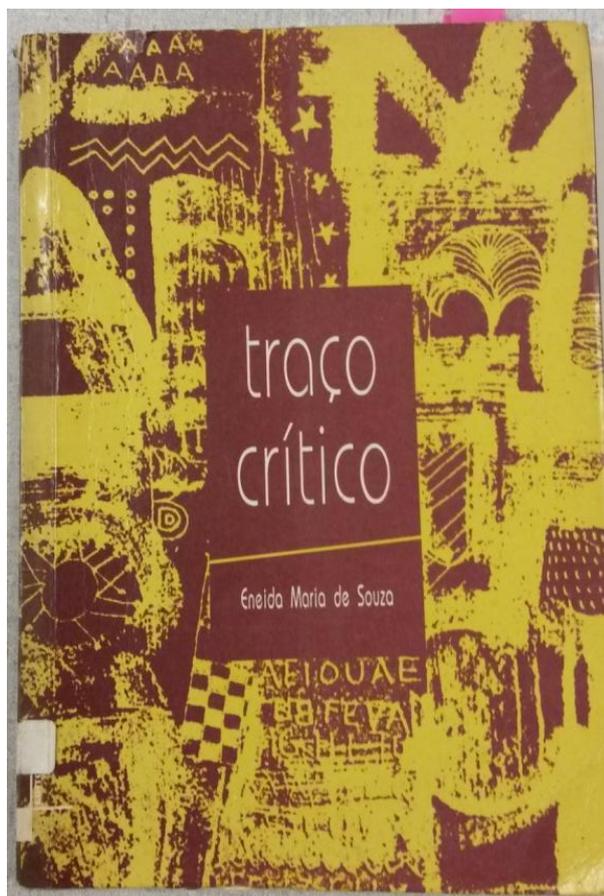


Figura 09: Capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

O trabalho do artista Antonio Julião é não só importante porque diz respeito à capa dessa primeira obra de Eneida, como revela na escrita dos agradecimentos a tristeza pela morte do amigo. Neste momento, Eneida presta uma singela

homenagem ao amigo que, como pontua ela, desapareceu num triste verão europeu, lembrando-o e assinalando que esta obra também passa as mãos do artista.

Sobre as dedicatórias, elas também revelam a gratidão de Eneida pelos amigos, alunos, professores que a permitiram encontrar reflexões para as dúvidas que encontrou no meio do caminho. *Traço crítico* é esse misto de trabalhos e de sentimentos que envolvem o leitor e o levam a ser fiel a Eneida.

### 3.3. Das minas da ficção ao coração: *Autran Dourado*

Eu sempre procurei pensar a minha obra. Não somente pensar os grandes problemas do homem através dos meus romances, mas pensar e repensar a minha própria obra, analisá-la e mostrar como eu a concebo e faço. Em um país como o Brasil, ainda bastante atrasado, o romancista, o poeta e o romancista não têm apenas de fazer a mágica, mas de explicar o truque.

DOURADO *apud* SOUZA. *Autran Dourado*. p. 41.

Eu não conhecia Autran Dourado, mas lendo este pedaço de sua obra consigo entender o porquê Eneida se interessou pela vida dele durante a pesquisa de mestrado. Conhecendo Eneida pelas obras lidas, percebi que o fato de autor ter um projeto literário, muda o olhar que ela imprime sobre o mesmo.

Autran Dourado foi um romancista incrível que se preocupou em tratar dos problemas humanos literariamente. Dessa forma, não haveria como Eneida realizar um trabalho que não fosse biográfico. Autran deixa suas impressões claras e ao passo que faz isso também explica sua obras, por isso fala que não basta o mágico realizar o truque, mas explicá-lo, pois um país como o Brasil ainda é um país de escritores medíocres. Pois de acordo com ele, o Brasil ainda só enxerga os grandes escritores.

Escrever para mim é essa luta surda com a palavras, essa luta permanente para, através da palavra, encontrar a forma. Mas esse sofrimento não quer dizer nada. O escritor medíocre tem o mesmo sofrimento e o mesmo trabalho de um grande escritor, só que não é grande escritor. Isso é que entristece, mas a gente só vem a saber disso quando não tem mais jeito.<sup>209</sup>

O que percebo que é o discurso de Dourado já na época em que escreve é de cunho libertador, com vistas a renegar o olhar colonizador. O lócus de enunciação migrante pode ter surgido aí, pois em consonância ao que fala a autora mineira sobre tal conceito explanado no primeiro capítulo, Autran tece comentários assertivos sobre questões de língua, linguagem

Eu sou fruto da língua e da linguagem, tanto que sem a linguagem eu não consigo conceber, não consigo escrever. A minha pátria é a minha língua, sem ela sou um desgarrado. Eu não consigo entender como pôde um

---

<sup>209</sup> DOURADO *apud* SOUZA. *Autran Dourado*. p. 41.

escritor como Samuel Beckett, a certa altura de sua vida e de sua obra, virar um escritor francês. Há outro caso de um escritor que muito admiro, Conrad, que sendo polonês, estreou como escritor inglês. Mas são casos diversos, não sei como aproximá-los, tão diferentes que me parecem.<sup>210</sup>

A crítica de Dourado vai ensinar Eneida a olhar para a literatura. As citações acima escolhidas além de dialogarem com o pensamento de Eneida, bem como o pensamento pós-ocidental, compõem o livro organizado por Eneida sobre a vida de Autran Dourado. Mesmo sob o título de “organizado”, escolhi trazer o livro porque, de fato o livro é de Eneida, mas é “organizado” porque há escritos de Autran. Eneida selecionou alguns dos textos do autor para agregar a sua obra, bem como traz neste livro um material iconográfico cronológico com momentos que marcaram a vida do autor, escrevendo assim uma biografia crítica do autor.

O livro do qual falo aqui me ajudou também a construir amizade por Autran. A saber, eu não o tenho mais, me lembro que comprei durante as disciplinas que cursei do mestrado e emprestei para alguém. Até hoje não me devolveram.<sup>211</sup> Na verdade trata-se de uma coleção realizada pelo Acervo de Escritores Mineiros, um grupo que busca manter viva a memória cultural de Minas Gerais. Eneida, claro, compõe parte do grupo que me ajudou muito na pesquisa desta vida. O Acervo de Escritores Mineiros além de ser um grupo que busca manter viva a memória cultural dos mineiros, ensina a manter viva a memória cultural latina. Sistematizando obras, vidas, organizando encontros, mantendo viva a memória daqueles que contribuíram com a literatura brasileira.

---

<sup>210</sup> DOURADO *apud* SOUZA. *Autran Dourado*. p. 48.

<sup>211</sup> O subtítulo foi escrito graças ao meu orientador que me cedeu seu livro para que eu pudesse terminar a dissertação.

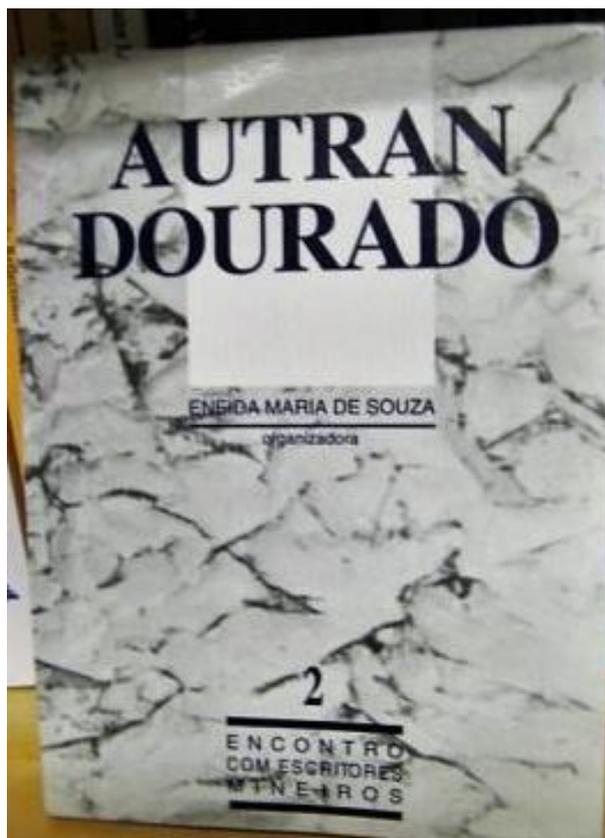


Figura 10: foto da capa do livro *Autran Dourado*

Fonte: <http://www.zvab.com/Autran-Dourado-Encontro-Escritores-Mineiros-Souza/16794760252/buch#&gid=1&pid=1>

Assim, sob o título de *Autran Dourado* (1996), Eneida expressa toda sua gratidão ao autor mineiro. Afinidades conterrâneas, gosto pelas palavras, escrita que segue o traço da oralidade, a amizade instaurada entre estas duas vidas não poderia ser inscrita na Literatura de outra forma. As homenagens feitas por Eneida a Autran só reforçam aquilo que chamo de admiração, de gratidão pela vida de outrem.

Consciente do sacrifício que a profissão lhe impõe, ao exigir dedicação total às imaginações e ao ofício da escrita, Autran Dourado é um dos poucos autores da atualidade que ainda defendem a necessidade de uma sólida formação literária e cultural para se tornar um bom escritor. Sua linguagem ao traduzir o paciente e cuidadoso aprendizado adquirido pela leitura dos clássicos, consegue reunir os traços de oralidade próprios da língua coloquial com a mais sofisticada e criativa construção de seu texto.<sup>212</sup>

<sup>212</sup> SOUZA. *Autran Dourado*. p. 13.

A composição de um exercício de crítica biográfica do autor me leva a pensar no meu papel de arconte da vida de Eneida, e, por conseguinte de Autran. O livro foi dedicado ao autor por ocasião de seus 70 anos, tal como Eneida sinaliza logo no início do texto. A dedicatória ao autor sinaliza a importância que este tem na vida da mineira.

O ensaio de Eneida, intitulado “As minas douradas da ficção” revelam a pesquisa da trajetória da carreira literária de Autran. Chamou-me atenção de início a forma como Eneida escreveu este ensaio. Porque no fundo é um misto daquilo que tento realizar neste terceiro capítulo, que por vezes parece tão hermético.

Elencar obras, percorrer a carreira de alguém cronologicamente parece destoar de tudo aquilo que busquei defender em meu primeiro e segundo capítulos. Entendi ao longo da (re)leitura deste ensaio de Autran, que mais do que escrever sobre a carreira, voltar a cada linha escrita por Eneida e reler para pescar detalhes desta vida já compõe o meu exercício de biógrafa crítica, de arconte, de pesquisadora. Nesta passagem fica bem clara a leitura crítico biográfica (ocidental) desempenhada por Eneida

Borgianamente, Autran convidar o leitor a desconfiar dos lugares nos quais são enunciados os discursos, sejam eles de natureza ensaística ou ficcional. Proceder de forma desconstrutora quanto à enunciação dos princípios estéticos emitidos por uma personagem não implica, contudo, o esquecimento das lições recebidas do mestre. Embora sabendo que era imaginoso e mentia muito, como se lê no prefácio ao texto assinado pelo pseudoautor Autran Dourado, o que importa é o jogo ambíguo montado pelas peças de um discurso situado no limite da ficção e do ensaio.<sup>213</sup>

Ao falar do lugar, Eneida reforça o discurso pós-ocidental, a partir de uma leitura fronteira. Além disso, a desconfiança elemento que venho trabalhando desde o início desta dissertação está presente. A desconfiança permeia a leitura da intelectual e particulariza seu trabalho enquanto arconte. O trabalho que a autora mineira desempenha em Autran Dourado, me motiva a realizar meu trabalho com

---

<sup>213</sup> SOUZA. *Autran Dourado*. p. 15.

ela. Se para o Acervo de Escritores Mineiros é necessário manter viva a memória cultural de Minas, para mim é necessária manter viva a memória cultural latina da crítica literária, da crítica cultural, da crítica política, da crítica transcultural, na qual Eneida tece, reveste-se e vai além a partir de um olhar desconfiado, despreendido, solto aos apegos.

Daquilo que me interessa, como o homem de tesouras de Compagnon, fui recortando e construindo a minha Eneida. Exercício que a autora mineira faz com Autran. Elegendo os pontos altos da memória e das obras, daquilo que salta aos olhos, criando uma relação de transferência.

### 3.4. *A pedra mágica do discurso: Eneida e suas saias*

Se Mário de Andrade vestisse saias, ele seria a professora Eneida Maria de Souza. Pelo menos é assim que o diretor da Editora UFMG e professor da Faculdade de Letras, Wander Melo Miranda, a define: “É uma intelectual que se inspira no Mário de Andrade, mas claro que em outro tempo, outra situação e na condição de mulher, o que é uma questão muito importante. Apesar de Eneida não fazer uma crítica feminista, toda a análise dela é perpassada pela questão do gênero”.

ALKMIN. Na carruagem com Eneida, entrevista. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-eneida.html>.>

A metáfora do Mario de saias, sem dúvida não poderia ser melhor para definir Eneida. Os dois autores brasileiros de discurso pós, avançaram o pensamento literário do lugar de onde falo. Como busquei assinalar no primeiro capítulo, o lugar de Eneida já está marcado pela condição de ser mulher, não é necessário partir da questão de gênero. Mas as saias que a vestem levam o discurso fronteiro de Eneida para uma visada outra de suas críticas.

Pensar em Autran Dourado é automaticamente pensar em Mario de Andrade. Enquanto Dourado foi objeto de pesquisa do mestrado de Eneida, Mario se tornou objeto de pesquisa do doutorado. Aqui, está claro que o que a levou ao fascínio desta pesquisa foi o pensamento arquitetado por Mário, um dos representantes mais significativos da semana da arte moderna de 1922, que contribuiu com o pensamento literário brasileiro.

Sem a proposta psicologizante de outros autores brasileiros, Mario conseguiu amalgamar em suas obras a crítica e vivência da realidade brasileira. E isso encantou Eneida. E uma de suas entrevistas eneida conta como se dá sua admiração pelo autor brasileiro. Recorto o fragmento:

Eneida Maria de Souza conta que a atração por Mário de Andrade se iniciou com interesse pela literatura popular: “Ele não foi só um ficcionista e um poeta, também foi um pesquisador, escreveu livros sobre folclore, cultura popular, livro de viagens. Correspondeu-se com gente do Brasil inteiro, deixando um legado que se manifesta principalmente nas cartas. É um grande incentivo trabalhar com esse material. Desde os anos de 1970 eu nunca deixei de pesquisá-lo. Atualmente trabalho em um livro com uma

colega da PUC-Rio sobre prosa modernista e uma parte vai ser sobre o Mário”<sup>214</sup>

A entrevista dada a *Revista Online Diversa*, da UFMG que já usei em outros momentos desta dissertação revela o carinho sentido por Mario, mas mais do que isso a admiração é construída pelo *bios* do autor. A leitura de Eneida sobre a obra de Mario está atravessada principalmente por uma visão fronteira e consciente do lugar de onde Mario e ela falam, bem como por uma consciência do ideal proposto pelo autor.

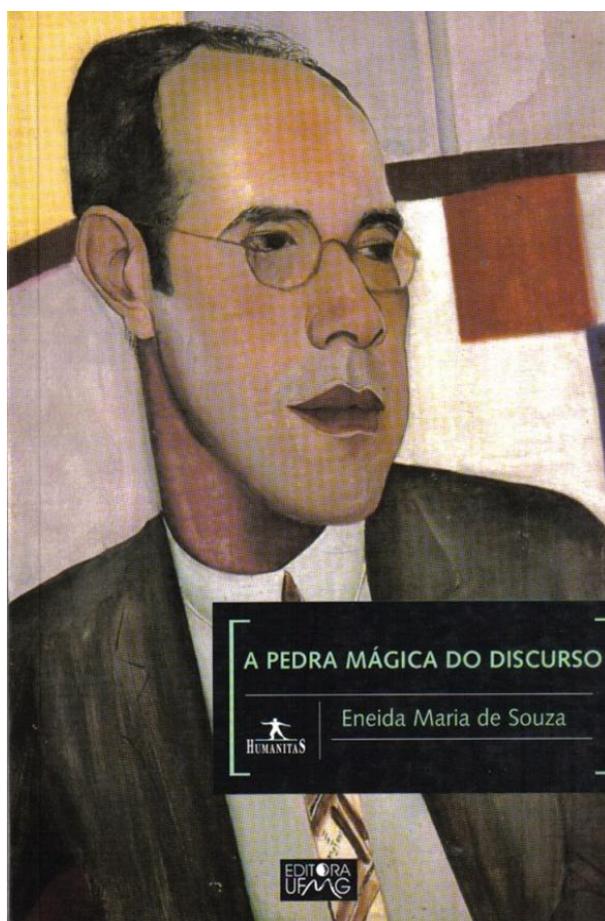


Figura 11: Capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

As pesquisas de doutorado resultaram no livro *A pedra mágica do discurso*. Publicado em duas edições o livro conta com duas visadas. Na primeira, o que vemos é uma escrita de abordagem estruturalista. Na segunda edição do livro

<sup>214</sup> ALKMIN. Na carruagem com Eneida, entrevista. Disponível em: <  
<https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-eneida.html>>

(1999), revista e ampliada, Eneida comenta sobre as leituras que realizou para que depois resultasse em sua tese de doutorado <sup>215</sup>.

O doutorado realizado na França não poderia ter tido outra leitura, orientanda de Kristeva, Eneida trabalha os conceitos da Comparada, buscando avançar a discussão proposta até então pelos críticos, mas é na segunda versão da obra que a intelectual vai acrescentar a visada de caráter mais biográfico.

Quando presidiu a Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), de 1988 a 1990, Eneida ajudou o curso a se consolidar ao firmar intercâmbios com universidades brasileiras e do exterior. A criação do doutorado e o avanço dos estudos culturais provocaram uma guinada na área. “Até então, a formação era muito voltada para teoria, depois veio a necessidade de se trabalhar com o contexto. Foi por isso que me interessei pela relação entre a obra e a vida do escritor. Um dos grandes avanços da teoria literária foi sair da análise meramente textual”, avalia Eneida. <sup>216</sup>

Na obra em si Eneida Maria de Souza faz uma leitura do livro *Macunaíma*, de Mario de Andrade, pelo viés da antropologia de Lévi-Strauss, a partir de uma discussão paradigmática dos temas e personagens. Segundo Eneida, tal “contradição” em buscar nos estudos sociológicos embasamento para sua escrita tem justificativa:

A passagem da abordagem estruturalista Lévi-strausseana para o enfoque intertextual de caráter discursivo não significou um rompimento com o método estruturalista de análise. Ao apropriar-me de textos pertencentes ao pensamento pós-estruturalista, ampliou-se para mim o horizonte de estudo para questões de ordem semiológica, como a linguagem, o discurso e o sujeito. <sup>217</sup>

Ou seja, apesar da formação estruturalista e ter como base os estudos de Bakhtine, Eneida prefere não ter um posicionamento puramente ortodoxo, na leitura que faz do seu objeto de estudo, já que o material analítico que tinha propiciava à autora estabelecer relações com outras obras. É nesse momento que ela consegue realizar associações no processo de construção de linguagem proposto por Mário de

<sup>215</sup> Tese intitulada *Des Most, des Langages et des Jeux: une lecture de Macunaíma*, de Mário de Andrade.

<sup>216</sup> ALKMIN. Na carruagem com Eneida, entrevista. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-eneida.html>>

<sup>217</sup> SOUZA. *A pedra mágica do discurso*. p. 15.

Andrade e propor também uma leitura comparatista/comparativista (como você, leitor, preferir) quando, por exemplo, ela aponta a relação intertextual entre *Macunaíma* e *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais, no que dizia respeito ao trato da linguagem com que as personagens do livro tinham com as expressões, provérbios e frases feitas. Em entrevista a IHU Online, Eneida se refere a *Macunaíma* como

“Um estilo modernista, antropofágico, pois se alimenta e mastiga de todas as fontes lingüísticas e estilísticas. Absorve o que há de mais lúdico na linguagem, o que há de mais escatológico na interpretação dos mitos e das anedotas. *Macunaíma* se apropria de todas as formas populares e eruditas do imaginário literário e cultural da América Latina e do estrangeiro”, aponta. “Sua fala é a montagem de várias falas, sua voz repete a dos personagens dos contos, sua malandragem remonta a Pedro Malazartes, aos romances picarescos, às trapaças do jabuti dos contos folclóricos”.<sup>218</sup>

Porém, o enfoque maior foi dado ao exame do discurso brasileiro e os procedimentos de linguagem, desviando, assim, o interesse exclusivo pela abordagem estruturalista antropológica. Dessa forma, cada elemento da narrativa de *Macunaíma* se torna importante para a construção do texto da autora. Por exemplo, ela trata de cada um dos personagens e a representatividade dos mesmos. Segundo Eneida

Retomo fragmentos de frase e de contos, repetindo a técnica de montagem crítica e escritural do autor de *Macunaíma*, pedaços do Brasil que entram pelas frestas dos livros, pelas páginas adormecidas dos dicionários, ganhando vida textual. Particularizo o discurso em mosaico de *Macunaíma*, infiltrado nas miudezas de linguagem, nas frases feitas que compõem e desconstruem a paisagem desse livro arlequinal e em perpétua transformação.<sup>219</sup>

Além disso, vale destacar que o que justifica o título *A pedra mágica do discurso* é justamente o interesse pela autora em trazer para sua análise o caráter metalingüístico e metafórico que a pedra e a fala do papagaio têm como valor discursivo na obra andradiana.

<sup>218</sup> DICK; JUNGES. A subversão lingüística de *Macunaíma*. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2021&secao=268](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2021&secao=268)

<sup>219</sup> SOUZA. *A pedra mágica do discurso*. p 22.

Segundo Eneida, o artefato atua na obra de Mario de Andrade como uma metáfora dos estudos de linguagem que ela desenvolve em sua tese: “a pedra mágica do discurso, assim como as expressões, as frases feitas, os versos e adivinhas assumem o estatuto de ajudantes mágicos, personagens e objetos que funcionam nos contos populares como ajudantes dos heróis.”<sup>220</sup> Daí o propósito em escolher a pedra como linha interpretativa assumida por Souza, já que tal artefato imprime à obra a categoria de elemento na produtor de vários discursos com diferentes registros, dependendo da situação.

Na mesma entrevista citada no início deste texto, a da *Revista Online Diversa*, Wander Melo Miranda, colega de Eneida, aponta que: “Eneida é hoje uma das mais importantes especialistas em Mário de Andrade. De maneira muito pouco ortodoxa, isenta dos cacoetes com os quais ele normalmente é lido. É uma leitura que consegue trazer um olhar novo, arejado”.<sup>221</sup>

E assegura: “A crítica à realidade brasileira reside justamente na apresentação de um herói sem nenhum caráter, preguiçoso, malandro e esperto, o que seria a imagem também malandra do país. Mas essa interpretação é por demais complexa, pois não há, na rapsódia, nenhuma lição de moralismo em relação ao caráter do brasileiro”.<sup>222</sup>

Eneida já sabia que “as questões populares” que a obra de Andrade poderia assumir outro nível, que não o de análise. Até porque a obra *Macunaíma* nos leva a refletir sobre a questão da identidade cultural e, nesse primeiro momento, Souza, que mais a frente vai discutir sobre o *boom* dos Estudos Culturais, consegue articular o discurso crítico imbricado em sua análise voltando a sua discussão para o antropofágico e a importância que o termo carrega.

<sup>220</sup> SOUZA. *A pedra mágica do discurso*. p. 23.

<sup>221</sup> MELO *apud* ALKMIN. Na carruagem com Eneida, entrevista. Disponível em: <  
<https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-eneida.html>>

<sup>222</sup> DICK; JUNGES. A subversão linguística de *Macunaíma*. Disponível em:  
[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2021&secao=268](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2021&secao=268)

### 3.5. Projetos intelectuais: o século de Borges e Eneida

Reconhecer-se o mesmo no outro no universo movente da realidade e da fantasia lhe concede, portanto, o livre direito de brincar alegoricamente com a concepção de tempo e espaço, com as versões falsas e melhoradas das histórias que a literatura de todos os tempos nos tem brindado.

SOUZA. O século de Borges. p. 128.

O trecho acima é o último parágrafo escrito por Eneida no livro *O século de Borges*. A passagem para mim resume o sentimento de Eneida por Borges: o sentimento de reconhecimento no outro, que mediado pela aproximação/distanciamento que já foi citada por mim no capítulo II desta dissertação, em que traço a amizade metafórica que Eneida cria com o autor argentino.

O livro é uma reunião de ensaios dedicados ao autor argentino e já foram publicados em duas edições. A que tenho é a primeira, do ano de 1999, adquirida em 2013, quando estava finalizando a graduação e prestes a ingressar no mestrado. A segunda edição é linda. Tem a foto de Borges na capa. Já a que tenho é mais “acadêmica”, a capa é Jairo Alvarenga Fonseca:

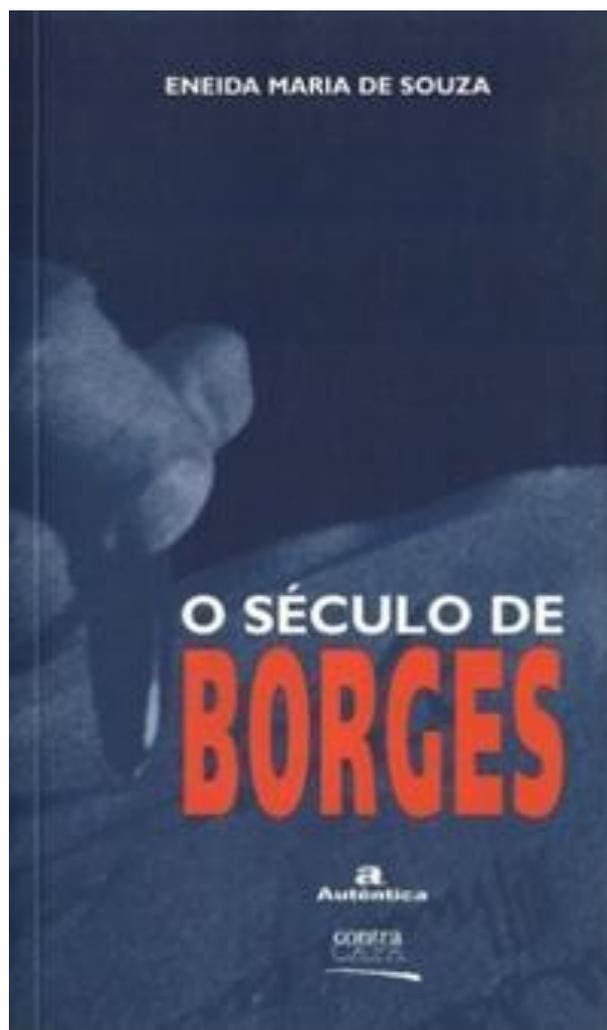


Figura 12 :capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

A predileção pela vida autor não se dá somente nesta obra, os escritos sobre a vida de Borges tem sido motivo recorrente na obra de Eneida. Tal como nas outras obras em que a autora se detém na vida de autores, o que conta aqui também é o projeto político e literário desenvolvido por Borges. Projeto este que a Teoria da Literatura não deu conta de entender, a Literatura Comparada tentou, mas também não conseguiu contemplar todas as questões abarcadas por Borges e que hoje vejo que a crítica biográfica fronteira, ou a pós-ocidental conseguem articular de uma forma melhor.

A leitura que fiz desta obra de Eneida é de cunho pós-ocidental, fronteira, porque desde o momento em que a autora inicia o livro, tem como debate central a

noção de pátria. Ao estabelecer a amizade metafórica entre Gonçalves Dias e Borges, Eneida evoca para a discussão a vontade de falar do lugar. Ao citar Gonçalves Dias nos lembra da “Canção do exílio”, quase um hino brasileiro que retrata a noção de pátria e o desejo do autor em voltar para sua terra.

Ao dialogar com Borges, vai trabalhar justamente a vontade que o argentino não tinha em morrer na pátria de origem. “A sua definição de pátria distingue-se daquela evocada pelo romântico brasileiro por não nutrir o desejo de morrer no país de origem.”<sup>223</sup> Nas palavras de Eneida a noção de pátria assumida por Borges está atrelada a noção de sensibilidades, desta forma, Borges vai eleger a cidade com que tem mais afinidade para morrer. Neste sentido:

O espaço próximo – a pátria, a Argentina – assume o estatuto de um lugar da memória e do esquecimento, do tênue limite entre o visível e o invisível. Entregar-se à morte com a sensação de que se está repetindo atos literários consiste na diluição gradativa das diferenças entre ficção e realidade. O gesto último de Borges vem simbolizar a sina de uma escrita que, ao se impor como marca da falta por estar exilada de si própria, instaura a dimensão de alteridade e de afastamento do vivido.<sup>224</sup>

A leitura pós-crítica de Eneida corrobora com o projeto intelectual de Borges. A escolha de morrer fora do seu lugar de origem simboliza também a leitura que Borges buscou realizar ao longo de sua vida. O afastamento e aproximação são tão tênues que somente a crítica biográfica ajuda a melhor compreender a relação de alteridade do autor e da sua obra.

Ao se valer da crítica biográfica (pós-ocidental) Eneida me ajudou a realizar o processo de afastamento/distanciamento necessário para escrever esta dissertação e que ela conseguiu pontuar na obra dedicada a Borges. Neste sentido vejo que ocorre o processo de transferência das vidas latinas, no qual Eneida também buscar consolidar o seu projeto crítico.

---

<sup>223</sup> SOUZA. *O século de Borges*. p. 10.

<sup>224</sup> SOUZA. *O século de Borges*. p. 13.

Quando me refiro ao projeto de Eneida, enxergo nele a sistematização da crítica biográfica enquanto vertente literária. Percebo que todas as leituras que arrolei até aqui compuseram uma bricolagem deste projeto. A cada escrita uma colagem para a construção da crítica biográfica estava sendo feita para que mais a frente tal composição pudesse ser terminada com a escrita do *Crítica cult* e do *Janelas Indiscretas*. Digo isto, porque em uma das passagens do livro *O século de Borges*, a mineira escreve a seguinte passagem:

O conceito de literatura em Borges recupera a existência wildiana, através da qual a ficção cria realidades e a vida imita a arte. Encontros ficcionais e amizades literárias formam redes e possibilitam o diálogo entre vozes no espaço aberto da ficção.<sup>225</sup>

A passagem revela como Eneida estabelece as relações para realizar a leitura de Borges e como ela constrói sua leitura trabalhando em consonância vida/obra a partir de um exercício comparatista (ao dialogar com Oscar Wilde) avançando a discussão ao pontuar um dos conceitos de literatura, com base na mirada de Borges.

O retrato montado na bricolagem revela em Eneida uma intelectual preocupada com os conceitos a serem trabalhos, ao mesmo tempo em que desenvolve um exercício crítico contemporâneo pautado na leitura de nomes latinos com vistas a construir uma identidade para o lugar de onde fala, arquitetando assim a sua construção literária, formada por um projeto.

---

<sup>225</sup> SOUZA. *O século de Borges*. p. 113.

### 3.6. A crítica *cult* latina

#### **IHU On-Line - Qual é a relação da crítica *cult*(ural) com a cultura de massa e o imaginário nacional?**

Eneida Maria de Souza - A crítica *cult* – ou cultural – procura criar um discurso democrático e não excludente. Sua preocupação com os discursos de massa recupera o lado político por outro viés, que não o marxista, ou filiado a uma esquerda ortodoxa, ainda vigorando na crítica brasileira. Este imaginário rico e contraditório no qual estamos constantemente envolvidos precisa ser melhor analisado, melhor comparado com os discursos elitistas e neoliberais, defensores da pureza e do mal-estar da civilização. O lugar-comum, a estereotipia, a repetição dos discursos da imprensa transformam o nosso discurso cotidiano numa ausência total de discernimento e distanciamento crítico. E por aí se aloja muitas vezes a crítica literária e a cultural. É preciso politizar mais, estetizar mais, sem perder o rumo de casa.

IHU ON-LINE. Crítica cultural: tendências, conceitos e debates. Entrevista especial com Eneida Maria de Souza. s.p.

A epígrafe que escolhi foi a melhor definição do que é a crítica *cult*, me valendo das palavras da autora, em entrevista à IHU On-line, inicio este subtítulo. Desde que comecei a estudar a vida e obra de Eneida, as pessoas me perguntam o que quer dizer *cult*. Para mim, *cult* é este amálgama de pensamentos, conjecturas, espaços, considerações que levam o ser o ser humano a repensar as paisagens, as teorias, os conceitos. É um misto do conceito de crítica biográfica, ao conceito de pós-crítica e pós-ocidental. É uma das respostas ao pensamento colonial moderno.

Falar do livro *Crítica cult* pra mim é falar do início da minha história com Eneida. Foi esta obra que mudou meu olhar. Já comentei isso no primeiro capítulo, mas quero lembrar. Aliás, gosto de lembrar, porque este livro marcou a minha história. Gosto de tudo nele. Capa, contracapa, ensaios, mas principalmente do autógrafo. Eneida veio a Campo Grande, em 2015. O leitor deve lembrar que comentei isto no capítulo II. Tinha mais livros de Eneida, mas quis o autógrafo no *Crítica cult*. Foi bonito. Primeiro Eneida pegou o livro e estranhou, ele esta encapado com *papel contact*, daí ela perguntou o que foi que fiz, eu ri. Ora, não posso deixar meu material de trabalho estragar!

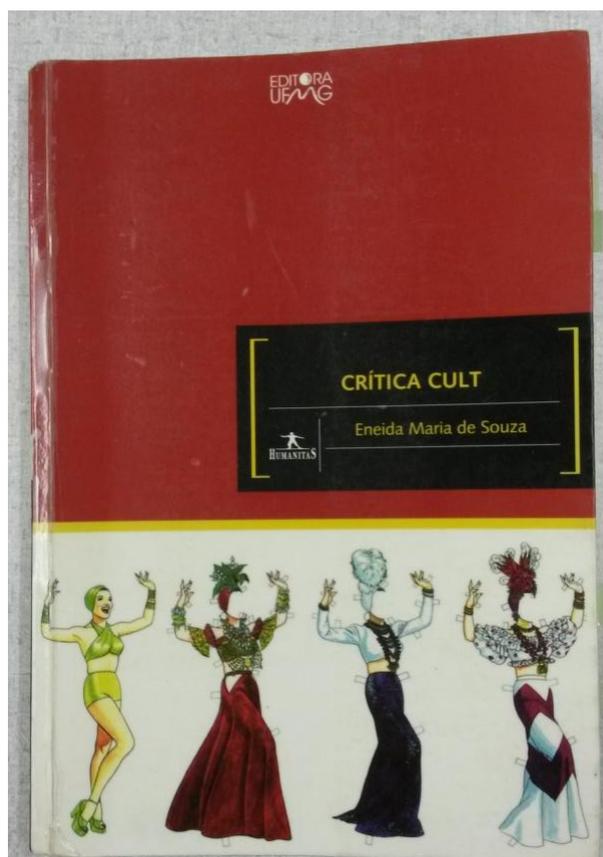


Figura 13: Capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

Ela já sabia que eu estudo-a. O professor Marcos Bessa contou a ela assim que nos vimos. Continuou desconfiada. Eneida pensou algum tempo antes de escrever e me fez uma dedicatória: “À Camila, esta crítica que é tão cult. E.” O trabalho que já havia iniciado, agora tinha uma obrigação. A senhora E. me dedicou esta crítica e o terceiro capítulo de minha dissertação na poderia falar de outra coisa, que não desta crítica que é a mim tão *cult*. Que me foi dada como *cult*.

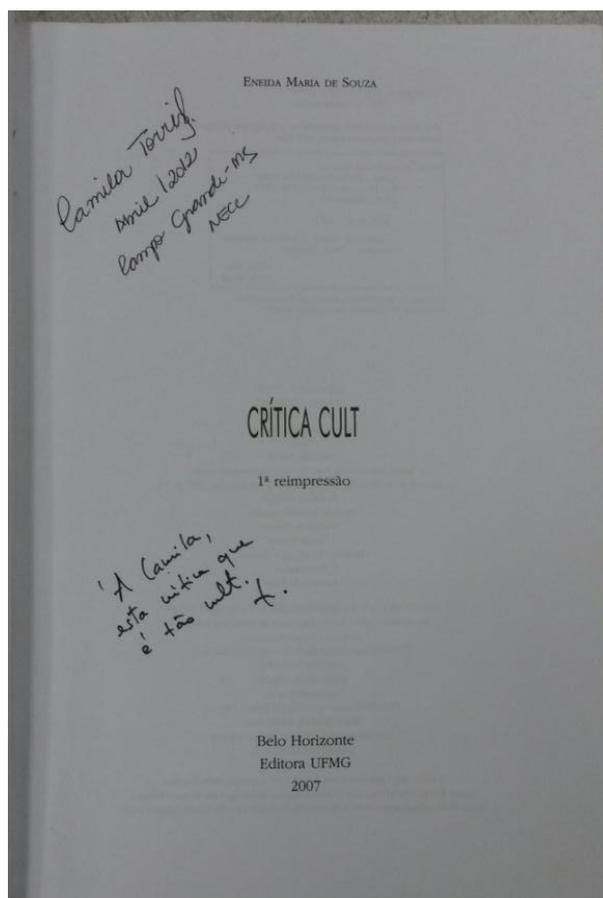


Figura 14: folha de rosto do livro  
Fonte: acervo pessoal

O livro é composto por 14 ensaios escritos na década de 1990 e aqui não há como privilegiar um ou outro. A obra é importante, consta na bibliografia de vários cursos de pós-graduação do país, de graduação, pode ser considerado como um divisor de águas nos estudos críticos brasileiro. Tem uma fortuna crítica. Foi resenhado pela pesquisadora Ana Siqueira sob o título de “A crítica da crítica”, em 2002. Como comentei no capítulo II, o texto de Silviano Santiago é uma espécie de resenha-homenagem dedicada à Eneida. Rendeu diversos trabalhos acadêmicos.

Por ser um livro voltado para a crítica, *Crítica cult* se torna um livro mais teórico, sem deixar o ficcional de lado. Os ensaios que nele foram reunidos compõem uma reflexão sobre a crítica literária. De acordo com Eneida

Por revelarem a necessidade de uma discussão mais ampla no âmbito dos estudos literários no Brasil, acredito estar contribuindo para a continuidade

de um debate teórico que não circunscreva ao espaço acadêmico, mas atinja outras áreas das ciências humanas.<sup>226</sup>

Tal contribuição se dá na articulação dos estudos literários com a crítica cultural e com a literatura comparada. Esse estudo interdisciplinar proposto por Eneida acaba por ter efeitos mais proveitosos à academia, que ainda na década de 1990 pensava na literatura como “arte pela arte”.

Ainda pensando em avanço, os ensaios que compõem o livro *Crítica cult* buscam, de acordo com Eneida, iniciar um diálogo com a crítica latino-americana. Para mim, Eneida já havia iniciado este diálogo em *Traço crítico*, mas de acordo com a autora, há considerações, no *Crítica cult*, e discussões conceituais que “ou são comuns ao imaginário teórico do continente, ou se distinguem na sua formação específica, ao tomarem como base discrepâncias de ordem histórica”<sup>227</sup>

Sobre a América Latina, Eneida faz sua primeira articulação pós-colonial. Walter Mignolo já consta nas referências bibliográficas. O discurso para o rompimento das barreiras disciplinares se intensifica a cada página. A autora mostra aos leitores de literatura que não é mais possível falar só de literatura, aliás, nunca foi. Aponta também que para se pensar em conceitos na América Latina, antes é preciso passar por um processo de transculturação. E o processo de transculturação na América Latina, segundo ela, trata-se de um problema de imposição de valores. E por tal motivo vai pensar na questão do *locus de enunciação migrante* que busquei tratar no primeiro capítulo desta dissertação.

É na obra em questão que a autora mineira vai pontuar sobre a crise da Teoria da Literatura nas universidades brasileiras, como já sinalizei no primeiro capítulo também. Este ensaio foi lido durante a Abralic de 1998 e causou grande

---

<sup>226</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p.11.

<sup>227</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 11.

polêmica. Ainda que houvesse quem discordasse de Eneida, acredito eu que um pensamento erro comum a todos, algo precisava ser reajustado em nossa literatura.

A crítica literária durante anos causou grande desconforto. Criou um “abismo” entre autor e crítico, entre leitor e autor. A especialização da crítica literária serviu de motivo para aumentar a empáfia de pesquisadores na academia, quando na verdade deveria produzir debates acalorados e que convidassem o leitor a pensar e por tal motivo, tal debate necessitava ser aberto a outras vertentes.

Os ensaios “eneidianos” são considerados por mim como um divisor de águas, neste livro especificamente, porque ao passo que a intelectual busca traçar um novo olhar para a literatura, Eneida coloca em prática tal exercício. Gosto do ensaio “Saudades de Lévi-Strauss” porque, por uma leitura analítico-literária, Eneida abre portas para uma leitura também sociológica do trabalho desenvolvido pelo antropólogo. E aqui a autora deixa pistas do que, para mim, talvez, seja o ponto alto da obra. Eneida fala da marca autoral no texto analítico.

Ao falar sobre tal tema, Eneida dá a deixa necessária para adentrar ao ambiente da crítica biográfica. É no texto “Notas sobre a crítica biográfica” que a intelectual sistematiza pela primeira vez a crítica biográfica da qual ela busca tratar. Gostaria de citar o ensaio todo, mas deixo como curiosidade para que o leitor que ainda não tenha tido contato possa agora o fazer. Se ao longo do livro, Eneida pontua insistentemente sobre a abertura da literatura às outras disciplinas, o debate cultural e afins, é com este ensaio que a autora coroa o livro. Dele saem múltiplos temas: autoria, abertura disciplinar, reação ao pensamento hegemônico, amizades (literárias e não literárias), interpretação, transculturação, etc., em suma, como ela pontua: “O exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade

de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e literatura comparada, reassaltando o poder ficcional da teoria e força teórica em toda ficção.”<sup>228</sup>

E o debate vai cada vez mais além, porque a autora acredita cada vez mais que não há a dualidade teoria e ficção. Em entrevista recente, Eneida comenta que para ela não existe mais dualidade na contemporaneidade:

**Poderia dar um exemplo concreto de como se dá essa nova perspectiva teórica atravessada pela ficcionalização?**

Hoje, em um grupo de pesquisa, estávamos lendo A expressão americana, do [escritor e ensaísta cubano] José Lezama Lima. No texto, que é dos anos 1950, ele vai estabelecer uma metodologia muito contemporânea relacionada a esta nossa proposta. Lezama Lima trabalha com associação entre imagens e entre mitos orientais e ocidentais – o Popol Vuh, por exemplo [mito maia que, dentre outras coisas, trata da origem do mundo e da criação do homem]. No texto, a partir dessas reflexões, Lezama constrói um conceito de sujeito metafórico, de sujeito ficcional. Trata-se de uma proposta que se desvincula daquela ideia mais tradicional de sujeito histórico, visto como aquele capaz de se afastar totalmente do objeto que investiga. O sujeito ficcional rompe com essa pretensa objetividade em relação ao objeto. O que quero dizer com isso é que, com esse seu texto, Lezama Lima, como escritor, teoriza nos moldes de uma metáfora. E ele não realiza essa reflexão valendo-se somente de textos teóricos, mas mistura teoria e mito, teoria e literatura. Constrói uma metodologia e uma visão teórica muito particular, uma visão metafórica, um ponto de vista de escritor.<sup>229</sup>

Esta fala da professora Eneida foi publicada recentemente na página online da UFMG. A autora foi entrevistada por Ewerton Martins Ribeiro e mais uma vez a intelectual reforça a ideia de que não há disparidade entre teoria e ficção e a forma como exemplifica me ajuda entender como se dá a reflexão proposta por ela. O deslocamento proposto pelo objeto de análise de Eneida torna esta contribuição mais clara. É neste sentido que me sinto tocada a continuar repensando os fragmentos que leio e transitá-los nesta linha tênue em que se dá a literatura.

<sup>228</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 113.

<sup>229</sup> SOUZA. “‘A literatura é uma forma de sobrevivência’, afirma Eneida Maria de Souza”, entrevista.

### 3.7. Mineirismos: *Pedro Nava*

O acerto de contas com o passado fez de Nava o grande nome do memorialismo brasileiro, por se empenhar na tarefa infundável de uma narrativa marcada pelo saber enciclopédico e pela paixão em reconstruir as histórias de família, a formação profissional do escritor e a geração intelectual à qual pertencia. Pequenas biografias de personagens históricas, literárias, familiares, médicas, são anexadas aos volumes, transformando a sua obra em referência histórica para a pesquisa sobre a cultura mineira e, porque não, brasileira.

SOUZA. *Pedro Nava*. p. 18.

As pesquisas arquivísticas são uma constante na obra de Eneida e compõem o seu projeto intelectual, enquanto crítica brasileira. A predileção em falar de autores latinos, brasileiros, marginais é o traço peculiar de suas obras. Tratei de cada uma delas. Mas acredito que Pedro Nava se destaca, pois a vida e a obra do autor assinalam na história da literatura brasileira um repensar sobre os textos autobiográficos. E não teria intelectual melhor para tratar desta vida que Eneida.

Pedro Nava era mineiro, médico formado, sempre gostou de literatura e da escrita, mas só se empenha neste trabalho quando sua mãe vem a falecer. Ao lado de autores como Carlos Drummond de Andrade, Nava buscava contribuir com o projeto modernista brasileiro e, por conseguinte, assinalava o seu projeto intelectual. Durante anos foi presidente do Conselho de Proteção ao Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. Cuidando de memórias, registrou memórias. Fez da sua vida história.

Não há diferença entre vida e obra. A premissa da crítica biográfica pode ser lida através do livro *Pedro Nava: o risco da memória*. Esta é única obra da mineira que não consegui comprar. A leitura memorialística de Nava remexeu o cânone, o projeto intelectual deu à Eneida o papel de falar de mais uma vida para poder falar da literatura.

Em plena década de 1970, o impacto causado pela publicação do primeiro volume das *Memórias* propiciou a releitura do cânone literário brasileiro. A retomada da tradição memorialística representava para a crítica a

necessidade de refletir sobre conceitos até então recalcados pela vanguarda literária, tais como o de tradição, de memória e de autobiografia.  
230

Falar em revisão crítica, releitura, repensar compõem a estética da crítica realizada por Eneida. Ao escrever Memórias, Nava consegue romper com a tradição imposta até aquele momento na literatura. Além disso, a formação fora do seu campo profissional permitiu que o autor realizasse a abertura disciplinar da literatura. Ao trazer suas memórias para escrita Pedro Nava consegue articular autobiografia e ficção.

A leitura da obra a partir do olhar de Eneida permite encontrar em Nava um autor que contribui com a literatura e neste sentido, passa a ser considerado pós-crítico também. Nava consegue enredar vida/obra em todos os sentidos, pois ao trazer suas memórias, traça suas relações com as minorias, com os marginais.

Na sua trajetória pelas ruas da cidade, como as de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, antigo leitor e flâneur não mais se encontra em sintonia com os transeuntes do final do século XX. Prostitutas, travestis e desempregados substituem, no ambiente citadino, o habitante estável da cidade moderna, instaurando-se, nesse cenário, o nomadismo e o deslocamento. A periferia invade o centro e os sujeitos encontram-se desprovidos de identidades fixas, de referências que os integrem à paisagem urbana. A flutuação desse espaço permite a Nava passar de *flâneur* a *voyeur*, por não mais se colocar como o caminhante que descobre e inventa a topografia urbana, mas como quem se perde no espaço noturno e opaco da marginalidade.<sup>231</sup>

A passagem de Eneida retrata bem o tênue limite da vida de Nava. Mas o que me marca é a entrega que o autor faz ao marginal e como esta leitura ainda que “moderna” constrói um cenário pós-ocidental do século XX. Mas o que chama a atenção é que mesmo se valendo questões marginais, Nava consegue repensar o cânone brasileiro.

O discurso fronteiro do autor traz uma leitura outra ao cenário brasileiro e ainda pensando nos vanguardistas modernos, se destoa deles. Pois ainda que

---

<sup>230</sup> SOUZA. *Pedro Nava*. p. 19.

<sup>231</sup> SOUZA. *Pedro Nava*. p. 12.

tratasse do que é “marginal” esses autores se esqueceram de privilegiar como se davam suas relações com o marginal. Nas palavras de Silviano Santiago, isso vai mostrar o porquê Nava foi considerado memorialista e os que escreverem em sua época não.

no caso dos modernistas, a ambição era a de recapturar uma experiência não só pessoal como também do clã senhorial em que se inscrevia o indivíduo; nos jovens políticos, o relato descuidava-se das relações familiares do narrador/personagem, centrando todo o interesse no envolvimento político do pequeno grupo marginal.<sup>232</sup>

O que o autor aponta é que os autores acabaram por escrever autobiografias, enquanto Nava escrevia memórias. Esses projetos se diferem. Enquanto os autores escreviam relatos de experiências enquanto exilados, Nava consolidava um projeto retomando as minorias.

Dessa forma, entendo que a leitura de Eneida sobre Nava é fundamental, pois contribui com o discurso contemporâneo de forma significativa ao retomar as memórias marginais que se circunscrevem nas paisagens brasileiras. Trazer à tona esta imagem do Brasil e discutir é pós. Viver esta realidade, como foi o caso de Nava, revela por parte do autor uma consciência do local ao qual o mesmo está inserido. Uma consciência de si.

Por outro lado, ao ver Eneida articular as ideias de Nava, percebo a admiração pelo projeto político-literário do autor, e as afinidades com o discurso fronteiriço da crítica, separados pela diferença de escrita: Nava autor de memórias e Eneida crítica, se aproximam pelas afinidades intelectuais. Na construção que Eneida faz da vida de Nava isso se torna perceptível. Enquanto Nava revitalizava os cenários em que se encontrava, Eneida revitaliza conceitos e ambos revitalizam a literatura contribuindo para com uma leitura pós-crítica.

---

<sup>232</sup> SANTIAGO *apud* SOUZA. *Pedro Nava*. p. 19 – 20.

### 3.8. Memória e lucidez crítica: *Tempo de pós-crítica*

No esplendor da sua maturidade profissional, a variada e instigante obra legada por Eneida Maria de Souza foi finamente descrita nas páginas que iremos ler na condição de discípulos. Páginas escritas por alguém que “gosta de aprender”, para retomar as palavras de Ezra Pound depositadas no limiar do *ABC da leitura*.

SANTIAGO *apud* SOUZA. *Tempo de pós-crítica*. Orelha do livro.

Eu realmente queria poder ter escrito estas palavras, mas perfeitas assim caberiam a nada mais a menos que Silviano Santiago, amigo de longa data de Eneida e meu amigo também. Eu como discípula não poderia deixar de concordar por mais que gostar de ler Eneida, admiro o papel crítico desenvolvido por ela.

Venho falando deste livro desde o primeiro capítulo e com as minhas razões. O livro *Tempo de pós-crítica* não foi um dos mais quistos por mim, ainda estava na graduação quando o comprei, não imaginava o destaque que este livro teria em minha dissertação, lá em 2012, quando o adquiri, já tinha lido o livro *Crítica cult* e para mim se tratavam dos mesmos ensaios. Foi só na pós-graduação que entendi o significado desta obra na vida de Eneida e conseqüentemente na minha.

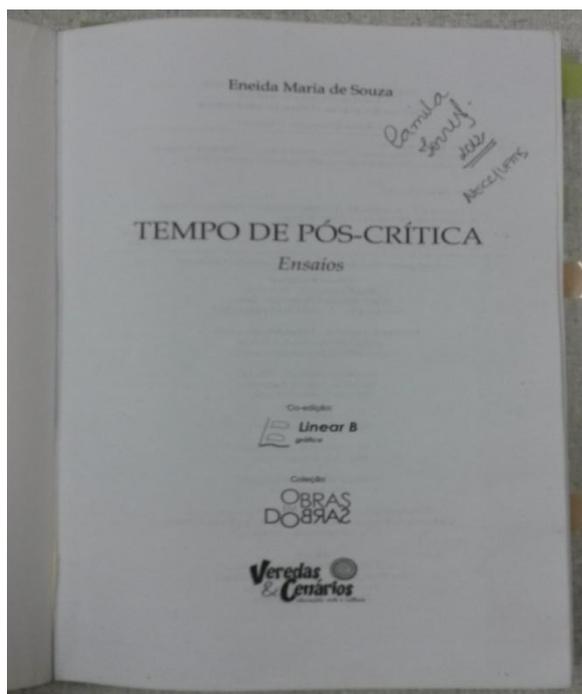


Figura 15: Folha de rosto do livro  
Fonte: acervo pessoal

Tempo de pós-crítica: ensaios, tal como sugere o título, reúne 24 ensaios escritos ao longo da carreira acadêmica de Eneida Maria de Souza, além de uma apresentação, feita pela autora e “Algumas palavras desnecessárias”, algo como que um prefácio de Silviano Santiago. Foram estas palavras desnecessárias que me moldaram enquanto estudiosa de Eneida. Santiago faz uma trajetória da carreira de Eneida, uma trajetória enquanto professor, intelectual, enquanto amigo da autora. Foram essas palavras, em nada desnecessárias, que me possibilitaram compreender mais afundo a minha relação com Eneida.

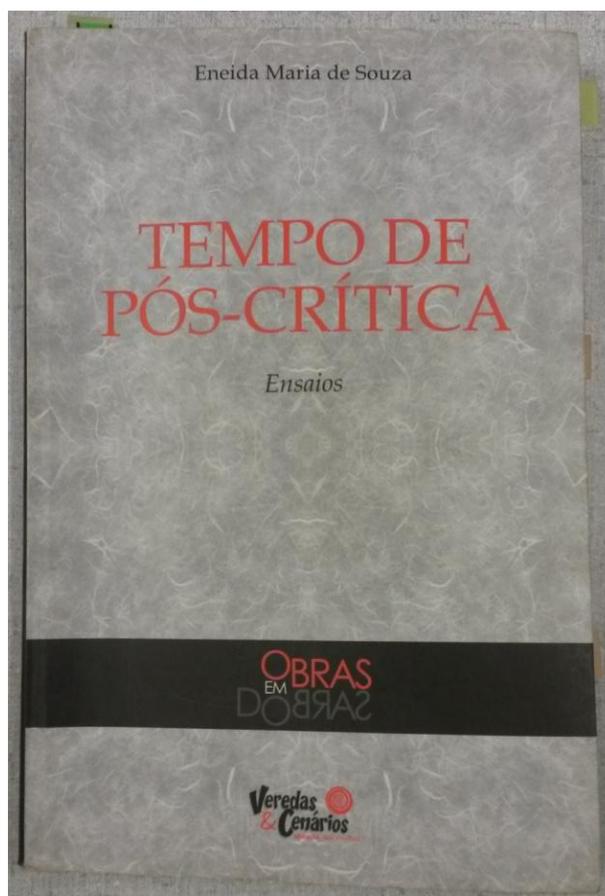


Figura 16: Capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

Atravessada pelas aulas, alunos, pesquisas e orientações Eneida se vale do exercício da crítica como método epistemológico de trabalho. Neste sentido, hoje

enxergo o livro *Tempo de pós-crítica*: ensaios como um amálgama dos maiores exercício de crítica de Eneida refletido em sua vida. Isso porque tal obra trata-se do memorial escrito para titulação de professora emérita da UFMG, título que a autora carrega não só como coroação dos anos de trabalho desenvolvidos na universidade, mas como porta de entrada para outras atribuições ímpares de sua carreira. Nas palavras dela

A sensação que move a passagem de uma situação a outra, de professora aposentada a emérita, implica não só a mudança de estatuto, mas o retorno ao lugar institucional de origem, de forma a ultrapassar o sentido literal desse lugar. Reveste-se, assim, de um sentido simbólico, por se apresentar na sua natureza subjetiva e suplementar e se impor como um lugar que se descortina mais valioso e gratificante do que o anterior. A ocupação desse novo espaço se explicaria pela presença de quem se ausentou, por algum tempo, mas que a partir de um determinado momento, é recebido como o filho que à casa torna. Sabemos todos que o ritual de retorno é sempre marcado pela sensação de júbilo e de conagração.<sup>233</sup>

Eneida é professora visitante de universidades dentro e fora do Brasil e tem apoio de uma das maiores instituições de apoio a pesquisa do país, a Capes. Não é a toa que Eneida é convidada para tantos eventos de pesquisa no país. Poder escutar uma palestra, uma fala de Eneida não significa só prestígio acadêmico, significa o privilégio de sair incomodado e poder ir pesquisar.

Estou falando da palavra incômodo há algum tempo e se o leitor é atento deve estar se perguntando o porquê tanto estou incomodada. A verdade é que a recente releitura do livro *Tempo de pós-crítica* me levou a querer refletir sobre questões que sempre deixei veladas em meu pensamento e tem me ajudado muito em sala de aula, no exercício da profissão.

As primeiras leituras que fiz deste livro foram tolas, confesso. Por ser um memorial eu achava que ia ter a biografia de Eneida posta nele, buscava nas entrelinhas alguma pista sobre ela. Hoje, mais madura intelectualmente entendi que tal obra vem sinalizar o maior avanço teórico de Eneida e é disso que se trata o

---

<sup>233</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*. p, 124 – 125.

memorial. Minha ideia de vida era muito rasa, quase como uma conversa de comadres. A vida de Eneida foi, é e sempre será da teoria, porque fez desta vida dedicação à pesquisa.

A obra tem trechos de outros ensaios publicados por Eneida. A impressão que tenho é que tais trechos foram sendo costurados a fim de tecer uma grande colcha de ideias que movimentaram a vida de Eneida. A autora ao fazer a trajetória acadêmica pontua as experiências pelas quais passou a forma como se viu reagir frente as novas teorias e o rigor academicista. A epigrafe que abre o livro não poderia ser outra, extraída das obras de Cacaso

Trago comigo um retrato  
que me carrega com ele bem antes  
de o possuir bem depois de o ter perdido.

Toda felicidade é memória e projeto.<sup>234</sup>

Do poema de Cacaso, as últimas palavras são significativas, porque parecem resumir o momento a que se encontrava Eneida na felicidade de repassar para o papel as conquistas críticas desenvolvidas ao longo do trabalho com professora e o gosto de trabalhar o regaste do exercício afetivo proposto pela memória, pelo ato de recordar, como consta no dicionário “fazer voltar a memória”.<sup>235</sup> E por outro lado sofrer. Nas palavras de Evando Nascimento e Paula Glenadel, na obra *Em torno de Jacques Derrida*, discutem sobre o ato de recordar, tal como faz o mestre franco-argelino. Assim pontuam:

Reconhecimento e confissão são simétricos e quase permutáveis. Mas para compreender o sentido do reconhecimento de uma maneira satisfatória, seria preciso distingui-lo distinguindo, para tanto, na obra de Derrida, não somente um certo número de referências à palavra ou ao conceito, mas a qualidade da relação entre as diversas referências. [...] Diferentemente de Nietzsche, parece-me que o reconhecimento não se manifesta em Derrida, nem sob a luz do meio-dia nem como júbilo da colheita; ele surge marcado, preferencialmente, por uma experiência dolorosa da memória. A lembrança é penosa e é penoso o recordar-se.<sup>236</sup>

<sup>234</sup> CACASO *apud* SOUZA. *Tempo de pós-crítica*. p. 15.

<sup>235</sup> DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. <http://www.dicio.com.br/recordar/>. s.p.

<sup>236</sup> NASCIMENTO; GLENADEL. *Em torno Jacques de Derrida*. p, 176.

Ainda assim ao passo que é doloroso recordar-se de algo já que as memórias afetivas são dolorosas tal como pontuam Evando e Paula, recordar também pode levar o sujeito ao estado de felicidade, como indica Cacaso, pois memória e projeto, neste caso, caminham *pari passu*.

Quando penso em dor, a pesquisa em torno da vida de Eneida me levou ao ano de 1995, em que o Brasil, sob a gestão de Fernando Henrique Cardoso sofreu uma reforma previdenciária. O reflexo dessa reforma atingiu, com uma força devastadora, a educação, principalmente nas universidades. Nesse momento de crise política e instabilidade os professores universitários foram sumariamente cortados de seus cargos. Explico-me: a reforma (PEC 33/95) proposta por Fernando Henrique permitia que as pessoas se aposentassem com idade inferior à permitida, caso o assegurado tivesse tempo de contribuição. Essa reforma cortava gastos naquele momento e cortaria gastos futuramente. Assim, professores da instituição pública foram obrigados a se aposentar, ainda que quisessem continuar em pleno exercício.

Pesquisando como isso atingiu a sociedade naquela época, encontrei o Blog da professora Cynthia Semíramis<sup>237</sup>. No dia 17 de Agosto de 2010, Cynthia publica um *post* com o seguinte título “Lembranças: vida universitária no governo FHC”, me chamou atenção porque Cynthia foi acadêmica da UFMG, mesma Universidade que Eneida e um dos trechos que me ajudam a explicar o que quero dizer é:

Lembro-me da aposentadoria em massa dos professores da Escola de Música, pois estavam sendo implantadas novas regras para trabalho e previdência que seriam ruins para os docentes. Mais tarde, vi o impacto dessas aposentadorias na Faculdade de Direito: as vagas deixadas em

---

<sup>237</sup> Doutoranda em Direito na UFMG, com período de doutorado-sanduíche na Universidade de Bolonha. Bacharela e mestra em Direito. Pesquisa história dos direitos das mulheres, com destaque para controle jurídico da sexualidade feminina, laicidade, violência contra mulheres, direitos das prostitutas. Mora em Belo Horizonte-MG. (extraído do blog) <https://cynthiasemiramis.org/2010/08/17/lembrancas-vida-universitaria-no-governo-fhc/>

aberto pelas aposentadorias foi preenchida em sua maioria por concursos de professores temporários (os famosos professores substitutos). Alunos de pós-graduação ou bacharéis em Direito sem pós-graduação (não havia cursos de especialização, havia pouquíssimas vagas de mestrado e doutorado na UFMG, e o mestrado da PUC-MG só foi implantado em 1997) eram contratados como professores substitutos, recebendo um salário de R\$300,00 (baixo, mesmo para a época) para ministrar aulas. Como professores temporários ficavam somente em sala de aula, não desenvolviam pesquisa. As poucas vagas abertas para professores efetivos exigiam dedicação exclusiva, com salários baixíssimos e sem recursos de nenhum tipo para desenvolver pesquisa.<sup>238</sup>

As mudanças econômicas afetaram a sociedade num todo. Eneida não cita tais acontecimentos diretamente, mas ao passo que vamos lendo, nos aprofundando na história, conversando com um amigo em comum, outro nem tanto, mas que viveu para ver, as peças vão se desembaralhando e o traço, bem como o rastro do que é/foi a vida de Eneida é inscrito a cada linha. A dor do que se vive se transfere para a escrita. Segundo a autora

E essa situação reveste-se, para mim, de uma dupla alegria, ao declarar que, emocionalmente e imaginariamente, jamais me ausentarei desse lugar de origem, apesar de ter-me afastado, efetivamente, do convívio da sala de aula, das reuniões ou das conversas do corredor com os colegas. O deslocamento físico nunca foi parâmetro para se medir o afastamento, quando se preserva o sentimento de pertencimento a uma instituição, estimulado pelo compromisso com o trabalho ininterrupto de formação intelectual, trabalho este que o ato de aposentadoria não é capaz de estancar.<sup>239</sup>

Por sugestão de uma amiga<sup>240</sup>, durante as discussões das aulas fui buscar a etimologia da palavra aposentadoria. Consultei o site “Origem da palavra” e de acordo com ele, “a palavra deriva do latim *pausare*, ‘parar para descansar’”. Ao que tudo indica, Eneida não parou para descansar, está mais ativa do que nunca escrevendo, publicando, dando cursos, visitando universidades e mais do nunca repensando teorias. A aposentadoria forçada e recordada na dor, não estancou o trabalho sério, político e cultural desenvolvido pela crítica brasileira.

<sup>238</sup> SEMÍRAMIS. “Lembranças: vida universitária no governo FHC”. s.p.

<sup>239</sup> SOUZA. *Tempo de pós-crítica*. p, 125.

<sup>240</sup> Amiga querida Francine Rojas.

A palavra recordar também me chama atenção. Durante as disciplinas do mestrado li um texto chamado “Che cos’è la poesia?” de Jacques Derrida, emocionei do início ao fim do texto. Lá Derrida discorre sobre a palavra decorar, que pressupõe o saber de cor. Aprender de coração.

“aprender de cor” (a ser aprendido de cor), já não denomina apenas a pura interioridade, a espontaneidade independente, a liberdade de atingir-se ativamente reproduzindo o rastro amado. A memória do “de cor” entrega-se como uma oração, é menos arriscado, a uma certa exterioridade de autômato, às leis da mnemotécnica, a essa liturgia que imita superficialmente a mecânica, ao automóvel que surpreende sua paixão e avança sobre você como se viesse do exterior: auswendig, “de cor” em alemão.

Logo: o coração lhe bate, nascimento do ritmo, para além das oposições do interior e do exterior, da representação consciente e do arquivo abandonado. Um coração se abate, nos atalhos ou estradas, livres da sua presença, humilde, próximo da terra, bem baixo. Reitera murmurando: nunca repete... Em um só algarismo, o poema (o aprender de cor) sela juntos o sentido e a letra como um ritmo espaçando o tempo.<sup>241</sup>

A passagem grande, descreve aquilo que eu não poderia dizer. O que posso dizer é que tal como Derrida fala da poesia, o memorial de Eneida, enquanto poesia da vida, passa pelo processo de recordar, reaprender de coração, selando na escrita o que ela viveu, espaçado pelo tempo.

Ao passo que Eneida passa pelo sofrimento do recordar, também se propõe a conquistar o título de professora emérita como consolidação de um projeto maior. Você, leitor, deve ter se perguntado há algum tempo atrás o que eu quis dizer quando mencionei que “entendi que tal obra vem sinalizar o maior avanço teórico de Eneida e é disso que se trata o memorial”. Na verdade, acredito que você ficou se perguntando o que seria o maior avanço teórico de Eneida. Pois ao reler e rearticular peças importantes do meu pensamento, entendo que este livro trata de tudo o que Eneida disse, diz e ainda vai dizer.

O que quero pontuar é que neste livro Eneida consegue sinalizar a preocupação com o avanço das teorias e a importância do que é ser pós e do que é

---

<sup>241</sup> DERRIDA. “Che cos’è la poesia?”, p. 115.

ser eu. Acho importante quando o intelectual tem a consciência do papel que desenvolve no lugar de onde fala, foi por isso que escolhi a epígrafe que abre este terceiro capítulo. Deixei para comentar dela somente aqui, porque queria falar dela em conjunto com o livro. Na verdade, acho bonita a fala de Eneida, pois este é seu discurso como professora emérita. E tendo consciência deste papel, Eneida busca pontuar os momentos da sua vida acadêmica que levaram ela chegar a tal lugar.

A revitalização intelectual a que Eneida está condicionada se torna dupla ao passo que meu bios tem a vida da autora como condição. E na dupla consciência, o processo de bilinguajamento<sup>242</sup> possibilita que as memórias, que aqui se encontram, atuem.

---

<sup>242</sup>“memórias duais, memórias articuladas em duas ou mais línguas, e não por meio de uma tradição disciplinar” Memórias que permitem o repensar crítico e nos levam ao processo de descolonização. MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p. 362.

### 3.9. Leituras pós e afinidades indiscretas

O que, na realidade, significa ser um autor brasileiro hoje? Ou esta pergunta carece sentido? Qual seria a aspiração de qualquer autor que se preze, a de ser reconhecido apenas no país de origem ou no resto do mundo?

SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 251.

Se tais perguntas deixam o leitor inquieto, saiba que me deixaram também. A Eneida é assim, pelo menos comigo, me provoca, me toca, me emociona e a partir de suas obras me convida a pensar. A pergunta clássica “Quem é o autor?” retoma a teoria da recepção, proposta pelos pensadores clássicos da literatura, isso é visível, mas olhar enviesado de Eneida, não permite uma leitura tão simples. As impressões biogeográficas estão atravessadas pelo pensamento cultural contemporâneo da autora.

O livro *Janelas indiscretas* é sintomático para mim por questões afetivas e por questões críticas que mudaram a minha visão enquanto pesquisadora. Sobre as questões afetivas, decorre do fato de que tal livro foi o primeiro que adquiri, aliás, que ganhei de meu pai assim que entrei para o Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC, no final ano de 2011, o que coincidiu, alguns meses depois com a vinda de Eneida à Campo Grande, em março de 2012, primeira vez que a vi e ganhei um autógrafo seu, tal como já mostrei no CAPÍTULO II, ao traçar nossa amizade.

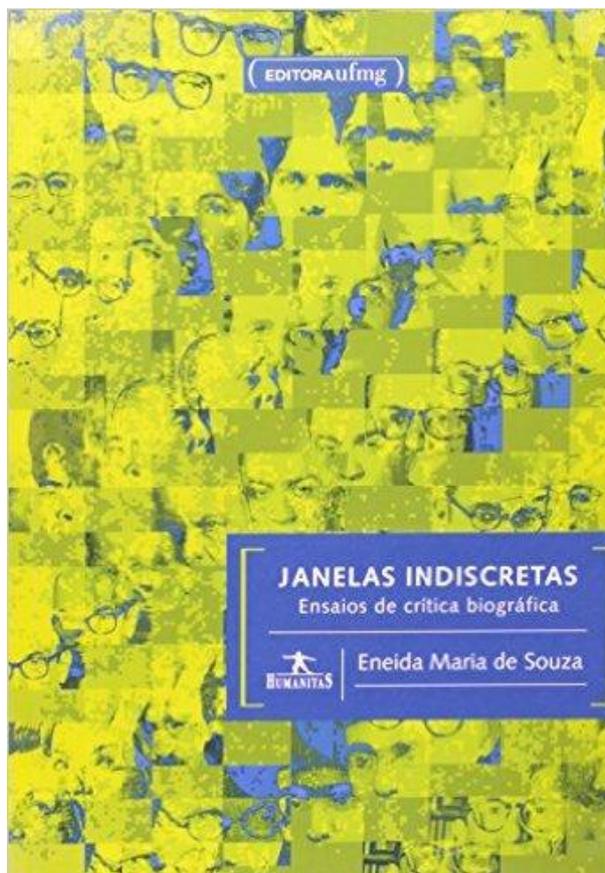


Figura 17: foto da Capa do livro  
Fonte: acervo pessoal

Sobre as questões críticas, o livro se tornou importante, pois na época em que comprei-o ainda estava em processo de compreensão do que era a crítica biográfica, era primeiro contato de imersão na obra de Eneida. Confesso que foram muitas e muitas leituras até chegar à compreensão que tenho hoje e que ainda não é total, nunca é. A cada releitura, algo me chama atenção.

Para que o leitor entenda, o livro *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica* reúne uma coleção de ensaios publicados por Eneida, com a mesma temática: o *bios* é o que gira em torno de tal termo. Não há como olhar o livro e não fazer referência direta ao filme americano *Janela indiscreta*, do ano de 1955, momento retratado no livro (década de 1950), dirigido por Alfred Hitchcock.

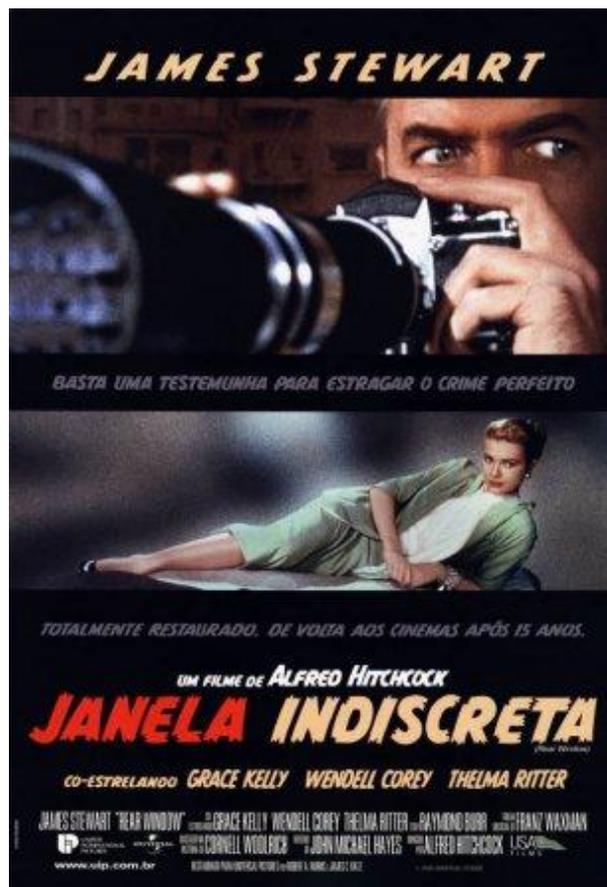


Figura 18: Cartaz do filme

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-983/>

Na trama James Stuart, no papel L.B. Jeffries, interpreta um fotógrafo profissional, que ao quebrar a perna durante o trabalho é obrigado a ficar em casa até ficar bem. Na falta de opções para diversão, passa a “bisbilhotar” a vida de seus vizinhos com um binóculo. Nesse jogo de querer saber da vida do outro, espiando pela janela sem que ninguém saiba, passa a suspeitar da autoria de um assassinato que foi cometido, com base no que vê.

Tal como Jeffries no filme, Eneida no livro, elenca um série de personalidades da década de 50 com as quais articula reflexões teórico-crítica-ficcionais sob o viés da linha tênue: vida/obra. Compondo, assim, a cada ensaio, um exercício voyeurístico importante quando se pensa na articulação deslocada proposta pela crítica biográfica, reforçando o pensamento transtextual. Até mesmo a capa do livro dialoga com o cartaz do filme. Já que tal como no cartaz, Eneida seleciona somente

os olhares das personagens que elenca. Selecionar olhares sinaliza a forma como Eneida enxerga cada um de seus eleitos. Além disso, a capa do livro é como uma bricolagem de fotos 3x4, indicando desde o início o cunho arquivístico que o livro tem.

A apresentação do livro traça uma ideia importante do que a autora buscou privilegiar na obra, nela a autora comenta sobre a felicidade de publicar tal livro, pois ele resulta de pesquisas desenvolvidas nos últimos anos a fim de “aprimorar questões teóricas e exercitar a criação de perfis literários” <sup>243</sup> E de fato, Eneida propõe um exercício de criação, visto que a cada página escrita, a possível visão que cada leitor tem das personagens eleitas passa a ser desfeita, porque os arquivos e memórias deixados revelam a afetividade imbricada nesses bios, de acordo com Eneida:

A sedução pelos manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondência, diários de viagem e fotos tem como contrapartida a participação efetiva do pesquisador para a construção de ensaios de teor biográfico. A tarefa a princípio simples, reveste-se de complexidade, por se tratar de uma prática narrativa que une objetividade com estilo pessoal, concisão com clareza expositiva. No exercício desta prática, o apelo ao ficcional atua como procedimento que formaliza o texto e o molda segundo princípios comuns à arte da escrita. <sup>244</sup>

Tal exercício carregado de uma epistemologia trans revela a propriedade com que a autora trata cada uma das personagens por ela elencadas. A narrativa da qual Eneida se reveste e desenvolve na maior parte de sua carreira como professora é que da mote para que a minha dissertação seja escrita.

O que quero dizer aqui e que talvez corrobore com a fala de Eneida é que não basta falar do outro e que não basta falar de teoria, ambas vertentes devem andar juntas, daí a necessidade de repensar a crítica biográfica durante os anos de trabalho e a necessidade de continuar a repensá-la, inclusive como não mais como

---

<sup>243</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.

<sup>244</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.

crítica, mas talvez como uma trans-crítica biográfica, se se levar em consideração a importância que o escritor, o intelectual o crítico tem ao desenvolver tal pesquisa, já que neste sentido consegue romper em pleno exercício da escrita com os pressupostos literários que ditavam as características de um texto literário ou não, bem como rompem com o academicismo velado que ainda impera nas universidades e principalmente nas escolas, no que diz respeito as aulas de literatura.

“Nesse sentido, há maior liberdade criativa por parte do crítico, por revigorar o enredo narrativo e permitir associações entre texto e contexto, obra e vida, arte e cultura”<sup>245</sup> Pois aqui o pensamento já é atravessado, a narratividade já é um reflexo argumento teórico, bem como a teoria já conversa com a ficção. Neste sentido a crítica aqui não é emblema de fruição, nem a literatura contempla “arte pela arte”, o livro proposto por Eneida buscar realizar o trabalho de composição do sujeito “biografado” sem aproximações ingênuas.

Outro destaque dado por Eneida neste livro foi a eleição pela crítica latino-americana. O arquivo latino lê as teorias biográficas na diferença, porque tal como aponta no capítulo I, a leitura da América Latina busca ser feita a partir daqui, por tal motivo, retomo que Mignolo diz aqui lê-se na diferença. Eneida lê na diferença, o cunho pós-ocidental e fronteiro marca a escrita do livro *Janelas indiscretas*, segundo Eneida:

O arquivo da crítica latino-americana sobre o texto autobiográfico foi de extrema importância para o desdobramento de questões ligadas à leitura desconstrutora e pós-colonialista, realizada por representantes das consideradas literaturas periféricas. Em diálogo mais aberto com essas questões teóricas, a bibliografia fornecida por pensadores da cultura latino-americana ampliou a perspectiva teórica dominante, qual seja a europeia, sempre voltada para uma preocupação etnocêntrica e sem interesse pelas demandas próprias dos países emergentes.<sup>246</sup>

---

<sup>245</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 09.

<sup>246</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 10.

O jogo construído por Eneida descarta qualquer coincidência, ao trazer pensadores como Freud para trabalhar em seu livro, traz *pari passu* a conversação latina, por isso suas aproximações não são ingênuas. Neste sentido a crítica biográfica ganha estofa e corre no bojo da teorias advindas do pensamento marginal que é o pensamento latino.

As impressões de incorre no lócus originário, logo a sua predileção pelos autores e pensadores latinos se destaca desde o início da sua produção, quando a predileção por falar da obra *Macunaíma* ganha destaque na escolha da obtenção do título. Bem como aparece em demais textos, a inclinação por falar de Borges, Silviano, Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião dentre outros é uma constante na ensaística “eneidiana”.

Para mim o livro *Janelas indiscretas* coroa uma série de pensamentos iniciados no livro *Crítica cult*, pois a criação dos perfis literários incorrem para a construção do perfil literário de Eneida que tenho buscado construir nesta dissertação, até aqui. Percebi que a minha amizade com Eneida está traçada por “um objetivo comum: articular temas construídos nas obras com eventos pessoais e tentar, principalmente, enlaçar as múltiplas paixões que regem tanto a vida como a literatura.”<sup>247</sup> [crítica]

---

<sup>247</sup> SOUZA. *Janelas indiscretas*, p. 13.



**CONCLUSÃO  
GRATIDÃO DA REESCRITURA**

Ao processar a colagem narcísica dos fragmentos na busca do todo sem rasuras, o restaurador torna-se escravo de seu gesto onipotente. A única maneira de sair do buraco é quebrar o vaso, libertar-se do vazio que o prende, *desfazendo* o trabalho realizado.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 26.

Pensar com leveza em alguma mudança traz ainda um pouco de consolo.

SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 142.

A escrita tem sido meu processo de cura, (des)conhecimento, (des)aprendizagem, de saber o que é amar. Tem sido o pouco de consolo a minhas inquietações. As emoções sempre permearam a minha vida. Sentimental pelo zodíaco, já que sou uma pisciana convicta, hoje sei que não poderia falar sobre outra coisa, que não o amor na escrita de minha dissertação. Ao longo do mestrado entendi que a minha escrita seria a minha transferência em palavras da minha vida. A intenção inicial não era falar sobre o amor, nem de mim. Queria mesmo colocar no papel palavras que pudessem expressar a admiração e gratidão por alguém, que mesmo sem saber, mudou o meu olhar acadêmico e profissional.

No percurso do mestrado, percebi que tudo isso fazia parte de um sentimento maior e que o mesmo não poderia passar despercebido em minha escrita, porque a minha dissertação é uma extensão daquilo que me constitui enquanto sujeito. Dessa forma, falar de mim já não era mais uma opção e sim uma condição para que tal trabalho se desenvolvesse.

Esta dissertação trata-se da biografia crítica da autora, intelectual, escritora, professora mineira Eneida Maria de Souza, que você já conhece. A ideia de escrever uma biografia surgiu primeiramente por não haver um trabalho consistente em nível de mestrado sobre Eneida e isto se configurava um contrassenso (a meu ver), considerando que a professora tem contribuído significativamente com a crítica literário-cultural contemporânea brasileira.

Depois, ao me aprofundar nas leituras e perceber que a biografia é o ponto de partida das ideias da autora, a vontade de falar de tal vida se tornou maior. Mas não mais uma biografia. A pluralidade, a diversidade e a transdisciplinaridade de

Eneida exigiram de mim um olhar mais apurado, de modo que surgiu o termo *biografia crítica*, sugerido pelo meu orientador. O termo foi inspirado na crítica biográfica e que me ajudou a pensar melhor a trabalho com o *bios* em questão.

A epígrafe da página de abertura muito me toca. Porque chegar ao fim desta dissertação significa colocar em pauta tudo aquilo que disse até agora. Busquei a cada página ser fiel a Eneida, ser fiel a mim mesma e construí o texto que você, leitor, acabou de ler. E agora? Como concluir? Como concluir aquilo que não tem fim? Eu protelei ao máximo chegar a esta parte da escrita porque, no fundo, eu já imaginava que seria “dolorido”. Ao longo do texto escrevi que quando escrevo estou viva, amo. Mas e se eu parar agora? O amor terminará? Não vou mais falar de mim? E o meu processo de cura, será interrompido assim? E as afinidades que criei?

No fim do livro *Clarice Lispector pintora*, de Marcos Bessa-Oliveira, que já citei em outro momento desta dissertação, o autor questiona-se, estabelecendo uma leitura comparatista com o texto da professora Marta Oliveira, qual a importância de sua pesquisa. Ao ler esse trecho, antes mesmo de chegar ao terceiro capítulo da minha dissertação, fiquei pensando em como articularia a minha conclusão. A verdade é que a pergunta feita por ele incomodou: qual a importância da minha pesquisa? Qual a importância desta pesquisa a partir da vida de Eneida Maria de Souza enquanto biografia crítica?

Conclusões não precisam ser necessariamente rompimentos. Se tem uma coisa que aprendi com Eneida é que é necessário desconfiar de tudo, mas principalmente saber lidar com tudo que a mim aparece. Desta forma encaro esta conclusão como uma metáfora que me direciona a pensar em meu momento pós-crítico. Aliás, vejo-a como um exercício.

Enxergo a conclusão como um momento de reflexão, de repensamento crítico, de posicionamento. Na releitura que consiste o processo da escrita final percebi que já não sei mais quando estava mentindo ou quando falei a verdade. Não fiz um endeusamento Eneida, é verdade. Mas fiz dela uma amiga política para os momentos de indecisão e incompreensão intelectual. O desejo de falar de outra vida, da vida de Eneida, hoje se traduz como uma atitude necessária que me levou a compreender a momento que vivo. Por isso, entendo que aqui devo realizar um exercício *locusbiocrítico*, reflexivo acerca do que tenho buscado construir.

Quando penso em exercício, penso na retomada crítica, no resgate de ideias do meu texto, dos conceitos trabalhados, do percurso seguido. Acredito que ao realizar este trabalho posso dar ao leitor um panorama da minha leitura, bem como desfazer algumas ideias que, agora, já não tenho mais tempo de articular.

Desse modo, no primeiro capítulo desta dissertação, “ENEIDA MARIA DE SOUZA: para um debate *locusbiocrítico*”, busquei traçar uma linha teórica, dorsal, a fim de mostrar ao leitor que ao me propor realizar uma biografia crítica não queria contar mais uma história de vida, mas mostrar como as teorias foram capazes de dialogar com a vida que me escolheu. Assim, por meio de uma leitura conceitual apresentei Eneida ao leitor, apresentei-me, contei nossas histórias e como nos tornamos – eu e Eneida – condição, uma na vida da outra.

Expus as minhas razões e busquei enredar a minha discussão a partir de uma visada pós-ocidental, por acreditar que ao me valer desta teoria, permito abrir minha discussão a lugares outros, sem deixar-me levar por uma ideia binarista, excludente, bairrista. Penso que deixei isso claro quando disse que

Encontrei em Eneida uma forma de pensar no meu lugar de enunciação, Eneida Maria de Souza representa hoje uma chave para articular a minha discussão sobre esse lugar marginal em que eu vivo. É na tentativa de transpor as barreiras coloniais que enxergo Souza, como uma alternativa de pensar na/da academia *fora do lugar* escolástico, marcado por uma

colonialidade do saber que se instaurou e ainda hoje define aquilo que é ou não cultura, o que é ou não literatura.<sup>248</sup>

Esta passagem sinaliza não só o progresso da minha discussão crítica, como também meu amadurecimento intelectual. Chegar a este pensamento exigiu ler e reler Mignolo muitas vezes e entender que não existe melhor ou pior, existe um lugar e é necessário ter expertise para saber ler cada um, ou melhor, ler de cada lugar. A América Latina me mostrou isso. A escrita destas páginas passou por paragens, passagens, lugares outros que me levaram a perceber a heterogeneidade dos diferentes *lóci*. A experiência latina mostrou-me também que a América Latina da qual falo, jamais será a América Latina de onde falam os peruanos, os quéchuas, os colombianos.

Ensinou também que a Eneida que leio é diferente da Eneida que leem em Minas Gerais, diferente da Eneida que leem na Bahia, da que leem no Rio. A minha Eneida é marcada pela fronteira seca que me permitiu *atravesar* e ser *atravesada*. Esta fronteira muito me marca e sinto falta de não articular este conceito por uma mirada outra. Se eu fosse escrever este texto novamente, a fronteira seria do início ao fim mais presente em meus debates.

Por exemplo, quando falei em crítica biográfica, trabalhei este conceito atrelado ao conceito de pós-ocidental. Ao fazer esta leitura considerei que o termo pós-ocidental seria o melhor dialogaria com o meu pensamento. Hoje, acredito que trabalhar o conceito crítica biográfica fronteiriça poderia me abrir os olhos para questionamentos que outrora não me pareciam tão relevantes. Eneida na fronteira não é articular a minha articulação fronteiriça, seria articular o discurso fronteiriço de uma mulher numa universidade que vive aos arrabaldes do país.

---

<sup>248</sup> TORRES. *Entre Eneidas e Camilas*, p. 59.

Trabalhei também o conceito de *locusbiocrítico* no primeiro capítulo que foi fundamental para desenvolver toda articulação posterior a ele ao longo da dissertação. Este conceito que desenvolvi, hoje, me ajuda a problematizar novos questionamentos acerca do *bios*, bem como é o *leitmotiv* para que eu pudesse pensar em uma biografia crítica. Sem este conceito, que está atravessado por tanto outros, como explanei nas páginas iniciais, a ideia de biográfica crítica poderia vir a ruir, porque ao me propor escrever desta forma, correria o risco de cair na banalização, no “achismo”, ou até mesmo em contradição.

Ir arredondando este conceito me permitiu olhar para Eneida de forma ímpar e compreender que pensar a partir de significa ir além das leituras propostas pela orientação. Escrevi assim:

A minha cultura é um misto de gente, cores, sabores. O lugar é de passagens, paragens, margem que não se define, a não ser que se considere o todo. Aliás, há que se considerar o todo. Não há como me esquecer de que estou fincada aqui, é uma condição fronteira. Como diria Hugo Achugar, não é possível “refletir sobre o imaginário de nosso tempo sem descrever o lugar a partir de onde se fala ou se reflete e sem deixar de inscrever o lugar a partir de onde se fala naquilo que se fala.”<sup>249</sup>

Essa perspectiva de lugar levou-me a olhar para minha discussão com cuidado. De modo que só busquei escarafunchar a vida de Eneida no segundo capítulo, intitulado “DOS (MEUS) PLURIARQUIVOS: a memória fronteira em Eneida Maria de Souza”. Isso porque, no segundo capítulo, já tinha esboçado a dinâmica da minha leitura. Seria por uma epistemologia crítica biográfica pós-ocidental.

Ter tal conceito em mente guiou a minha articulação. Porque ainda que eu tivesse fotos, cartas, dedicatórias busquei manter da intelectual mineira um distanciamento saudável. Construí então com Eneida uma amizade metafórica consolidada pela memória afetiva dos objetos que dispunha. Como sinalizei em

---

<sup>249</sup> TORRES. *Entre Eneidas e Camilas*, p. 46.

outro momento abri o arquivo que a mim fora deixado e como arconte desta vida dada a mim como herança.

Neste capítulo detive-me na consolidação do *bios* de Eneida pelo arquivo que tinha acesso, sendo que a maior parte dele era minha. Autógrafos, livros, dedicatórias e fotos resgataram a construção do imaginário amistoso que permeiam minha vida e a de Eneida. Quis trabalhar aqui a ideia de que a minha amizade também esta pautada pela fronteira e que o espaço biográfico em que construo este trabalho estão condicionado pelas sensibilidades e paisagens.

Abri espaço aqui, já que estava no campo da amizade e das memórias, para travar a amizade de Eneida com Silviano Santiago e com Jorge Luis Borges, por entender que a afinidade intelectual e pessoal com ambos se dá numa linha parecida com a minha. Essa rede de amizades se entrelaça e leva ao leitor metaforicamente a amizade enquanto processo de construção do saber e como processo de admiração, sem, no entanto, deixar de ser política.

Por fim, no terceiro capítulo, “O FASCÍNIO PELO EXERCÍCIO DA CRÍTICA”, ainda pensando nas memórias afetivas e na articulação crítica, busquei travar um diálogo das obras com a vida de Eneida, bem como o que essas obras carregam de mais importante de acordo com suas publicações. Escolhi as obras autorais, por uma questão de organização didático-metodológica, visto que trazer os textos organizados por Eneida deixariam a dissertação demasiado extensa.

Depois de ter escolhido o recorte a ser trabalhado, procurei organizar estas obras por data de publicação, mas também por afinidade, contando ao leitor como se deu a minha aproximação com as mesmas. Aproximando para distanciar consegui elencar em cada obra aquilo que mais chamou atenção, ou o que deu mais

destaque a Eneida, como o livro *Crítica cult*, que ainda é objeto de pesquisa de muitas pós-graduações no país.

Penso que neste capítulo poderia ter me detido mais na questão América Latina e da transfronteridade, como era minha ideia a princípio, por outro lado, construir uma biografia crítica e não elencar as obras de Eneida Maria de Souza, como fiz, poderia ser um contrassenso. Ao mesmo tempo, muito embora eu não tenha me detido no conceito de transfronteridade em si, sei que a minha leitura está atravessada por ele, porque as obras de Eneida trazem em si uma discussão muito particular que leva o leitor a realizar um exercício pessoal de abertura disciplinar. E é nesse momento que volto à pergunta que me incomodou ao ler o livro do professor Marcos. Qual a (des)importância desta pesquisa?

Não me sinto a vontade para sinalizar uma única contribuição, parece-me pretensioso. Dessa forma, entendo que a minha pesquisa incita que outros leitores fronteiriços possam dialogar mais desse lugar que é tão particular. Que ao engendrar os meus pensamentos, estabeleço meu compromisso de dialogar com a produção crítico-literária-cultural do Estado. Entendo também que a pesquisa leva-me a refletir que *bios* e crítica são indissociáveis, porque o ser humano não se estabelece leituras únicas.

Da elaboração desta dissertação restou uma enunciação particular. Ao tomar nota de tudo, percebi que a leitura que estava sendo feita era uma dentre as tantas que poderiam ser escritas, logo a biografia crítica vem justamente desbaratar a ideia de biografia convencional e que tem caráter de verdade. A (parte da) biografia que escrevo é de minha construção. Por esse motivo, me vali de Silvano Santiago ao escrever: “posso estar mentindo, posso estar falando a verdade”. E nesta linha de

pensamento, escrevi sobre minha Eneida, a Eneida que me toca, que me tem feito evoluir enquanto ser humano.

## REFERÊNCIAS

Eneida: Bem, que vocês continuem levando a sério a crítica literária. Acredito muito no avanço metateórico da crítica. O professor universitário deveria sempre se apoiar na tradição acadêmica legada pela instituição para desconstruí-la, porque só assim se concebe a força de um pensamento revolucionário e atuante. [...] essa empreitada possibilita a compreensão, por parte dos alunos, de vazios e desafios a serem enfrentados daqui pra frente.

SOUZA. Entrevista – *Tempo de pós-crítica*, p. 24.

### A. DA AUTORA

SOUZA, Eneida Maria de Souza. Nacional por abstração. *In*: Revista semear 3. Disponível em < [http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/3Sem\\_08.html](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/3Sem_08.html) > Acesso em 26 de Out. 2015.

SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. 2 ed. rev e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. (*Humanitas*)

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cultural: tendências, conceitos e debates. Entrevista especial com Eneida Maria de Souza*. *In*: IHU- Unisinos. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10219%20critica-cultural-tendencias-conceitos-e-debates-entrevista-especial-com-eneida-maria%20de%20souza> > Acesso em 26 de Out. 2015.

SOUZA, Eneida Maria de. Ficções impuras. *In*: Z cultural: revista do programa avançado de cultura contemporânea. Ano X 02. 2º semestre. Disponível em: < <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/ficcoes-impuras/> > Acesso em 26 de Out. 2015.

SOUZA, Eneida Maria de; LAGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos. *Figurações do Íntimo: ensaios / organizadores Eneida Maria de Souza, AdelaineLaGuardia, Anderson Bastos Martins*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 262.

SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (Orgs.). *Sobrevivência e devir da leitura*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, v. 1.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (*Humanitas*)

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. (*Humanitas*)

SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. 2. ed. rev. conforme novo acordo ortográfico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007. (Coleção Obras e Dobras). 168 p.

SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Austran Dourado*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG; Curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, 1996. 114 p. (Encontro com escritores mineiros; 2).

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: risco da memória*. Juiz de Fora (MG): FUNALFA, Edições, 2004. 136p:Il.

SOUZA, Eneida Maria de. Prefácio do livro *Todas as cidades, a cidade*. In: GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. Retratos de Clarice. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*. Apresentação de Edgar Cézar Nolasco. Prefácio de Eneida Maria de Souza. São Paulo: Intermeios, 2013. 314 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993. 171 p.

SOUZA, Eneida Maria de; ASSUNÇÃO, Antônio Luiz; BOËCHAT, Melissa Gonçalves (Orgs.). *Corpo, arte e tecnologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

## B. SOBRE A AUTORA

ALKMIN, Paula. *Na carruagem com Eneida Maria de Souza*. In: DIVERSA REVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Ano 12 N. 20 – abril de 2013. Disponível em < <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-eneida.html> > Acesso em 26 de Out. 2015.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; FERREIRA, Rony Márcio Cardoso. Entrevista – Professora emérita Eneida Maria de Souza. In: *NECC entrevistas: intelectuais em foco*. Disponível em: <<http://neccentrevistas.blogspot.com.br/>> Acesso em 26 de Out. 2015.

QUEIROZ, Vera. Matrizes críticas e teóricas na obra de Eneida Maria de Souza. Disponível em: <[http://intranet.ufsj.edu.br/rep\\_sysweb/File/vertentes/Vertentes\\_32/vera\\_queiroz.pdf](http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_32/vera_queiroz.pdf)> Acesso em 26 de Out. 2015.

IHU ON-LINE. Crítica cultural: tendências, conceitos e debates. Entrevista especial com Eneida Maria de Souza. s.p. <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/10219-critica-cultural-tendencias-conceitos-e-debates-entrevista-especial-com-eneida-maria-de-souza>>

SIQUEIRA, Ana. Resenha do livro “Crítica cult” de Eneida Maria de Souza – A crítica da crítica: livro da Editora UFMG reúne ensaios culturais. In: *Boletim UFMG*. N 1361. Ano 28 – 08.08.2002. Disponível em <

<http://observatoriodacritica.com.br/arquivos/resenhas/1.Resenha%20do%20livro%20Cr%C3%ADtica%20Cult%20de%20Eneida%20Maria%20de%20Souza%20publicad a%20no%20Boletim%20UFMG%20em%2008082002.pdf> > Acesso em 26 de Out. 2015.

TORRES, Camila; LEITE, Washington Batista. Entre espaços, objetos e espectros: Figurações do íntimo. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Eneida Maria de Souza: uma homenagem*. Campo Grande - UFMS, v. 6, n.12, Jul/Dez 2014. p. 121 – 142.

TORRES, Camila. A intelectual Eneida Maria de Souza. In: *O objeto de desejo em tempos de pesquisa: projetos críticos na pós-graduação III*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 21 – 26.

TORRES, Camila. ENEIDA MARIA DE SOUZA ENTRE AFETOS E AÇÚCAR: uma biografia crítica. In: ANAIS III COLÓQUIO NECC ENTRELUGARES PÓS-COLONIAIS. CAMPO GRANDE: EDITORA UFMS, 2014. v. 3

TORRES, Camila. ENEIDA MARIA DE SOUZA: caminhos da crítica. In: Encontro de Estudos Literários da UEMS, 2014, CAMPO GRANDE. V Encontro de Estudos Literários da UEMS: Questões em torno do marginal: entre a tradição e a inovação. CAMPO GRANDE: UEMS, 2014. v. 1. p. 05-14.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Eneida Maria de Souza: uma homenagem*. Campo Grande - UFMS, v. 6, n.12, Jul/Dez 2014. p. 121 – 142.

### C. GERAIS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mario Laranjeira; revisão da tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins fontes, 2005. (Coleção Roland Barthes).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*. Apresentação de Edgar César Nolasco. Prefácio de Eneida Maria de Souza. São Paulo: Intermeios, 2013. 314 p.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOECHAT, Melissa Gonçalves. A voz do íntimo na literatura latino-americana: mito, música e natureza na construção identitária de *Los ríos profundos*. In: SOUZA, Eneida Maria de; LAGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos. *Figurações do Íntimo: ensaios/ organizadores Eneida Maria de Souza, Adelaine LaGuardia, Anderson Bastos Martins*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Estudos culturais*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 1, n. 1, jan./ jun 2009.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Literatura comparada hoje*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v.1, n. 2, jul./ dez 2009.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Crítica contemporânea*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v.2, n. 3, jan./ jun 2010.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Crítica biográfica*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 2, n. 4, jul./dez. 2010.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Subalternidade*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 3, n. 5, jan./jun. 2011.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Cultura local*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 3, n. 6, jul./dez. 2011.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Fronteiras culturais*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 4, n. 7, jan./jun. 2012.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Eixos periféricos*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 4, n. 8, jul./dez. 2012.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. Pós-colonialidade. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 5, n. 9, jan./jul. 2013.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Memória cultural*. Campo Grande-MS: Ed UFMS, v.5, n. 10, Jul/Dez. 2013.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Silviano Santiago: uma homenagem*. Campo Grande-MS: Ed UFMS, v. 6, n. 11, Jan/Jun 2014.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS. *Eneida Maria de Souza: uma homenagem*. Campo Grande - UFMS, v. 6, n.12, Jul/Dez 2014. p. 121 – 142.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. Disponível em: <http://people.duke.edu/~wmignolo/InteractiveCV/Publications/Teoriassindisciplina.pdf>  
Acesso em 10 de Jan. 2015.

CORACINI, Maria José R. F. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2. n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 9 – 24 p.

COUTINHO, Eduardo F. Criação e crítica: reflexões sobre o papel do crítico brasileiro. Disponível em:

<[http://www.seminariosmv.org.br/2009/textos/09\\_eduardo.pdf](http://www.seminariosmv.org.br/2009/textos/09_eduardo.pdf)> Acesso em 24 de Jun 2016.

DERRIDA, Jacques. *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée, 1997 (Adeus a Emmanuel Lévinas. São Paulo, Perspectiva, 2004)

DERRIDA, Jacques. *Che cos'è la poesia?* (1988), trad. Tatiana Rios e Marcos Siscar, *Inimigo Rumor*, 10 (maio 2001), p. 113-116

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Trad. de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã... diálogo*. Tradução André Telles, revisão técnica de Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

GENETTE, Gerard. *Umbrables*. Trad. Susana Lage. México: Siglo XXI, Editores, 2001.

GOULART, Rodrigo Fortunato. A relação do sujeito de direito com o outro que ainda "não é". Disponível em: < [http://www.anima-opet.com.br/pdf/anima1/artigo\\_Rodrigo\\_Fortunato\\_Goulartx\\_a\\_relacao.pdf](http://www.anima-opet.com.br/pdf/anima1/artigo_Rodrigo_Fortunato_Goulartx_a_relacao.pdf) > Acesso em: 29 de set. 2015.

GUERRA, Vânia Maria Lescano; NOLASCO, Edgar César. (Orgs.). *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

GUIDA, Angela Maria. *Os desdobramentos do olhar: um diálogo com a alteridade*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora:UFJF, 1º semestre de 2005, 135 p.

JANELA INDISCRETA. Direção: Alfred Hitchcock. John Michael Hayes. Estados Unidos, 1954. 112 min. Inglês. Cor.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEONI. *Muito obrigado*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/leoni/muito-obrigado/>> Acesso em 25 de Jun 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª edição.

LOPES, Denílson. *A delicadeza: estética, experiência e paisagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; TOLENTINO, Eliana da Conceição; MARTINS, Anderson Bastos (Orgs.). *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 59 – 90.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 192 – 203.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e significado de identidade em política. Trad. Angela Lopes Norte. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>> Acesso em 29 de Abr. 2015.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2ª. ed. Niterói: EdUFF, 2001.

NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula. *Em torno Jacques de Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

NOLASCO, Edgar. *Perto do coração selbaje da critica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NUNES, Benedito. “A questão do outro em Heidegger”. In: *Natureza Humana* 3(1): 51-59, jan.-jun. 2001

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Boitempo, 1985.

RODRIGUES, Carla. *Feminino e Desconstrução. Duas palavras para o feminino: hospitalidade e responsabilidade*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993; tradução Milton Hatoum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. (*Humanitas*)

\_\_\_\_\_. *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios de literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. (*Humanitas*)

SEMÍRAMIS, Cynthia. Lembranças: vida universitária no governo FHC. In: Cynthia Semíramis – história dos direitos das mulheres (Blog pessoal) Disponível em: <https://cynthiasemiramis.org/2010/08/17/lembrancas-vida-universitaria-no-governo-fhc/> Acesso em: 28 de Abr. 2016.

SOUZA, Maria Conceição Carvalho de. *Vocação da palavra*. Belo Horizonte, 2009.

GEOGRAFIA OPINATIVA. *Cone-Sul*. Disponível em: <http://www.geografiaopinativa.com.br/2013/08/o-cone-sul.html>. Acesso em: 30 de Mai 2016.